

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

SUHELLEN SOUZA MARTINS

**CIDADE SONORA:
O POPULAR, O MASSIVO E A CULTURA LETRADA NAS ONDAS DA
RÁDIO EDUCADORA DE UBERLÂNDIA (1952-1969)**

UBERLÂNDIA – MG

2017

SUHELLEN SOUZA MARTINS

**CIDADE SONORA:
O POPULAR, O MASSIVO E A CULTURA LETRADA NAS ONDAS DA
RÁDIO EDUCADORA DE UBERLÂNDIA (1952-1969)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a qualificação no curso de Mestrado em História.

Linha de Pesquisa: História e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Newton Dângelo

UBERLÂNDIA – MG

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M386c
2017 Martins, Suhellen Souza, 1986-
 Cidade sonora : o popular, o massivo e a cultura letrada nas ondas da
 Rádio Educadora de Uberlândia (1952-1969) / Suhellen Souza Martins. -
 2017.
 106 f. : il.

 Orientador: Newton Dângelo.
 Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Uberlândia,
 Programa de Pós-Graduação em História.
 Inclui bibliografia.

 1. História - Teses. 2. Cultura popular - Uberlândia (MG) - História -
 Teses. 3. Rádio Educadora de Uberlândia (MG) - História - 1952-1960 -
 Teses. 4. Uberlândia (MG) - História - Teses. I. Dângelo, Newton. II.
 Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
 História. III. Título.

CDU: 930

SUHELLEN SOUZA MARTINS

**CIDADE SONORA: O POPULAR, O MASSIVO E A CULTURA LETRADA
NAS ONDAS DA RÁDIO EDUCADORA DE UBERLÂNDIA (1952-1969)**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Professor Doutor Newton Dângelo (Orientador)

Professor Doutor Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior (UFU)

Professora Doutora Sandra Sueli Garcia de Sousa (UFRRJ)

Dedico este trabalho a todos os entrevistados que me ajudaram nesta jornada, compartilhando suas experiências e; especialmente ao amigo Maurílio Catito (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho leva minha assinatura, mas contou com inúmeras mãos para ser realizado. Concluída a tarefa de pesquisa e escrita, tentarei enumerar aqueles que tornaram esta Dissertação possível. Assim, meus agradecimentos são para:

Os meus familiares, que me apoiaram mesmo sem compreender a dimensão acadêmica deste trabalho. O fato de acreditarem no meu potencial contribuiu demasiadamente para a conclusão de mais este desafio. Se no passado fui a primeira da família a concluir uma graduação, hoje sou a primeira com título de mestre.

O meu noivo Guilherme, companheiro de vida sempre paciente, dedicado e amoroso durante este percurso.

As minhas queridas Cíntia e Celiana, que apoiaram essa empreitada desde o início, acompanhando a elaboração do projeto e preparação para o processo seletivo. Sem o estímulo de vocês eu provavelmente teria desistido.

O professor Newton Dângelo, orientador desta pesquisa, que confiou no projeto e nos caminhos que escolhi para a escrita, sempre com sugestões pontuais e indicações preciosas para chegarmos a este resultado.

Os entrevistados, que abriram as portas de suas residências para uma desconhecida e toparam ingressar comigo nesta incrível viagem. Sem a ajuda de vocês este trabalho seria incompleto.

A minha filha-irmã, Hellen Cristina, que me ajudou na formatação do texto final. Mesmo com apenas treze anos você conseguiu arrasar, suprimindo a minha deficiência com as ferramentas do Word.

A equipe DIAND - Gianni, Luciana e Viviane – que me apoiou desde o início, permitindo o afastamento parcial das minhas atividades de trabalho, sem o qual não seria possível a conclusão desta dissertação.

A equipe do Arquivo Público Municipal, que ofereceu um suporte incrível em todas as minhas visitas ao acervo.

Os professores Florisvaldo e Lídia, pelas preciosas sugestões no exame de qualificação.

A professora Sandra, pela participação na Banca Examinadora.

*O que ofereço ao leitor é, em parte, uma
invenção minha, mas uma invenção
construída pela atenta escuta das vozes
do passado.*

Natalie Zemon Davis, 1987.

RESUMO

MARTINS, Suhellen Souza. **Cidade sonora: o popular, o massivo e a cultura letrada nas ondas da Rádio Educadora de Uberlândia (1952-1969)**. 2017. 104f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia.

Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória da Rádio Educadora de Uberlândia desde sua criação, em 1952, até o final da década de 1960, quando a televisão se estabelece na cidade. Busca compreender como a emissora se inseriu e ampliou seu espaço no ambiente cultural, social e político da cidade, que leituras ela fez de Uberlândia e seus habitantes e que modelo de radiofonia foi proposto por seus dirigentes. Utilizando como suporte documental artigos de jornais e revistas da época, depoimentos orais e scripts de programas radiofônicos, procura recompor os espaços de lazer e sociabilidade existentes no período e reconstituir as tensões em torno da criação da emissora. Procura, ainda, analisar as experiências radiofônicas de profissionais e ouvintes, dialogando com suas impressões e visões sobre a cidade e a radiodifusão, contribuindo para reflexão sobre os bastidores da emissora, além de trazer à tona personagens que colaboraram para o desenvolvimento da radiofonia uberlandense em seus tempos áureos. Também reflete sobre os elementos que compunham a programação da emissora, que investia em programas de auditório, shows de calouros e humorísticos, aproximando-se das camadas populares, ao mesmo tempo em que atendia aos anseios da elite intelectual, utilizando as crônicas radiofônicas como espaço para propagar a imagem de uma cidade moderna e de um povo solidário, trabalhador e civilizado, ditando padrões de comportamento à população e contribuindo para campanhas de moralização dos costumes.

PALAVRAS-CHAVE Rádio; memória; cultura popular; cultura de massa; cultura letrada;

ABSTRACT

MARTINS, Suhellen Souza. **Sounding city: the popular, the mass and the literate culture in the waves of Radio Educadora de Uberlândia (1952-1969).** 2017. 104f. Dissertation (Master in History) - History Institute, Federal University of Uberlândia.

This work aims to analyze the trajectory of Radio Educadora de Uberlândia from its inception in 1952 until the late 1960s when television settles in the city. It seeks to understand how the radio station was inserted and broadened its space in the cultural, social and political environment of the city, what readings it made of Uberlândia and its inhabitants and what model of radiophony was proposed by its leaders. Using documental articles from newspaper and magazines, oral testimonials and program scripts, it seeks to analyze the spaces of leisure and sociability existing in the period, as well as reconstituting the tensions surrounding the creation of the station. It also seeks to analyze the radio experiences of professionals and listeners, dialoguing with their impressions and visions about the city and the broadcasting, contributing to reflection on the backstage of the station, as well as bringing to the fore characters who collaborated for the development of “radiofonia uberlandense” in its golden times. It also reflects on the elements that made up the station's programming, which invested in auditorium programs, freshman and humorous shows, approaching the popular layers, while attending to the wishes of the intellectual elite, using the radio chronicles as space To propagate the image of a modern city and of a solidary, hard-working and civilized people, dictating behavior patterns to the population and contributing to moralizing campaigns of customs.

KEYWORDS Radio; memory; popular culture; mass culture; literate culture;

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Cine Teatro Uberlândia. Década de 1950.....	28
Imagem 2 – Baile no Uberlândia Clube. Década de 1950.....	30
Imagem 3 – 2º Edifício da Rádio Difusora de Uberlândia – Praça da República, nº 85.32	
Imagem 4 – Prédio da Rádio Educadora, na Rua Olegário Maciel, 323.....	45
Imagem 5 – O locutor da PRC-6, Eloy Costa.	48
Imagem 6 – Propaganda eleitoral de Moacyr Lopes de Carvalho.....	51
Imagem 7 – Inauguração da Rádio Educadora no prédio do Banco Mercantil.....	52
Imagem 8 – Casting da Rádio Educadora de Uberlândia. Década de 1950.	57
Imagem 9 – Organograma da emissora.	58
Imagem 10 – Carteira Profissional de Aníria Simão.....	62
Imagem 11 – Magda Santos no programa infantil “O mundo é das crianças”.....	65
Imagem 12– Matéria especial sobre a cantora Haydée Maria.....	69
Imagem 13 - Maximiliano Carneiro (no centro) com Agenor e Aníria Simão. Rádio Educadora. Década de 1950.	71
Imagem 14 – O personagem Papanatas nas páginas da Revista do Rádio.....	74
Imagem 15 – Programa de Auditório da Rádio Educadora de Uberlândia. Década de 1950.....	81
Imagem 16 – Antônio Lino e Alfredo Paniago: “Os Baluartes da Música Sertaneja”. Década de 1950.	83
Imagem 17 – Maranhão e Maranhense. Década de 1960.....	86
Imagem 18 – Folheto de divulgação da dupla “Maranhão e Maranhense”. Patrocínio da Oficina Rolex.....	86
Imagem 19 – Capa do disco “De mim para você”, do locutor Dantas Ruas.	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 -“EDUCADORA NO AR” : UMA NOVA EMISSORA ENTRA EM CENA NO COTIDIANO UBERLANDENSE	23
1.1 A “Cidade-Jardim” e seus espaços de lazer e sociabilidade em meados do século XX..	23
1.2 “Uberlândia já precisa de uma emissora que se coloque nessa altura” - estratégias e jogos de interesses em torno da nova estação de rádio uberlandense.....	38
CAPÍTULO 2 -REVIRANDO ARQUIVOS E MEMÓRIAS: HOMENS E MULHERES DO BROADCASTING	56
CAPÍTULO 3: “O QUE VAI PELA EDUCADORA”: UMA ANÁLISE DOS PROGRAMAS RADIOFÔNICOS	77
3.1 O “Palácio” é popular: os programas de auditório e a figura do caipira na programação da emissora	77
3.2 Progresso e civilidade nas crônicas radiofônicas de Dantas Ruas	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
FONTES	99
BIBLIOGRAFIA	101

INTRODUÇÃO

Partindo cada um do seu isolamento real, se encontram todos nesse território etéreo, nessa dimensão eletromagnética, nessa voz sem corpo que sussurra suave vinda de um aparato elétrico no recanto mais íntimo do lar, repousando sobre uma toalhinha de renda caprichosamente bordada, e ecoando no fundo da alma dos ouvintes, milhares, milhões, por toda parte e todos anônimos. O rádio religa o que a tecnologia havia separado. Era um modo de remeter a um recôndito familiar das tradições e das memórias um artefato moderno e de efeito arrebatador. Cada um põe naquela voz aliciante o rosto e o corpo dos seus sonhos.

NICOLAU SEVCENKO, 1998.

As últimas décadas foram marcadas por uma grande transformação nas pesquisas historiográficas, especialmente se considerarmos que os aspectos culturais das relações humanas passaram a ocupar lugar de destaque, o que fomentou uma ascensão significativa dos estudos sobre as mentalidades, as representações, o cotidiano, a produção e circulação dos artefatos e práticas culturais.

A partir dessas reflexões, compreendendo por cultura algo mais dinâmico e complexo, os historiadores abriram espaço para novos temas e novas abordagens, vislumbrando fontes e objetos de pesquisa até então ignorados como, por exemplo, o cinema, a televisão e, no nosso caso específico, o rádio.

Segundo Santiago Júnior, quando a historiografia começou a se ocupar da radiodifusão, uma interface de limites ainda inexplorados tomou forma. Ela foi incorporada como elemento da cultura social, não apenas como geradora e veiculadora de informação, mas como parte da estruturação das sociabilidades. Para o historiador, como veículo e suporte, o rádio permite aos pesquisadores o acesso “às representações com as quais as épocas trabalham, além de permitir sondar a historicidade dessas representações”.¹

Este “artefato moderno e de efeito arrebatador”, conforme caracteriza Sevcenko, trouxe diversas transformações nas relações sociais, encurtando a distância entre os indivíduos e alterando a noção de tempo, dada a velocidade da transmissão de informações.

¹ SANTIAGO JÚNIOR, F.C. Fernandes. História e Comunicação: a Rádio Pioneira de Teresina e seu público nos anos 1990. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides. SANTIAGO JÚNIOR, F.C. Fernandes (org.). **Rádio: Encruzilhada da história: rádio e memória**. Recife: Bagaço, 2006, p. 245.

A inauguração oficial da radiodifusão no Brasil ocorreu na comemoração do Centenário da Independência, em 1922. Na ocasião, a *Westinghouse* instalou uma emissora com um transmissor no alto do Corcovado e outro na Praia Vermelha, transmitindo diretamente do Teatro Municipal o pronunciamento do presidente da república Epitácio Pessoa e, no dia seguinte, a ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes.² Esta primeira experiência culminou em sua implantação definitiva, no ano seguinte, quando criada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por iniciativa dos pesquisadores Edgar Roquette-Pinto e Henrique Moritze.

A rádio educativa de Roquette-Pinto constituiu-se em um poderoso instrumento, com a finalidade de moldar a mentalidade e o comportamento do povo brasileiro ao lado de outras mídias, como jornais, livros e revistas. Mas a radiofonia tinha um *plus* que os demais meios não possuíam: alcançar um público que não dominava a linguagem escrita. O veículo, portanto, tornou-se fundamental na disseminação de um “pensamento científico” que, para além de ensinar a população conhecimentos básicos relacionados às diversas áreas do conhecimento, buscou instituir um modelo específico de escolarização, implicando a produção de conteúdos que se integravam aos processos de produção, circulação, consumo e apropriação de saberes padronizados, na tentativa de disciplinar o povo em torno de um ideal de brasilidade que se pretendia atingir.

Com o objetivo de levar educação e cultura àqueles que não tinham outros meios de acesso, a situação do rádio em seus primeiros anos não foi muito animadora. Nesta fase inicial o rádio se mantinha através de mensalidades pagas por aqueles que possuíam aparelhos receptores, por doações e, raramente, pela inserção de anúncios pagos. Nas palavras de Renato Murce, a elite intelectual pretendia:

[...] impor o rádio apenas como veículo de um tipo de cultura, com uma programação quase que só de música chamada erudita (da qual quase ninguém gostava), conferências maçantes, palestras destituídas de qualquer interesse, enfim, um rádio sofisticado de meia dúzia de ‘crentes’, não atingindo a massa. O magnífico *slogan* de Roquette-Pinto – ‘Trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil’ – não permitia que se popularizasse o rádio, tal como ele precisava para se expandir. Nada de publicidade, nada de música popular (em samba, então, nem era bom se falar), nada daquilo que, de algum modo, desvirtuasse ou atingisse as boas intenções do programa traçado na famosa divisa.³

²MURCE, Renato. **Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p.17-8.

³ Idem, p.19.

Analizando a experiência narrada pelo radialista, verifica-se que a proposta de utilização do rádio como meio para disseminar um modelo específico de cultura defendido pelas elites não ganhou muitos admiradores, mas apenas “uma meia dúzia de crentes”. Sem propagandas e músicas que agradassem ao “povo”, a radiofonia não conheceu grandes avanços na década de 1920.

Para o sociólogo Renato Ortiz, até meados de 1935 a radiofonia se organizava em termos não comerciais. A introdução dos rádios de válvula⁴ e a permissão da publicidade, ocorrida na década de 1930, foram os fatores responsáveis por sua difusão, ampliando consideravelmente seu público ouvinte. No mesmo sentido, Gisela Ortwriano entende que a chegada dos comerciais, de fato, transformou o novo meio de comunicação:

O que era “erudito”, “educativo”, “cultural” passa a transformar-se em “popular”, voltado ao lazer e à diversão. O comércio e a indústria forçam os programadores a mudar de linha: para atingir o público, os “reclames” não podiam interromper concertos, mas passaram a pontilhar entre execuções de música popular, horários humorísticos e outras atrações que passaram a dominar a programação.⁵

Assim, a partir da década de 1940, o rádio embalou os sonhos e instigou a imaginação individual e coletiva em âmbito nacional, assumindo o papel de “companheiro de todas as horas” e porta-voz de novas formas de sociabilidade, além de símbolo do progresso da nação.

A nova tecnologia se consolidou como o primeiro meio de comunicação de massa no país⁶, exercendo importante papel no governo de Getúlio Vargas que, durante do Estado Novo (1937 – 1945), assume o controle da maior emissora de rádio brasileira, a Rádio Nacional.⁷

A *Nacional* foi fundada em 1936 pelos dirigentes do jornal carioca *A noite*, tornando-se a primeira emissora de rádio a ter alcance em praticamente todo o território brasileiro, sendo incorporada ao patrimônio da União em 1940. Com o prefixo PRE-8,

⁴ Os primeiros rádios produzidos eram denominados “de galena” ou “de cristal”, pois tinham como elemento principal, um cristal de galena (um derivado de chumbo) que detectava as ondas hertzianas. Com a introdução das válvulas de triodo, a transmissão é melhorada e a produção dos aparelhos de rádio aumenta.

⁵ ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985, p.15.

⁶ Consideramos que a imprensa escrita, apesar de consolidada, não atingia grande parte da população, devido ao alto índice de analfabetismo do país. Neste sentido, assim como Ortiz, entendemos que as atividades vinculadas a uma cultura popular de massa no Brasil só se apresentam com a consolidação do rádio no país a partir da década de 1940, especialmente com a introdução das radionovelas, em 1941. ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 38 et. seq.

⁷ Sobre a emissora, ver: SAROLDI, Luiz Carlos & MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional de Música/Divisão de Música Popular, 1984.

tornou-se verdadeiro símbolo da chamada “Era de Ouro” do Rádio. Nas décadas de 1940 e 1950 sua programação foi líder de audiência, sendo transmitida em todo o país. A emissora foi pioneira em programas de auditório, radionovelas e humorísticos, lançando a carreira de inúmeros artistas, cantores e cantoras, que se tornaram ídolos nacionais.

Em virtude do seu destaque no cenário nacional e da preservação de um vasto acervo documental conservado pelo Museu de Imagem e Som do Rio de Janeiro, muitas pesquisas acadêmicas tiveram na Rádio Nacional seu principal objeto de pesquisa, o que resultou em trabalhos pioneiros e de grande expressão sobre a radiofonia brasileira. Dentre estes, destacamos a obra de Miriam Goldfeder, *Por trás das ondas da Rádio Nacional*, publicada no início da década de 1980.

Em uma análise pioneira sobre a emissora e seu aparato ideológico, a socióloga constrói seu debate em torno do popular enquanto conceito ligado à ideologia das camadas dominadas e rejeita a tese de que o papel da emissora foi de simples manipulação junto às massas, demonstrando que o desempenho da rádio era muito mais complexo e que os ouvintes possuíam mecanismos próprios de intervenção em sua programação. Para ela, “o controle exercido por esses mecanismos culturais esteve longe de exercer-se forma hegemônica”.⁸

Na historiografia brasileira, um dos primeiros pesquisadores a iniciar uma pesquisa mais sistemática sobre o rádio foi Alcir Lenharo. Em *Cantores do Rádio – A trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo*, o autor utiliza-se dos cantores de rádio para captar a essência dos anos 1940-50, analisando a vida noturna e artística da Lapa.

A análise de Lenharo é feita sob a perspectiva do olhar do artista, que possibilita pensar a capital carioca como plural e em constante movimento. Expondo a dinâmica desgastante do artista de rádio e as constantes contradições vividas por estes personagens, vários aspectos surgem em um diálogo constante entre as trajetórias de Nora Ney e Goulart, como as influências musicais, o início da carreira, o cotidiano nas rádios e na noite carioca e rigor moral da época. Como um alerta aos pesquisadores, o autor afirma que é necessário “levantar o véu que cobre os anos 50, na sua versão massiva e duvidar da rapidez com que se fala dos cantores de rádio, assim como suas músicas são lançadas no esquecimento”.⁹

⁸ GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p.13.

⁹ LENHARO, Alcir. **Cantores do Rádio – A trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995, p. 9.

Em Uberlândia, o fenômeno da radiodifusão tem início em 1939 com a fundação da Rádio Difusora, prefixo PRC-6. A emissora se manteve única na cidade até a chegada da Rádio Educadora, prefixo ZYV-38, no final de 1952.¹⁰

Para conquistar a preferência dos ouvintes, ambas buscavam inspiração e, inclusive, talentos advindos das emissoras cariocas e paulistas, com o objetivo de vencer a concorrência e conseguir, através de sua programação diária, atingir os mais variados públicos e integrar seu cotidiano.¹¹

Percorrendo os jornais e revistas locais que circulavam nas décadas de 1950/60, é possível identificar diversos elementos que demonstram a importância das emissoras no cenário sociocultural da cidade. Suas páginas frequentemente se ocupavam em informar, elogiar ou criticar a programação das emissoras locais, que possuía desde as apresentações de grandes artistas nacionais, programas de calouros, radionovelas, crônicas sobre o cotidiano, humorísticos e artistas locais, até a promoção de atividades esportivas, como corrida de bicicletas. Também era comum a presença das emissoras na transmissão de shows e eventos ocorridos nos clubes da cidade e a participação na promoção de atividades em datas comemorativas, como no Carnaval e nas Festas Natalinas.

Pesquisa pioneira sobre a radiofonia local, a tese de doutorado do historiador Newton Dângelo, intitulada “Vozes da cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio - Uberlândia - 1939/1970”¹², buscou romper com as concepções que reforçam uma dimensão de análise meramente técnica e estética do rádio, traçando as relações estabelecidas entre este meio e as demais modalidades de comunicação impressa e oral desde o início do século XX. Assim, o autor analisou como as emissoras da cidade, especialmente a Rádio Difusora, passaram a integrar diferentes formas de lazer, entretenimento, informação e sociabilidade, em meio àquelas existentes, como os cinemas, jornais, revistas, folhetins, correios, telégrafo e telefone.

¹⁰ No final da década de 1950 a cidade já possuía quatro emissoras: Difusora, Educadora, Bela Vista e Cultura.

¹¹ Segundo Agnes Heller, a vida cotidiana ocupa o centro do acontecer histórico, pois ela é a verdadeira essência da substância social. “São partes orgânicas da vida cotidiana: a organização do trabalho e da vida privada, os lares e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação”. HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000, p. 18.

¹² A tese culminou na publicação de duas obras: DÂNGELO, Newton. **Aquele povo feliz, que ainda não sonhava com a invenção do rádio: cultura popular, lares e sociabilidade urbana – Uberlândia – 1900-1940**. Uberlândia: EDUFU, 2005; DÂNGELO, Newton. **Vozes da cidade: rádio e cultura popular urbana em Uberlândia-MG 1939/1970**. Uberlândia, EDUFU, 2012.

No diálogo com diversas fontes, além de perceber como o rádio incorporou as contradições entre o rural e o urbano existentes na cidade, o historiador recompôs memórias e percepções da trajetória da radiofonia local, bem como sua utilização nas intenções de moralização de costumes e construção de identidades urbanas.

Para Dângelo, as autoridades definiram um papel específico a ser desempenhado pela PRC-6, de “proporcionar a divulgação do progresso uberlandense e de uma identidade para seus habitantes como povo ordeiro e trabalhador, guiado pelas ações altruísticas e civilizatórias das elites locais e da cultura letrada”.¹³

O discurso progressista uberlandense esteve em consonância com o cenário político-cultural nacional da época. As políticas desenvolvimentistas, de industrialização e integração nacional estiveram presentes principalmente nos anos 1950, sendo fortemente exploradas durante o governo de Juscelino Kubitschek e permanecendo na agenda política do país durante o Governo Militar.¹⁴ O sentimento nacional de “progresso para todos” não se manifestou somente no âmbito político, chegando aos ouvidos de todo o país pela radiodifusão.

A partir da iniciativa do pesquisador Newton Dângelo, algumas pesquisas sobre a radiofonia na cidade foram realizadas, principalmente após a catalogação dos acervos da Rádio Difusora e Rádio Educadora, localizados no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia, CDHIS/UFU¹⁵, e do acervo Dantas Ruas¹⁶, no Arquivo Público Municipal. Todavia, considerando a quantidade de material existente e a riqueza das fontes documentais, nota-se que tais acervos ainda foram pouco explorados pelos pesquisadores. Ademais, a maioria dos trabalhos acadêmicos desenvolvidos voltaram seus olhares para a Rádio Difusora, primeira emissora na cidade, fazendo pouca ou nenhuma referência às emissoras concorrentes.¹⁷

¹³ DÂNGELO, Newton. Entre alto-falantes e o amigo de todas as horas. In: Diogo de Souza Brito; Eduardo Moraes Warpechowshi. (Org.) **Uberlândia revisitada: memória, cultura e sociedade**. Uberlândia: EDUFU, 2008, v. 1, p. 334.

¹⁴ MACHADO, Maria Clara Tomaz. “Há serpentes no paraíso”. In: SOLLER, Maria Angélica & MATOS, Maria Izilda S. (orgs.). **A cidade em debate**. São Paulo: Olhos D’Água, 1999, p. 182.

¹⁵ Acervo Discográfico Geraldo Mota Baptista – Rádio Difusora – 10.000 discos de 78 rpm, entre 1930/70; Acervo Discográfico Rádio Educadora – 7.000 discos de 78 rpm, entre 1950/80; as coleções, disponibilizadas para pesquisa são formadas por um rico material sonoro, composto por músicas de diversos gêneros, vinhetas, anúncios publicitários e outras gravações que foram produzidas no período.

¹⁶ A coleção é composta por crônicas escritas e lidas ao microfone da Rádio Educadora, além de Scripts de novelas de rádio e televisão, cartas de ouvintes e scripts de programas diversos.

¹⁷ Dentre as pesquisas realizadas sobre a radiofonia uberlandense, podemos citar: SILVA, Celiana Lima de Carvalho. **Do Rádio à televisão: transformações da cultura popular urbana em Uberlândia-1950-1970**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia; COSTA, Laura Junqueira Curado Fleury. **A fundação da Rádio Difusora e suas repercussões na mídia impressa de Uberlândia-MG (1939-1950)**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação

Foi a partir desta constatação que iniciei as primeiras visitas ao Arquivo Público e, ao me debruçar sobre os jornais, scripts de programas e fotografias da época, percebi que o material catalogado revelava muitos elementos sobre a atuação da Rádio Educadora nos tempos áureos da radiofonia na cidade de Uberlândia.

As inúmeras menções à “caçulinha”¹⁸, com elogios constantes sobre sua programação e seu quadro artístico trouxeram algumas inquietações. Até que ponto a Rádio Educadora, na década de 1950, reproduziu o modelo radiofônico da PRC-6, a veterana Rádio Difusora? Houve, de fato, inovação no rádio local, a partir do estabelecimento da concorrência entre as duas emissoras? Em que medida a programação da Educadora contribuiu para o propósito elitista de urbanização e modernização da cidade? Que personagens faziam parte do *casting* da emissora? Quais modelos de comportamento eram veiculados em suas ondas hertzianas? Em suma, como a ZYV-38 se relacionava com a cidade e seus ouvintes?

Diante de tantos questionamentos, busquei analisar a trajetória da Rádio Educadora na cidade de Uberlândia, desde a sua fundação, em 1952, até o final da década de 1960, momento em que o rádio começa a adaptar sua programação diante da concorrência estabelecida pela televisão, que chega à cidade em 1964. Partindo deste recorte, tentei compreender como a emissora se inseriu e ampliou seu espaço no ambiente cultural, social e político da cidade, que leituras ela fez de Uberlândia e seus habitantes e que modelo de radiofonia foi proposto por seus dirigentes.

Os trabalhos que possuem como objeto de pesquisa a radiodifusão enfrentam como principal problema o caráter efêmero de suas fontes. A produção radiofônica durante a chamada “Época de Ouro do Rádio” era imediatista. Os programas eram realizados ao vivo e, salvo raras exceções, não existem gravações dos mesmos. Também são poucos os documentos escritos que trazem à tona elementos que contribuam para uma possível construção de uma história do rádio.¹⁹

em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia; MORAIS, Rodrigo de Paula. **Rádio Difusora de Uberlândia: quem tem voz**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia; VIEIRA, Mitsko Ota. **História da radionovela em Uberlândia - 1940-1960**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia; MEDEIROS, Láine Francisca. **Música e Propaganda na Rádio Difusora de Uberlândia: 1940/1970**. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) – Universidade Federal de Uberlândia.

¹⁸ O adjetivo “Caçulinha” foi atribuído à Educadora até 1959. Na década de 1960 os impressos utilizavam tal expressão para designar a Rádio Cultura, enquanto a Rádio Educadora era chamada de “queridinha” e a Difusora, “veterana”.

¹⁹ Cf. CALABRE, Lia. A Era do Rádio – Memória e História. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História**. João Pessoa, 2003.

Neste sentido, dialogamos com diversas fontes que permitiram a construção desta narrativa historiográfica. As notícias que circulavam sobre a emissora na mídia impressa²⁰ e o diálogo com os scripts de programas radiofônicos contribuíram para pensar as noções de modernidade, progresso, civilidade e moralidade que permeavam as relações sociais estabelecidas na cidade neste período.

Além da imprensa e dos programas radiofônicos, os depoimentos daqueles que experimentaram o auge da radiofonia uberlandense, foram úteis para compreender em que medida a Rádio Educadora ainda ocupa um lugar na memória de seus ouvintes e profissionais. Que olhares são lançados para este passado? Como tais olhares podem contribuir para pensar a função ocupada pela emissora na cidade? Tais relatos revelaram, mais que acontecimentos, um conjunto de percepções e representações inacessíveis quando da análise das fontes escritas.

Lidar com as especificidades metodológicas da História Oral ²¹ foi um grande desafio para esta pesquisa. Após inúmeras buscas, vários desencontros e algumas negativas, realizamos doze entrevistas, com relatos de profissionais, familiares de radialistas já falecidos e ouvintes que contribuíram diretamente para construção desta narrativa sobre os tempos áureos da radiofonia uberlandense.

Foram entrevistados: a pianista Cora Pavan Capparelli, que teve passagens pela Rádio Educadora; Os radialistas Maurílio Catito, Josué Borges de Santana, Odival Ferreira e Ademir Reis, profissionais que iniciaram suas carreiras como locutores nas décadas de 1950/1960; Luzia Donato, proprietária de uma loja de discos e ex-locutora na ZYV-38 na década de 1960; Gregório José Lourenço e Luciene Simão, filhos dos radialistas falecidos Agenor e Aníria Simão; Antônio Pereira da Silva, memorialista, colecionador e pesquisador da música popular brasileira; Antônio Lino Alves, ex-cantor sertanejo, que tinha programa na emissora; Os ouvintes Fátima Zuquete Silva e Sandoval da Silva.

As entrevistas resultaram em mais de doze horas de gravações, posteriormente transcritas e analisadas, em cruzamento com imagens e documentos escritos. No tratamento das fontes orais encontramos apoio nas reflexões de Halbwachs, Lazano,

²⁰ Foram consultados, principalmente, os acervos dos jornais “Correio de Uberlândia”, “O Repórter” e as revistas “Uberlândia Ilustrada”, “Sereia” e “Elite Magazine”, disponíveis para consulta no Arquivo Público Municipal. Ver descrição completa das fontes ao final deste trabalho.

²¹ LAZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. 8ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. xvi.

Rouso e, principalmente, Portelli, ao entendermos que tais fontes “contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”.²² Estas memórias individuais assumem uma dimensão coletiva, uma vez que frequentemente buscam como referência pontos externos ao sujeito.²³

Como nossa temática se insere no campo teórico e metodológico ligado aos Estudos Culturais e à análise das tecnologias desenvolvidas durante o século XX, especialmente no que se refere à comunicação de massa, é fundamental que façamos uma incursão sobre alguns dos conceitos norteadores, que serviram de pressupostos para a escrita deste trabalho.

Sobre o conceito de cultura, Raymond Williams ressalta que:

há certa convergência prática entre (i) os sentidos antropológico e sociológico de cultura ‘como modo de vida global’ como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social, e (ii) o sentido mais especializado de cultura como ‘atividades artísticas e intelectuais’, agora definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as ‘práticas significativas’ – desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade – que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso.²⁴

A complexidade e extensão deste campo trouxeram dificuldades para que os teóricos dos Estudos Culturais adotassem uma definição de “cultura”, sob o risco de tornar tal conceito muito amplo ou, ao contrário, limitá-lo demasiadamente. Neste sentido, nos aproximamos de Raymond Williams, segundo o qual a cultura passa a ser “[...] todo um modo de vida que não é apenas maneira de encarar a totalidade, mas ainda maneira de interpretar toda a experiência comum”²⁵, mas dialogamos também com Stuart Hall. Na visão deste último, a cultura é um processo:

A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento de tradição enquanto “o mesmo em mutação” e de um conjunto reflexivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos de nossas tradições. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar.²⁶

²² PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, (14), fev. 1997, p. 31.

²³ Neste sentido, ver: HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

²⁴ WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 13.

²⁵ _____. **Cultura e Sociedade: 1980-1950**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969, p. 20.

²⁶ HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 43.

Entendendo cultura como processo dinâmico, desconstruímos as tradicionais noções de cultura popular e cultura letrada, como conceitos dissociados, fechados em si mesmos. Mais uma vez, dialogamos com Hall ao compreendermos que o essencial em uma definição de cultura popular “são as relações que a colocam em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante”.²⁷

De forma semelhante, Nestor Garcia Canclini defende a possibilidade de construir uma nova perspectiva de análise sobre a cultura popular, “levando em conta suas interações com a cultura de elite e com as indústrias culturais”.²⁸

No que concerne ao conceito de Indústria Cultural, expressão cunhada por Theodor Adorno e Max Horkheimer, apesar de reconhecermos a importância da análise frankfurtiana e sua leitura crítica sobre meios de comunicação considerados “modernos” ao partirem do pressuposto de que estas tecnologias alimentam o sistema capitalista, entendemos que a atribuição de um caráter industrial à cultura de massas não deve significar uma visão reducionista, implicando uma relação exclusivamente de dominação /alienação entre os *mass media* e seus “receptores”.²⁹

Assim, pensamos o rádio não apenas como produto de mercado, tecnologia utilizada somente como uma ferramenta de controle útil às classes dominantes, mas como parte integrante dos conflitos e tensões existentes nas relações sociais. Para tanto, dialogamos com Martín-Barbero, que propõe uma reflexão sobre a cultura massiva não como um mero mecanismo de comunicação, mas como uma nova forma de sociabilidade e de mediação cultural:

Partindo-se daí, descobrir-se-ia não só que a cultura massiva não ocupa uma e somente uma posição no sistema das classes sociais, mas que no próprio interior dessa cultura coexistem produtos heterogêneos, alguns que correspondem à lógica do expediente cultural dominante, outro que corresponde às demandas simbólicas do espaço cultural dominado.³⁰

De forma semelhante, Nestor Garcia Canclini também foge de uma visão unilateral da comunicação sem, contudo, descartar o uso do conceito de indústria cultural:

A noção de ‘indústrias culturais’, útil aos frankfurtianos para produzir estudos tão renovadores quanto apocalípticos, continua servindo quando queremos nos referir ao fato de que cada vez mais bens não são gerados artesanal ou

²⁷ Idem, p. 241.

²⁸ CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998, p. 215.

²⁹ Ver: Adorno, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

³⁰ MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 311.

individualmente, mas através de procedimentos técnicos, máquinas e relações de trabalho equivalentes aos que outros produtos da indústria geram; entretanto, esse enfoque costuma dizer pouco sobre o que é produzido e o que acontece com os receptores.³¹

Também no que se refere aos estudos dos meios de comunicação de massa e suas relações com a cultura popular, o historiador Roger Chartier alerta os pesquisadores sobre a necessidade de novas perspectivas de análise, considerando elementos para além da ideia de submissão do ouvinte / receptor em relação à mensagem produzida e veiculada pelos *mass media*. Segundo ele, “a vontade de inculcação de modelos culturais nunca anula o espaço próprio de sua recepção, do seu uso e da sua interpretação”.³²

Por fim, buscamos apoio nas reflexões de Dângelo, quando entendemos que a radiofonia também não pode ser analisada de forma dissociada dos demais elementos socioculturais que compõem a cidade, pois integram um cenário urbano muito mais amplo, uma complexa teia, da qual fazem parte tanto o espaço público quanto o privado. Tal abordagem contribui para uma análise da radiofonia que extrapola sua dimensão tecnológica, considerada demasiadamente restrita. Neste sentido, privilegiamos uma dimensão que incorpora a radiofonia “às diferentes formas de circulação de informações, às mudanças e conservações de hábitos de consumo, valores, comportamentos, linguagens e à afirmação de espaços e equipamentos de lazeres e distrações”.³³

Diante de tais perspectivas, dividimos este estudo em três momentos. No primeiro capítulo, inicio uma análise sobre o contexto de surgimento da Rádio Educadora de Uberlândia, começando pela busca dos espaços de lazer e sociabilidade existentes na sociedade uberlandense nas décadas de 1950 e 1960, analisando as tensões e disputas ocorridas em torno de sua criação.

No segundo capítulo, busquei trazer à tona as personagens que fizeram parte do *casting* da Rádio Educadora e as experiências por eles vivenciadas ao se constituírem como artistas do rádio local, as relações de trabalho e amizade nos bastidores da emissora e, ainda, de que forma ela ocupa espaço na memória daqueles viveram sua época áurea.

No terceiro e último capítulo, tentei refletir sobre como a emissora inseriu em sua programação elementos da cultura popular, especialmente ao fazer uso da figura e linguagem caipira em seus programas de auditório e de humor. Nas crônicas radiofônicas,

³¹ CANCLINI, Nestor Garcia, op. cit., p. 257.

³² CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 186.

³³ DÂNGELO, Newton, Vozes da Cidade [...] op. cit., p. 19.

busquei analisar, dentre outras questões, que mensagens a Rádio Educadora queria transmitir aos seus ouvintes e quais representações foram elaboradas sobre a cidade e seus habitantes.

CAPÍTULO 1 -“EDUCADORA NO AR” ³⁴: UMA NOVA EMISSORA ENTRA EM CENA NO COTIDIANO UBERLANDENSE

Poderá o leitor perguntar: E a Educadora, o que faz? Por enquanto, ninguém sabe. Somente que transmite em caráter experimental. Quando soltar a bomba, será das maiores, e de fazer inveja à bomba de hidrogênio.

CORREIO DE UBERLÂNDIA, 12/01/1953.

1.1 A “Cidade-Jardim” ³⁵ e seus espaços de lazer e sociabilidade em meados do século XX.

Se caminharmos em direção à região central da cidade de Uberlândia, especialmente ao longo da Avenida Afonso Pena e no entorno da Praça Tubal Vilela, em meio a tantos pedestres que transitam rapidamente pelas calçadas e ao *vai-e-vem* de veículos em horário comercial, não conseguiremos identificar muitos elementos que ajudem a recompor a paisagem urbana nas décadas de 1950/60.

Inversamente, o esvaziamento destas mesmas ruas e calçadas aos finais de semana, principalmente aos domingos, também revela pouco sobre as formas de lazer e os espaços de sociabilidade experimentados pelos uberlandenses e seus visitantes em um período marcado pelo *footing* (passeios), sessões de cinema, bailes e programas de auditório nas emissoras de rádio da cidade.

Na tentativa de recompor tal cenário, devemos nos ater aos fragmentos de memória ³⁶ desvelados pelos relatos orais daqueles que vivenciaram tal período, pelos

³⁴ Nome dado a uma coluna publicada no jornal *Correio de Uberlândia*, nos primeiros meses de atuação da emissora, destinada à divulgação de sua programação.

³⁵ Segundo Soares, em meados das décadas de 1930/40, Uberlândia foi popularmente denominada de Cidade-Jardim, “em função do intenso controle de sua feição urbana, fosse pela limpeza de suas avenidas e ruas; do extremo cuidado com as moradias e prédios comerciais, ou pela existência de inúmeras praças e jardins.” SOARES, Beatriz Ribeiro. **Uberlândia: da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado – imagens e representações no Triângulo Mineiro**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995, p. 92.

³⁶ Henry Rousso define a memória como uma “reconstrução psíquica e intelectual, que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.” ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. 8ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 94.

recortes de jornais, pelas fotografias antigas e, quem sabe assim, conseguiremos captar uma possível versão da história³⁷, um olhar sobre a cidade e seus aspectos cotidianos.

Do diálogo com as diversas fontes que revelam o passado histórico de uma cidade ainda “menina”³⁸ é possível traçar uma linha comum, uma característica essencial que permeia a trajetória da antiga Uberabinha³⁹: o anseio pelo progresso.

O discurso modernizante, a busca incessante pelo desenvolvimento e o ideal civilizatório defendido pelas elites locais integram o processo de reordenamento do espaço urbano, iniciado a partir da instalação da estação ferroviária Companhia Mogiana, em 1895, quando comerciantes e moradores que viviam no bairro Fundinho começaram a se deslocar para a região norte da cidade, onde hoje se localiza a Praça Sérgio Pacheco.

O engate econômico da futura Uberlândia se deu, segundo Guimarães, com a contemplação pelo Governo Federal, da construção da Ponte Afonso Pena, em 1909:

Esta ponte, erguida com recursos públicos, sobre um dos principais obstáculos naturais, o grande leito fluvial do Rio Paranaíba, foi responsável por colocar em estreito contato de comércio o Triângulo Mineiro com todo o sudoeste de Goiás. Ou seja, Uberabinha, como simples estação intermediária da ferrovia, poderia ter perdido o bonde da história regional, como Sacramento e Conquista. Assim, se não fosse esse benefício governamental que a permitiu exercer a decisiva função de terminal rodoferroviário, mesmo com os trilhos já tendo avançado no sentido de Araguari e depois para Goiandira e Anápolis, esta dificilmente ocuparia uma posição logística tão diferenciada.⁴⁰

Ainda segundo o economista, a cidade só assume o domínio econômico da região do Triângulo Mineiro a partir de 1913, com a construção da Companhia Mineira de Auto Viação Intermunicipal, empreendimento privado de uma ligação por estrada de rodagem, ligando o município à referida ponte. Este tripé, ferrovia-rodovia-Ponte Afonso Pena, fez de Uberlândia o principal entreposto comercial regional.

³⁷ Neste caso, é interessante a incursão de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, sobre a dimensão inventiva do trabalho historiográfico. Embora a narrativa histórica não possa jamais ter a liberdade de criação de uma narrativa ficcional, ela nunca poderá se distanciar do fato de que é narrativa e, portanto, guarda uma relação de proximidade com o fazer artístico, quando recorta seus objetos e constrói, em torno deles, uma intriga. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da História**. Bauru: Edusc, 2007.

³⁸ Referência ao documentário “Uberlândia, Cidade Menina” (1941), produzido pela Companhia Cinematographica do Rio de Janeiro é considerado único registro em vídeo sobre o período. Com forte discurso desenvolvimentista, revela, dentre outros elementos, o comércio e a estrutura urbanística da cidade, as obras de saneamento básico que começavam a ser instaladas, além dos passeios na antiga Praça da República e a construção da Igreja Matriz.

³⁹ Com o nome de Nossa Senhora do Carmo e, posteriormente, São Pedro do Uberabinha, a cidade foi distrito de Uberaba até 1888. Emancipada, tornou-se Uberabinha. Em 1929, o município recebeu o nome de Uberlândia.

⁴⁰ GUIMARÃES, Eduardo Nunes. **Formação e desenvolvimento econômico do Triângulo Mineiro: integração nacional e consolidação regional**. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 80.

As transformações urbanas se acentuaram durante a década de 1940, com a instalação de algumas fábricas e aumento das atividades comerciais, em consonância com a política da “Marcha para o Oeste”, adotada durante o Estado Novo. A localização geográfica privilegiada transformou a cidade em um ponto estratégico, ligando o Sudeste ao Centro-Oeste:

O núcleo urbano de Uberlândia teve sua dinâmica econômica assentada em múltiplas funções. Era o centro administrativo dos pedágios cobrados nas rodovias e localização do comércio atacadista regional, das atividades de beneficiamento de cereais e pecuários, engendrando um promissor potencial acumulativo.⁴¹

O crescimento populacional do município contribui para compreendermos as mudanças ocorridas na urbe. Se comparada à Uberabinha da década de 1920, Uberlândia praticamente dobrou sua população na década de 1940, chegando a marca de 42.179 habitantes, dos quais cerca de 15.192 viviam na zona urbana da cidade.⁴²

Na década seguinte, Uberlândia foi palco de um considerável desenvolvimento econômico, reflexo das políticas desenvolvimentistas nacionais, como a retomada dos projetos de transferência da capital federal para o interior do país e o consequente investimento rodoviário, projetos que marcaram a agenda política do governo de Juscelino Kubitschek.

Durante a década de 1950, portanto, a cidade parecia vivenciar o clima otimista presente na agenda nacional, em que o país estaria a poucos passos de se tornar uma nação moderna, “uma nova civilização nos trópicos, que combinava a incorporação de conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços de caráter que nos singularizavam como povo: a cordialidade, a criatividade e a tolerância”.⁴³

Este clima otimista, por outro lado, não escondia as contradições existentes na cidade que, segundo Guimarães⁴⁴, ainda enfrentava dificuldades com a precarização das rodovias e do fornecimento de energia elétrica.

A modernidade e o progresso almejado pelas elites também não eram condizentes com as ruas estreitas e tortuosas do antigo centro comercial, originado de forma

⁴¹ Idem, p. 105.

⁴² Dados extraídos do Censo Demográfico de 1940 – Minas Gerais. IBGE (1950). In: GUIMARÃES, Eduardo Nunes, op. cit., pp. 92 e 98.

⁴³ MELLO, João M. C. de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARZ, L.M. (org) **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 4, p. 560.

⁴⁴ GUIMARÃES, Eduardo Nunes, op. cit., p. 118.

desordenada, refletindo um “passado rural” e arcaico ⁴⁵, que deveria ser substituído por uma cidade planejada, limpa e organizada.

Assim, como forma de abandonar sua “velha roupagem”, a cidade foi remodelada. As avenidas foram projetadas segundo parâmetros urbanísticos modernos, com traçado quadriculado. Criou-se então uma nova área central, com cinco largas e extensas avenidas paralelas: Afonso Pena, Floriano Peixoto, Cipriano Del Fávoro, João Pinheiro e Cesário Alvim. O projeto elaborado pelo engenheiro Mellor Ferreira Amado, entre 1907 e 1908, seguiu um modelo urbanístico adotado em várias cidades brasileiras e americanas no início do século XX, e seu principal objetivo era “criar uma cidade cuja imagem expressasse a modernidade e a ordem, em um espaço urbano homogêneo e asséptico, que não se assemelhasse ao velho Fundinho”. ⁴⁶

Com o novo planejamento urbano, as avenidas Afonso Pena e Floriano Peixoto passaram a abrigar os principais estabelecimentos comerciais da cidade, com suas lojas, cinemas, bares e confeitarias, enquanto nas avenidas João Pinheiro e Cipriano Del Fávoro instalaram-se as luxuosas residências da elite local.

Neste cenário, a preocupação com a manutenção de uma paisagem limpa e ordeira recebe destaque. A cidade, que em meados dos anos 1960 já era provida de calçamento e asfalto em suas principais avenidas, contava com abastecimento de água, iluminação pública nas áreas centrais, e esboçava a edificação de seus primeiros *arranha-céus*, deveria prezar pelo seu codinome, Cidade-Jardim:

Mediante ao trinômio: beleza, ordem e limpeza; as elites e a imprensa local conclamavam e, concomitantemente, impunham à sociedade em geral, por meio do poder público, medidas saneadoras, por exemplo, a obrigatoriedade de que as fachadas dos prédios privados fossem anualmente pintadas; a proibição de jogar lixo nas ruas e a determinação de que edifícios considerados velhos e mal conservados fossem demolidos. ⁴⁷

No mesmo sentido, para contribuir com o embelezamento da cidade, as praças e jardins públicos recebiam atenção especial. Em meados do século XX, as praças da República e Antônio Carlos, atualmente Tubal Vilela e Clarimundo Carneiro, possuíam destaque no cenário uberlandense, uma vez que no seu entorno se localizavam os grandes

⁴⁵ “A vida da cidade atrai e fixa porque oferece melhores oportunidades e acena um futuro de progresso individual, mas, também, porque é considerada uma forma superior de existência. A vida do campo, ao contrário, repele e expulsa.” MELLO; NOVAIS, *op. cit.*, p. 574.

⁴⁶ SOARES, *op. cit.*, p.86.

⁴⁷ OLIVEIRA, Júlio César de. **Ontem ao luar: o cotidiano boêmio da cidade de Uberlândia (MG) nas décadas de 1940 a 1960**. Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 38.

pontos de referência da cidade, como a Matriz de Santa Terezinha, na primeira, e o Paço Municipal, na última. Ademais, nas mediações das praças estavam os principais estabelecimentos bancários, lojas comerciais, hotéis, cinemas, bares e confeitarias, além das suntuosas casas das famílias tradicionais. Também no interior das praças realizavam-se as comemorações públicas, as festas populares e religiosas, além dos encontros cotidianos que incluíam os passeios, as conversas e os namoros.

O projeto modernizante incluía investimentos na estrutura de cinemas e clubes fechados na cidade. A inauguração do Cine Regente, em 1952, é um bom exemplo destes esforços ⁴⁸. Obra da Companhia Teatral Paulista Ltda., a construção do cinema foi diretamente relacionada pela mídia impressa como um dos elementos que comprovavam seu progresso:

Trata-se, nem mais nem menos, de um edifício destinado a cinema, e com plateia de dimensões respeitáveis. Não entramos ainda no interior das obras. Apenas o vislumbramos da rua, notando ao longe o trabalho dos operários. Mas pelo que se vê, de fora, pode-se asseverar que vai ser uma casa de diversões nas condições de honrar a cidade. ⁴⁹

Muito mais que um espaço de lazer e sociabilidade, a construção do cinema representou um adendo ao embelezamento da paisagem urbana, com seu “majestoso edifício”, uma vez que contava com uma fachada quase toda em mármore, um verdadeiro “Palácio Cinematográfico”.

Os anúncios das sessões de cinema no Correio de Uberlândia apontam que, à época de inauguração do Cine Regente, três cinemas estavam em funcionamento: Cine Teatro Uberlândia, o maior deles, com quase 2000 lugares, localizado na Av. Afonso Pena, entre as ruas Goiás e Santos Dumont; Cine Éden, com cerca de 850 lugares, no cruzamento das avenidas Afonso Pena e João Pessoa e; Cine Paratodos, com 500 lugares, também da Companhia Teatral Paulista, com instalações mais modestas e localização menos privilegiada, na Av. Vasconcelos Costa, voltado para as classes populares.

Com uma estrutura moderna e requintada de 1.300 lugares, o Cine Regente passou a integrar o rol de cinemas existentes na cidade, disputando espaço e a atenção dos assíduos frequentadores das sessões, especialmente da elite local, dado o padrão de suas instalações:

A sala de espera inteiramente atapetada, como atapetados são os corredores da plateia, cadeiras tipo poltronas, com assentos e encostos estofados, a pintura

⁴⁸ O Cine Regente foi construído na Rua Machado de Assis, entre a Av. João Pinheiro e Av. Afonso Pena.

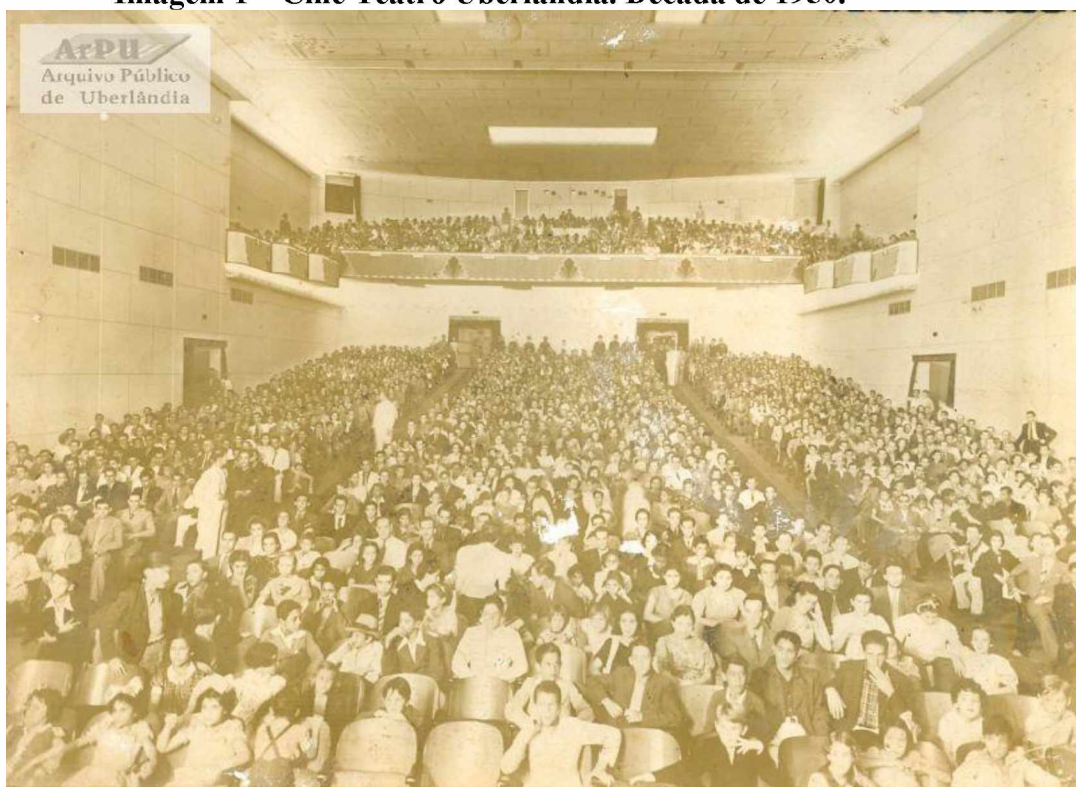
⁴⁹ CORREIO DE UBERLÂNDIA. Progresso Urbano. Ano XIV, nº 3.319, 8 de jan. 1952.

das paredes e do teto de um azul claro de efeito muito agradável à vista; iluminação indireta de luz fluorescente, salão amplo bastante alto com serviço de renovação de ar, colocam sem nenhum favor o CINE REGENTE na mesma categoria dos grandes e luxuosos cinemas de Rio e São Paulo.⁵⁰

As sessões de cinema eram o ponto alto do lazer na cidade, acessível aos mais variados públicos, ainda que os assentos privilegiados fossem reservados à elite, com melhores poltronas, como no caso do Cine Teatro, que possuía acesso distinto para os populares, conforme relata o aposentado Hermógenes Pereira:

Aos domingos, para assistir um filme, que era o costume de todo mundo, se não tivesse de terno e gravata não entrava. Quem não podia ir de traje certinho ia para o ‘poleiro’, que era na parte de cima. Era muito alinhado. O Cine Éden era mais popular e tinha também o Cine Regente, na Machado de Assis.⁵¹

Imagem 1 – Cine Teatro Uberlândia. Década de 1950.



Fonte: Arquivo Público Municipal.

A imagem anterior é registro de uma das famosas sessões de cinema do Cine Teatro Uberlândia, na década de 1950. Mesmo com baixa resolução, a fotografia nos mostra um ambiente amplo, aparentemente em lotação máxima. A presença de crianças

⁵⁰ CORREIO DE UBERLÂNDIA. A inauguração do Cine Regente. Ano XV, nº 3498, 18 set. 1952.

⁵¹ ROSINI, Simone. Hermógenes Pereira fala da cidade pacata e progressista. **Correio de Uberlândia**, versão online. Uberlândia, 16 set. 2012. Disponível em: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/hermogenes-pereira-fala-dacidade-pacata-e-progressista/> Acesso em 12 mai. 2016.

nas primeiras fileiras indica tratar-se, provavelmente, de uma matinê. Nas poltronas da frente, homens e mulheres em trajes de passeio, enquanto ao fundo, na parte superior, identificamos o “poleiro”, destinado aos mais pobres, distante da tela de projeção e com assentos de qualidade inferior.

Para os jovens uberlandenses das décadas de 1950/1960, o ato de ir ao cinema era compreendido como um acontecimento social. Aos finais de semana, havia uma espécie de ritual para frequentar os “palácios cinematográficos”. Era o momento de vestir os melhores trajes de passeio, uma vez que o tempo de lazer não se limitava a assistir um romance no telão. O *footing* (passeio), que ocorria antes e depois das sessões, impulsionava as relações entre as pessoas, propiciando olhares, flertes e namoros.⁵²

Outra obra que agradou a elite foram as novas instalações do Uberlândia Clube. Localizado na Av. Santos Dumont, entre as avenidas Floriano Peixoto e Afonso Pena, e inaugurado em 26 de janeiro de 1957, o clube foi considerado pela mídia como um verdadeiro “Palácio Social”, pois dispunha de amplos salões para realização de eventos e galerias comerciais luxuosas, que materializavam todo o discurso modernizante e civilizatório das elites:

O Uberlândia Clube, com seu edifício grandioso, deu cumprimento a um fato que o próprio meio inspirava. A nossa sociedade terá ali dias gloriosos de arte exuberante e arte, como sabemos, é o que há de mais tocante, é uma satisfação interior da qual só se divorciam os brutos.⁵³

A fotografia a seguir registra o requinte do clube e de seus bailes. Destaque para a sofisticação das vestimentas usadas pelos frequentadores. O mobiliário e o desenho do piso, com linhas modernas para a época, além de um piano branco ao fundo compõem o cenário luxuoso do baile, marcado também pela ausência de negros no salão.

⁵² Sobre os cinemas enquanto espaços de lazer e sociabilidade, ver: CASTRO, Kellen Cristina Marçal. **Cinema: mudanças de hábito e sociabilidade no espaço urbano de Uberlândia – 1980 a 2000.** Dissertação (Mestrado em História). Uberlândia: UFU, 2008. Ainda sobre os cinemas na cidade, cabe ressaltar o movimento que ficou conhecido como “Quebra-Quebra de 1959”. Segundo Santana, o protesto aconteceu, inicialmente, contra o aumento do custo de vida e seu estopim foi o preço das entradas dos cinemas. Os manifestantes tornaram pública a sua insatisfação, depredando cinemas e casas comerciais. Ver: SANTANA, Eliene Dias de Oliveira. **Cultura Urbana e Protesto Social: o quebra-quebra de 1959 em Uberlândia-MG.** Dissertação (Mestrado em História). Uberlândia: UFU, 2005.

⁵³ CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uma iniciativa de sucesso o edif. do Uberlândia Clube. 17/01/1957. A construção é uma das poucas obras arquitetônicas dos anos 1950 que ainda integram o cenário urbano na atualidade. O Clube preserva mobiliário, luminárias e adornos da época de sua inauguração.

Imagem 2 – Baile no Uberlândia Clube. Década de 1950.



Fonte: Jornal Gazeta do Triângulo Online. Imagem publicada pelo colunista Coimbra Júnior, em 22/07/2014.

Enquanto os bailes no Uberlândia Clube eram frequentados pela *finha flor* da sociedade uberlandense, uma vez que se tratava de uma sociedade constituída pelas tradicionais famílias da cidade, os trabalhadores, negros e pobres buscavam outras formas de lazer e sociabilidade em outros espaços, como o Clube Independente, fundado por negros em 1945, o Cassino Oriental e o clube José do Patrocínio, popularmente conhecido como Caba-Roupa.⁵⁴

A delimitação entre espaços frequentados por brancos e negros estendia-se aos passeios realizados nas ruas e praças do centro da cidade, e também no interior dos bares, diferenciando inclusive o tipo de produto a ser consumido por cada grupo, segundo relata o aposentado Sandoval da Silva:

Preto não andava do lado direito [da Av. Afonso Pena]. E também não bebia cerveja Brahma. Bebia se sobrasse. Se não sobrasse não bebia não. Bebia Antártica. O dono do bar não servia. Se tivesse muita gente branca tomando

⁵⁴ Sobre os clubes populares e outros locais de lazer e sociabilidade frequentados pelas classes menos abastadas, cf. OLIVEIRA, Júlio César, *op. cit.*, p. 57 et. seq. Especificamente sobre o clube Caba-Roupa, interessante destacar que apesar de seus frequentadores serem de grupos menos abastados, o uso de terno, gravata e bom comportamento dos clientes eram indispensáveis, o que representava uma espécie de decoro e “respeito” às regras de convívio estabelecidas socialmente e difundida pelas elites locais.

cerveja e chegasse um preto: - “Me dá uma Brahma aí”. “Não, não tem.” O vai-e-vem da praça [da República], preto também não andava.⁵⁵

Neste cenário de praças, bares, cinemas e clubes, em meio aos *footings* marcados pela segregação social e racial, onde negros e brancos sequer dividiam a mesma calçada, se insere o rádio na cidade, não apenas como um meio de comunicação inerente aos avanços tecnológicos experimentados nacionalmente na primeira metade do século XX, mas como novas possibilidades de lazer e sociabilidade para a população.

Antes de instalada a primeira estação emissora de rádio, em meados de 1934, Uberlândia contou com a instalação de um serviço de alto-falantes, no cruzamento das avenidas Afonso Pena e Santos Dumont. O serviço foi montado pelo eletricista Paulo de Castro e, segundo o memorialista Antônio Pereira, funcionava como uma espécie de *minirrádio*, no qual surgiram os primeiros locutores da cidade, dentre eles Adib Chueiri, Oswaldo de Souza e Pedro Schwindt, e sua programação contava com propagandas, música gravada e ao vivo, além de noticiários.⁵⁶

Tanto os locutores do serviço de alto-falantes quanto parte de sua programação foram aproveitados pela primeira emissora de rádio a se instalar na cidade de Uberlândia, a Rádio Difusora, com prefixo PRC-6.

A emissora foi fundada por Aristides de Figueiredo e, de acordo com Antônio Pereira, surgiu de uma estratégia do industrial paulista Joaquim Matos Penteado, que apoiou financeiramente a fundação da rádio para fomentar a venda dos rádios *Freshman*:

O Penteado, para enfrentar o mercado da cidade, resolveu divulgar o seu aparelho Freshman criando uma emissora de rádio: a Difusora. Foi fácil: trouxe o pessoal dos Autos Falantes com a mesma programação: música gravada e ao vivo, propaganda (principalmente do Freshman) e notícias. Começava a era radiofônica de Uberlândia.⁵⁷

Assim, em 1939, o rádio chega à cidade como símbolo do progresso uberlandense, representado pela Rádio Difusora, atendendo não somente aos interesses comerciais de Penteado, mas também da elite local e de seu projeto de construção de uma cidade moderna e, conseqüentemente, alterando as formas de lazer e sociabilidade ali presentes:

A partir da inauguração da Rádio Difusora, os poucos programas locais regulares imprimiram uma atmosfera de novidade, impressionando e atraindo a curiosidade desta pequena cidade do interior de Minas Gerais, de 18.000

⁵⁵ Sandoval da Silva, 77 anos, aposentado, entrevista concedida em sua residência, em 14/07/2016.

⁵⁶ PEREIRA, Antônio. A era radiofônica. In: **Correio de Uberlândia**, versão online, Uberlândia, 10 abr. 2016. Disponível no link: <http://www.correiodeuberlandia.com.br/colunas/cronicasdacidade/a-era-radiofonica/>, acesso em 24 mai. 2016.

⁵⁷ Idem.

habitantes, transportando as vozes de locutores, cantores e músicos, penetrando diferentes espaços de sociabilidade para além dos lares, tais como as praças, parques de diversões, bares, confeitarias, salões de barbeiros, disputando ouvintes acostumados a uma frequência quase religiosa aos cinemas locais e às retretas da banda União Operária, nas praças da cidade.⁵⁸

A emissora funcionou inicialmente na parte superior do Cine Avenida, localizado na Avenida Afonso Pena, nº 179. Em meados de 1942, a PRC-6 mudou suas instalações para o segundo andar de um edifício localizado na Praça da República. Na imagem abaixo, vemos um dos poucos registros do prédio onde funcionavam seus estúdios:

Imagem 3– 2º Edifício da Rádio Difusora de Uberlândia – Praça da República, nº 85.



Fonte: Revista Uberlândia Ilustrada, nº 16, julho/1953, p. 26.

Se a inauguração da Rádio Difusora, por um lado, seguia as aspirações modernizantes das tradicionais famílias uberlandenses, por outro, revelava o fato de que a chegada do progresso não era para todos. O rádio ainda era um artigo de luxo no início da década de 1940 e poucas famílias podiam comprar o aparelho. Por este motivo, era comum encontrar grupos que se reuniam em variados espaços públicos, ou na casa de algum vizinho que possuía o aparelho, a fim de ouvirem as emissões radiofônicas. O uso popular deste meio de comunicação, contudo, não era isento de críticas:

⁵⁸ D'ÂNGELO, Newton. **Aquele povo feliz, que ainda não sonhava com a invenção do rádio: cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana – Uberlândia – 1900-1940**. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 21.

Aí! Os rádios dos botequins e bares de segunda ordem! Quando ligam o aparelho para os fregueses – notadamente os do jogo de futebol – o fazem para todo o quarteirão. Verdadeira orgia de palavreado que esquentava quem não gosta de futebol. Irrita e dá vontade de matar. E depois vem para completar o suplicio de uma série de músicas e programas idiotas. ⁵⁹

A crítica de Maria Teresa também evidencia as contradições existentes sobre o uso do rádio pela elite e pelas classes populares. Enquanto a elite buscava nas programações radiofônicas uma forma de sublevação de uma “cultura erudita”, com apresentação de concertos, programas educativos e moralizantes, os populares se divertiam ouvindo as transmissões dos jogos de futebol nos bares da cidade. Os momentos de descontração se estendiam após os jogos, durante uma boa prosa, ao som de sambas e boleros. Essa programação, mais “popular”, pode ser interpretada como uma forma de resistência aos produtos culturais que a elite tentava impor ao restante da população. Conforme ensina Chartier:

Ler, olhar ou escutar são, de fato, atitudes intelectuais que, longe de submeter o consumidor à onipotência da mensagem ideológica e / ou estética que supostamente o modela, autorizam na verdade reapropriação, desvio, desconfiança ou resistência. Essa constatação leva a repensar totalmente a relação entre um público designado como popular e os produtos historicamente diversos propostos para seu consumo. A “atenção oblíqua” que, para Richard Hoggart, caracteriza a decifração contemporânea desses materiais, é uma das chaves que autorizam a elucidar como a cultura da maioria pode, em qualquer época, graças a um distanciamento, encontrar um espaço ou instaurar uma coerência própria nos modelos que lhe são impostos, contra a sua vontade ou não, pelos grupos ou poderes dominantes. ⁶⁰

A proposta de utilizar o rádio como instrumento para a educação do povo, concebida por Roquette-Pinto ainda nos anos 1920, servia de inspiração para a elite local e ganhava respaldo da mídia impressa conservadora. A imprensa local uberlandense, mesmo em período anterior à inauguração da primeira estação emissora na cidade, já divulgava crônicas exaltando o novo meio de comunicação e seu papel para promover a educação das massas:

O Rádio e a vida moderna

Antigamente – quem não o sabe? – o preparo de uma pessoa obedecia a sistemas imperfeitos, sendo de se notar, entre outras, o de que alunos, especialmente os filhos de famílias pobres e que não podiam buscar luzes nas

⁵⁹ TERESA, Maria. Recordes de sons. **Correio de Uberlândia**, 12 nov. 1952.

⁶⁰ CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 53.

grandes cidades, por falta de recursos, dependiam sempre dos ensinamentos que lhes poderiam ser prodigalizados pelos professores locais.

Esses mestres, porém, nem sempre possuíam preparo suficiente para expor aos seus ensinados, na maioria ávidos de conhecer os descobrimentos humanos, as invenções mais recentes conseguidas nos grandes centros.

Taos alumnos, além de ignorar os progressos já alcançados naqueles tempos, também não podiam conhecer, por falta de quem lhes dissertasse, o estado em que se achavam muitas pesquisas e estudos, dos quais resultariam, as innumeráveis inovações de que o mundo presentemente está dotado e que facilitam o mais possível a vida moderna.

Hoje, com a invenção do rádio de grande potência e alcance, temos em casa, com toda facilidade, a voz de professores de todos os países civilizados. É um mestre prestativo que nos traz, quer chova, quer faça sol, as suas proveitosas lições.

O rádio, a serviço da cultura, é o maior elemento de propaganda de seus princípios. Ele leva a instrução onde a ignorância ainda se encontra. O operário, o lavrador, o homem do campo ou da cidade, fica ao par das novas descobertas, dos novos processos verificados em suas profissões. ⁶¹

Publicada no jornal *O Repórter*, em 1937, a crônica representa, em nível local, toda a expectativa criada em torno do novo meio de comunicação. Graças à nova invenção os mais pobres, que até então não tinham acesso ao conhecimento, à educação, pelo rádio poderiam, enfim, se instruir e abandonar o “status de ignorância” em que se encontravam.

Ainda conforme a crônica, o novo meio de comunicação passaria a suprir, inclusive, o despreparo dos professores locais, que muitas vezes encontravam dificuldades para atualizarem seus conhecimentos, especialmente referentes às inovações advindas dos “países civilizados”.

É neste sentido que a radiodifusão integra os projetos políticos e culturais da elite uberlandense, em consonância com os planos nacionais, representados principalmente pelo empenho de Roquette-Pinto e Moritze, os pioneiros da radiofonia educativa no Brasil. Para eles, o rádio deveria servir ao projeto estatal como mecanismo difusor de uma cultura e uma educação específicas, uniformizantes e unificadoras.

Em outra crônica, publicada no *Correio de Uberlândia*, Maria Teresa presta uma homenagem ao pioneiro da radiodifusão, considerado por ela um grande sábio, que desenvolveu com maestria e pouca verba os serviços de cinema e rádio educativo no país:

Por isso, o rádio e o cinema são hoje 2 fatores de educação no Brasil. Quando digo rádio – refiro-me à PRA 2 do Ministério da Educação, que não tem publicidade paga, irradia óperas e concerto do Municipal, da ABI, da Escola Nacional de Música, o que só uma estação oficial pode fazer. Quando digo cinema, me refiro ao Instituto Nacional de Cinema Educativo, com seus filmes

⁶¹ Jornal “O Repórter”, n. 176, 19/09/1937.

para escolas – sobre ciências, história, bonecos, óperas, artistas, artes, literatura.⁶²

As publicações analisadas reforçam a ideia de que ao rádio, segundo o projeto civilizador encampado pela elite, caberia educar a população, promover o acesso à informação e à cultura elitista, através de programas que primavam, por exemplo, pela apresentação de música erudita.

Tendo em vista os anseios progressistas da elite uberlandense, a chegada de uma estação emissora em Uberlândia deveria, em tese, colaborar para tal projeto civilizador. O rádio atuaria como ferramenta de construção e divulgação do progresso da cidade, forjando também uma identidade homogênea de seus habitantes, “como povo ordeiro e trabalhador, guiado pelas ações altruísticas e civilizatórias da elite local”.⁶³

PRC-6 é uma esfuziante realidade no panorama social de Uberlândia.
É realidade vitoriosa, em vasto campo de ação divulgadora das joias e das cintilações desta luminosa cidade antiplana.
Seu microfone faz transpor marcos lindeiros, aos de lá de nossas fronteiras, contando e comentando o fomento de atividade e de construção que agita e caracteriza a colmeia humana desta metrópole.
Dois anos já vem sendo o porta-voz de nossas aspirações, de nossos cometimentos ousados, de realizações reprodutivas que animam o parque de nossas possibilidades, atrações e iniciativas.⁶⁴

A citação é um pequeno trecho do discurso pronunciado pelo Professor Pedro Bernardes Guimarães, na ocasião do segundo aniversário da Rádio Difusora, em 1941. O discurso, publicado na íntegra pelo jornal *Correio de Uberlândia*, demonstra claramente o papel da emissora, de divulgar as “joias” e “cintilações” da “metrópole”, para além de suas fronteiras, sendo porta-voz dos grandes feitos da elite, tornando-se assim, a “expressão vocalizada da alma cidadina”.

A frequência dos elogios à emissora na mídia impressa, ao que parece, dependia da boa relação entre o dirigente da rádio e os editores dos periódicos locais, como na nota a seguir, publicada em 17 de setembro de 1941, dias após o *Correio de Uberlândia* publicar o discurso em homenagem aos dois anos de inauguração da emissora:

As palavras carinhosas com que a PRC 6 se referiu à entrada do Dr. José Marta para a direção desta folha

⁶² TERESA, Maria. Grandes sábios do Brasil: Dr. Roquette-Pinto – o pioneiro da radiodifusão entre nós. In: *Correio de Uberlândia*, Uberlândia, 5 jan. 1950.

⁶³ DÂNGELO, Newton. **Vozes da cidade: rádio e cultura popular urbana em Uberlândia-MG 1939/1970**. Uberlândia, EDUFU, 2012, p. 79.

⁶⁴ CORREIO DE UBERLÂNDIA, n. 763, ano IV, 03/09/1941.

Somos muito gratos à PRC 6, Rádio Difusora, pela maneira carinhosa com que se referiu à entrada do Dr. José Marta, Promotor de Justiça, para a direção do nosso diário. Essa homenagem prestada ao nosso novo companheiro diz bem da mentalidade sadia de Aristides Figueiredo, sempre disposto a realçar tudo que diga ao progresso de nossa bela cidade. ⁶⁵

As notas e colunas especializadas sobre a radiofonia, publicadas na imprensa escrita, reforçam a ideia de que os comentários elogiosos ou críticos sobre a programação radiofônica relacionava-se, em grande parte, com o vínculo existente entre os profissionais de cada meio de comunicação. A atuação do senhor Aristides Figueiredo, em geral, era bem vista pela mídia impressa, que continuamente oferecia comentários elogiosos ao esforço empreendido pela Rádio Difusora para divulgar o progresso da Cidade-Jardim.

Para Dângelo, os primeiros anos da Difusora foram marcados pela experimentação de programas, locutores e artistas, além das constantes investidas da elite local em apropriar-se de sua linha de atuação. Segundo o historiador, a emissora não se apresentou como mais um mecanismo de divertimento das massas, mas sim como mecanismo de orientação “rumo ao progresso desejado pelas elites de uma cidade imaginada do ponto de vista da moralização de costumes”. ⁶⁶

Superada a fase inicial de funcionamento, a PRC-6 começa uma nova fase, a partir de 1944, após ser adquirida pelo senhor Misael Rodrigues de Castro, um influente ruralista uberlandense, que confiou a administração da emissora ao genro, Geraldo Motta Batista, popularmente conhecido como Geraldo Ladeira.

Contratado como locutor em 1941, Ladeira rapidamente assumiu a direção comercial da Rádio Difusora, angariando importantes contratos publicitários para a emissora. Tornou-se o principal nome da PRC-6, alcançando popularidade suficiente para ser eleito vereador (1953) e, mais tarde, prefeito (1958). A campanha eleitoral de Ladeira em 1958 foi, inclusive, considerada a mais original de Minas Gerais, devido ao alcance popular de seus slogans e sua forma original de fazer comícios, no formato de um programa de auditório. ⁶⁷

A mudança no quadro administrativo da emissora, entretanto, não significou o fim da pressão exercida pela elite intelectual da cidade que insistia em enfatizar o papel a ser exercido pela PRC-6:

⁶⁵ CORREIO DE UBERLÂNDIA, ano IV, nº 770, 17/09/1941.

⁶⁶ DÂNGELO, Newton. Vozes da Cidade [...], p. 74.

⁶⁷ SANTOS, Regma Maria. **Política e espetáculo: o papel do rádio nas eleições de Uberlândia em 1958.** OPSIS - Revista do NIESC, Vol. 5, 2005, p. 42.

Veículo cultural, com penetração em milhares e milhares de lares brasileiros desta região, sustentada por um estofo moral de amplitude empolgante, vem neste setor realizando uma das mais eficientes tarefas, graças sempre, ao espírito sem igual de Geraldo Ladeira, que antes dos interesses mais diretos enquadrados no resultado material, prevê e executa o programa de sólida moralidade, corretez e definição de princípios sadios.⁶⁸

Constata-se, no fragmento acima, que os elogios voltados à figura de Ladeira vêm acompanhados da opinião expressa de que a PRC-6 é considerada um veículo cultural que atinge milhares de pessoas e, assim, deve nortear sua programação segundo princípios moralizantes. Ao mesmo tempo, a nota comemorativa cita o empreendedorismo de Geraldo Motta Batista, que possui um “espírito sem igual”, mas destaca que os interesses comerciais não se sobrepõem à moral e bons costumes, considerados sadios para a cidade. Entendemos que este último comentário vai além de um elogio ao radialista. Antes, serve como uma espécie de aviso para que a emissora mantenha sua programação alinhada às pretensões elitistas.

As críticas que apareciam constantemente na mídia impressa trazem à tona o campo de tensões em que se situa a atuação da emissora na cidade. Enquanto, por um lado, a elite buscava na PRC-6 uma forma de propagar seu discurso civilizador, evidenciando a construção de uma identidade urbana, moderna e ordeira para a população uberlandense, por outro, a emissora aproximava-se das classes populares:

Se levarmos em consideração as atividades e os eventos sob o patrocínio da rádio, os shows públicos com cantores da Rádio Nacional, a grande afluência de populares aos seus estúdios, a “popular emissora” poderia estar sendo incorporada sob formas descontroladas pelos sujeitos aos quais essa mensagem educativa deveria chegar. Ao que parece, a emissora estava tornando-se “perigosamente” popular, abrindo-se para as classes populares, fosse nos auditórios ou – o que era mais tão cantado em versos moralizadores e idealizadores de uma cidade disciplinada, com lazeres apropriados e separados para a elite e para os negros e pobres.⁶⁹

Este campo de tensões permite pensar como a cultura dominante não se impõe a partir de uma ação externa, sem sujeitos. É neste sentido que Jesús Martin-Barbeiro retoma o conceito de hegemonia, cunhado por Gramsci, que permite pensar a dominação social:

Como um processo, o qual uma classe hegemoniza, na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus

⁶⁸ CORREIO DE UBERLÂNDIA. Festeja mais um ano de atividades a Rádio Difusora Brasileira de Uberlândia P.R.C. – 6. 28/08/1945.

⁶⁹ DÂNGELO, Newton. Vozes da Cidade [...], op. cit., p. 96.

as classes subalternas. E “na medida” significa aqui que não há hegemonia, mas sim que ela se faz e desfaz, se refaz permanentemente num “processo vivido”, feito não só de força, mas também de sentido, de apropriação do sentido pelo poder, de sedução, de cumplicidade.⁷⁰

Com pouco mais de uma década de desempenho “solitário”, exercendo monopólio da radiodifusão na cidade, ao aproximar-se das classes mais pobres incorporando à sua programação elementos de uma cultura popular, a Rádio Difusora acaba desagradando àqueles intelectuais que pareciam ignorar a heterogeneidade e os múltiplos interesses da população local.

Assim, cria-se um terreno propício para a instalação de uma emissora concorrente, capaz de retomar, pela radiodifusão, o projeto civilizador encampado pela elite, tão marcante na história da Cidade-Jardim. Uma “estação moderna”, com programas educativos, capazes de “despertar a inteligência do povo e elevar o nível cultural e moral da cidade.” Este é o cenário de surgimento da Rádio Educadora, ZYV-38, inaugurada no final de 1952.⁷¹

1.2 “Uberlândia já precisa de uma emissora que se coloque nessa altura”⁷² - estratégias e jogos de interesses em torno da nova estação de rádio uberlandense

Na década de 1950, a popularização da programação oferecida pela Rádio Difusora provocou grande descontentamento da alta sociedade uberlandense que vislumbrava a necessidade de criação de nova emissora radiofônica na Cidade-Jardim.

Entretanto, instalar uma emissora de rádio nesta época não era uma tarefa simples. Além do investimento econômico necessário para a aquisição de todo o material tecnológico para permitir seu bom funcionamento, havia todo um processo burocrático e, obviamente, político, para que o interessado conseguisse uma concessão que o autorizava a explorar tal serviço, ainda hoje considerado público e regulado pelo Estado.

⁷⁰ MARTÍN-BARBERO, Jesús, op. cit., p. 113.

⁷¹ Segundo Alfredo Rodrigues Paniago, a Rádio Educadora foi inaugurada oficialmente no dia 16 de junho de 1953, com show da cantora Ângela Maria. Entrevista exibida no Programa Close, veiculada originalmente em 27 de junho de 1993. Disponível no sítio eletrônico: <http://close.com.br/museu/alfredinho-o-deputado-do-sertao/>. Acesso em 03/10/2016.

⁷² CORREIO DE UBERLÂNDIA. Nova estação de rádio. Ano IX, n. 3278, 07/11/1951.

O tratamento legislativo sobre a radiodifusão desde essa época sempre foi disciplinado por leis federais, e por isso, é impossível desmembrar as dificuldades locais de implantação com as burocracias instituídas pelo governo federal.

Os primeiros decretos que regulamentaram a matéria ⁷³ surgiram durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas (1930-1934). Embora elaborada em período anterior ao regime do Estado Novo (1937-1945) e influenciada pelo sistema legal democrático estadunidense, tal legislação pode ser considerada autoritária, uma vez que concentrou todo o processo de concessão, fiscalização e controle da radiodifusão nas mãos estatais.

Conforme ressalta Othon Jambeiro, durante o Governo de Vargas “a cultura passou a ser entendida como instrumento de organização política e disseminação ideológica.”.⁷⁴ Para atender tal finalidade, foram criados diversos aparatos culturais ⁷⁵ destinados à produção e divulgação de uma ideologia estatal específica, essencialmente autoritária e de cunho nacionalista.

O rádio permitia uma encenação de caráter simbólico e envolvente, estratégias de ilusão participativa e de criação de um imaginário homogêneo de comunidade nacional. O importante do rádio não era exatamente o que era passado e sim como era passado, permitindo a exploração de sensações e emoções propícias para o envolvimento político dos ouvintes. Efeitos sonoros e de massa podiam atingir e estimular a imaginação dos rádio-receptores, permitindo a integração, em variados tons entre emissor e ouvinte, para se atingir determinadas finalidades de participação política. ⁷⁶

Assim, enquanto o Estado fazia uso da “velha” mídia impressa, também fomentava o desenvolvimento da radiodifusão, ao mesmo tempo em que exercia um controle severo sobre seu conteúdo, uma vez que os meios de comunicação existentes ⁷⁷ deveriam atuar na promoção de novos valores a serem assimilados pela população, objetivando a “construção de um capitalismo urbano-industrial, num país defendido

⁷³ São eles: os Decretos nº 20.047/1931, 21.111/1932 e 24.655/1934, que regulavam a execução dos serviços de radiocomunicações no território nacional e estabeleciam as condições para outorga das concessões e fixava as condições técnicas a serem obedecidas pelas emissoras.

⁷⁴ JAMBEIRO, Othon. (et. al.). **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: EDUFBA, 2004, p. 12.

⁷⁵ À frente de tais aparatos estavam o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e o Ministério da Educação, que desempenharam importante papel na construção e veiculação da ideologia estadonovista.

⁷⁶ LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus/UNICAMP, 1986, p. 40-1.

⁷⁷ Até meados da década de 1930 a indústria de comunicação de massa no Brasil era limitada ao cinema, com produção nacional concentrada principalmente nas chanchadas e nos musicais, e à indústria fonográfica, na qual o samba já se firmava como ritmo nacional. A imprensa escrita, apesar de consolidada, encontrava barreiras no alto índice de analfabetismo da população. Ver: JAMBEIRO, op. cit., p. 34 et seq.

contra influências estrangeiras, e voltado para sua própria cultura e seus valores tradicionais”.⁷⁸

O uso do rádio como meio para veiculação da ideologia estatal é explícito no texto normativo. O serviço de radiodifusão era considerado de “interesse nacional e finalidade educacional” (art. 11, Decreto nº 21.111/1932), tornando obrigatória a transmissão de um programa nacional sobre assuntos educacionais, de ordem política, social, religiosa, econômica, financeira, científica e artística, destinado a ser ouvido em todo o território do país, em horário específico (art. 69, Decreto nº 21.111/1932), bem como proibindo “a irradiação de trechos musicais cantados em linguagem imprópria a boa educação do povo, anedotas ou palavras nas mesmas condições” (art. 6º, Parágrafo Único, Decreto nº 24.655/1934). Tal programa foi levado ao ar com o nome de *Hora do Brasil* (1934-1962), que a partir de 1962 passou a se chamar *Voz do Brasil*, permanecendo como um noticiário radiofônico estatal de difusão obrigatória, transmitido diariamente, às 19 horas, em todas as emissoras nacionais, com duração de uma hora.

Mas o Decreto nº 21.111/1932, ao regulamentar a execução dos serviços de radiocomunicação em todo o território brasileiro, também trouxe um elemento fundamental para que o rádio se consolidasse como principal meio de comunicação de massa nos anos seguintes: a permissão para a propaganda comercial.

A inserção dos “reclames”, ainda que inicialmente limitados, transformou significativamente o ambiente radiofônico. Desta forma, ainda que o modelo de radiodifusão brasileiro tenha sido condicionado às funções ideológicas estatais em seu processo de criação e consolidação, a partir de 1932 surgem as primeiras emissoras comerciais que, somadas à chegada das agências norte-americanas de publicidade, criam um terreno propício para que a radiodifusão se torne, efetivamente, um meio de comunicação “de massa”.

Outro fator importante para o desenvolvimento do rádio comercial diz respeito às exigências técnicas para concessão do serviço de radiodifusão, que condicionavam a implantação das emissoras a altos aportes financeiros. Ademais, o excesso de burocratização e a crescente fiscalização dos órgãos estatais, somados à necessidade de um considerável investimento financeiro, limitava o número de pessoas que poderiam pleitear uma concessão. Nas palavras de Othon Jambeiro, o rádio:

⁷⁸ JAMBEIRO, op. cit., p.14.

Deixava pouco a pouco, decreto após decreto, de ser um serviço executado por amadores para ser um serviço executado por profissionais, utilizando equipamentos adquiridos com consideráveis recursos financeiros. Como o investimento era feito visando lucro, a consequência não poderia ser outra que a profissionalização e a comercialização do rádio.⁷⁹

Tais dificuldades levaram à concentração de muitas emissoras nas mãos de poucos concessionários, fazendo com que se estabelecessem verdadeiros monopólios dos meios de comunicação em todo o país como, por exemplo, o conglomerado popularmente conhecido como *Diários Associados*. Fundado em 1938 por Assis Chateaubriand, tornou-se a maior corporação da imprensa brasileira, adquirindo diversas empresas de mídia impressa, rádio e, posteriormente, televisão. Em nível local, obviamente com proporções bem menores, o dirigente da Rádio Difusora, Geraldo Ladeira, instalou emissoras de rádio nas cidades goianas de Itumbiara, Rio Verde e Jataí, além de uma nova emissora em Uberlândia, a Rádio Bela Vista, no final da década de 1950.

Desta forma, assim como em outras cidades do país⁸⁰, as concessões eram disputadas por grupos políticos formados por uma alta sociedade ávida em utilizar o novo meio de comunicação, já vislumbrado como uma ferramenta política bastante poderosa. Desde sua inauguração no final nos anos 1930, a primeira emissora da cidade, PRC-6, atendia interesses bastante específicos.

Com o fim do Estado Novo e o retorno da democracia, diversos partidos políticos foram criados e as disputas eleitorais vieram acompanhadas da ascensão da radiodifusão uberlandense, que viveu sua “Era de Ouro” nas décadas de 1950/1960. Neste período, principalmente após Geraldo Ladeira assumir sua direção, a Rádio Difusora serviu de instrumento para um partido político específico: o Partido Social Democrático – PSD.⁸¹

Pelo microfone da PRC-6, Tubal Vilela da Silva narrava crônicas semanais sobre sua gestão como prefeito, além de criticar a imprensa escrita, causando alvoroço da oposição, que na época se valia apenas desta última para chegar aos eleitores:

Nas suas crônicas semanais através do rádio, o sr. Prefeito Municipal não se limita a cantar, como nos menestréis dos tempos medievais, os seus altos feitos sobre a administração pública e assuntos conexos. Mete a língua nesta pobre criatura, que olhou antes de comentar. Que viu os buracos das ruas. Ruas

⁷⁹Idem, p. 81.

⁸⁰ Sobre as disputas políticas e partidárias em torno da criação de outras estações de rádio, ver a análise realizada por Lima sobre a criação da RTD (Rádio Difusora de Teresina), no final dos anos 1940. Cf. LIMA, Nilsângela Cardoso Lima. **Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)**. Dissertação de Mestrado. Terezina: UFPI, 2007, 170 fls.

⁸¹ Este cenário é alterado nas eleições de 1958 quando Geraldo Motta Batista, determinado em lançar sua candidatura para prefeito da cidade, deixa o partido, filiando-se ao Partido Republicano – PR.

estragadas, ruas esburacadas [...]. Também o sr. Prefeito nos mandou apreciar o panorama da cidade de há dois anos passados, quando a cidade jardim era maravilhosamente boa para se fazer um paralelo com a cidade mato de hoje. Paralelo administrativo. [...]. Desminta o sr. Prefeito pela rádio e conteste a imprensa. O povo aí está para ver e ler. Ninguém é surdo e pouca gente é de fato analfabeto: sempre há os boatos dos vizinhos...⁸²

A crônica de Maria Teresa reflete a insatisfação da oposição com o uso da única emissora de rádio existente na cidade. Sem acesso às “ondas do éter”, a União Democrática Nacional (UDN) valia-se de outros espaços para fazer oposição ao governo, como nas páginas do *Correio de Uberlândia*, que tinha a maioria dos sócios proprietários filiados a este partido.

Os esforços para empreender a instalação de uma nova emissora na cidade garantiram seus primeiros registros na mídia impressa cerca de um ano antes de sua efetivação. Uma pequena nota publicada na primeira página do *Correio de Uberlândia*, em novembro de 1951, aponta que os responsáveis pelo empreendimento seriam Cândido Ribeiro e Dalmo de Araújo Poli⁸³, que pleiteavam junto ao Governo Federal a concessão para sua instalação.

Na publicação, o jornal ainda ressaltou que a iniciativa dos uberlandenses se fazia útil e necessária, tendo em vista a dinâmica e o progresso da cidade, que precisaria de uma estação de rádio atenta ao seu desenvolvimento. A nova emissora, segundo o jornal, deveria possuir características bastante específicas:

Uma estação moderna, que possa **exercer função educativa e social, dentro de um programa estipulado pelo Ministério da Educação**, e capaz de concorrer para a melhoria da vida intelectual de Uberlândia. Programas educativos, com artistas e horas de arte, despertando a inteligência do povo são necessários e elevam o nível cultural e moral da cidade. Uberlândia já precisa de uma emissora que se coloque nessa altura, com mentalidade arejada, a serviço do povo. **[Grifo nosso]**⁸⁴

⁸² TERESA, Maria. De semana em semana. *Correio de Uberlândia*, 15/11/1952.

⁸³ Figuram como primeiros sócios da Rádio Educadora Ltda. os senhores Cândido Ribeiro, Dalmo de Araújo Poli e José Rosa da Silva, filiados ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Segundo Ademir Torido Reis, Dalmo Poli era genro de Cândido Ribeiro e atuava como gerente da emissora. Quanto ao “Zé Rosa”, era um radialista uberlandense, grande incentivador da música sertaneja, que se tornou popular na Rádio Nacional nas décadas de 1950/60. Foi também Deputado Estadual no estado de São Paulo, entre 1963 e 1975. A ausência de notícias sobre estes três personagens na mídia impressa nos leva a crer que tiveram atuação pouco expressiva a frente da emissora. Todos deixam o quadro societário da rádio, de forma oficial, no final do ano de 1954. Cf. Portaria nº 1.207, de 15 de dezembro de 1954, publicada no Diário Oficial da União DOU, em 01/02/1955.

⁸⁴ CORREIO DE UBERLÂNDIA. Nova estação de rádio. Ano IX, n. 3278, 07/11/1951.

O destaque de tais características reforça a tese de que a Rádio Difusora já não correspondia aos interesses da elite intelectual uberlandense. Aparentemente, a “veterana” deixara de investir em uma programação mais erudita, concentrando seus esforços no desenvolvimento de programas mais popularescos. Tais programas, segundo estes intelectuais, não contribuíam para elevar o “nível cultural e moral da cidade”. A emissora de Geraldo Ladeira, outrora elogiada por sua eficiência e trabalho prestados ao crescimento da cidade, não estaria mais à altura do progresso uberlandense e precisava de uma substituta.

No início de 1952, o *Correio de Uberlândia* retoma o assunto, desta vez apontando os esforços do vereador Roberto Margonari⁸⁵ para que o governo local, por meio do prefeito e presidente da Câmara Municipal, representasse junto ao ministério competente e ao presidente Getúlio Vargas⁸⁶, pleiteando a concessão para a instalação de uma nova estação emissora.

A referida nota ressalta ainda que a relevância do pedido de Margonari foi reconhecida pelos vereadores, contando com o apoio unânime de “todos os representantes do povo na assembleia legislativa do município”, sem que houvesse discordância de quaisquer partidos políticos, uma vez que a concessão para uma nova rádio era vista como “uma providência que muito beneficiará o progresso de Uberlândia”.

Em meados de julho do mesmo ano, o *Correio de Uberlândia* destacava que a nova emissora de Uberlândia, em breve, seria uma realidade:

Trata-se, ao que nos foi adeantado, de estação de grande potência, com aparelhos técnicos dos mais modernos e aperfeiçoados, algumas de cujas peças já se encontram na cidade. Os empresários não decidiram ainda onde será montada a estação, se no pavimento superior do Cine Teatro Uberlândia, se no prédio em que na Praça Antônio Carlos funcionou o Cinema Brasil e em que ultimamente a União Democrática Nacional teve sua sede. [...]. Pelo que fomos

⁸⁵ CORREIO DE UBERLÂNDIA. Mais uma emissora para a cidade. 23/02/1952. O dentista prático Roberto Margonari integrava o reduzido número de políticos considerados comunistas na cidade. Em 1947, foi eleito vereador pela legenda do Partido Social Democrático (PSD), uma vez caçado o registro do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Sobre a atuação e experiências comunistas em Uberlândia, ver: SILVA, Idalice Ribeiro. **Flores do mal na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia – 1945-1954**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP. Campinas, SP, 2000.

⁸⁶ Conforme o Decreto nº 21.111/32, a concessão de um canal de radiodifusão precisava ser requerida junto ao Departamento dos Correios e Telégrafos, mediante uma vistoria técnica e o pagamento de uma taxa de licenciamento anual, enquanto o Ministério da Educação e Saúde Pública ficava responsável pelas orientações necessárias para atender aos objetivos do serviço no que se refere a conteúdo e como entidade e o Ministério de Viação e Obras Públicas pela fiscalização nas questões técnicas de engenharia, sinais e transmissões. Posteriormente, estas atribuições foram invertidas: o Ministério da Educação e Saúde Pública passou a fiscalizar e o da Viação e Obras Públicas a regular as orientações necessárias e só com a criação do Ministério das Comunicações, em 1967, essas atribuições foram centralizadas. Cf. SIMIS, Anita. A legislação sobre as concessões na radiodifusão. **UNIrevista** - Vol. 1, nº 3: (julho 2006).

informados, todas as providências legais já foram tomadas, achando-se os interessados aptos a fazerem funcionar a empresa, e que esperam realizar, conforme dissemos, durante o mez em curso. É mais um grande melhoramento que Uberlândia conquista na marcha do seu evidente progresso.⁸⁷

Mesmo com a expectativa de iniciar o funcionamento da nova estação ainda no mês de julho, a emissora iniciou suas atividades, em caráter experimental, somente nos últimos dias do ano de 1952. O equipamento, “moderno e aperfeiçoado” foi instalado pelo conhecido técnico Paulo de Castro, profissional responsável pela instalação do primeiro sistema de autofalantes na cidade e de diversas emissoras em outras localidades. A notícia sobre as instalações, feitas com material “dos melhores fabricantes estrangeiros e nacionais”, ocupou grande parte da primeira página do *Correio de Uberlândia*, contendo detalhes técnicos da aparelhagem utilizada, sempre associando a nova emissora a uma imagem que remete à modernidade, aos avanços tecnológicos, uma rádio que ao investir nos melhores equipamentos, de fato, representaria o progresso da cidade:

No alto da Vila Saraiva ergue-se a moderna e imponente torre de metal irradiadora e multi-direcional e junto com ela, em prédio especialmente construído para o fim, está a cabine transmissora que se acha ligada ao estúdio por uma linha dupla de fio de metal próprio para essas ligações. O aparelho transmissor que acabava de ser desencaixotado, estava já assentado em seu definitivo lugar, sendo ele o de mais moderno existe em rádio transmissão.⁸⁸

Além dos aspectos técnicos que remetem a um procedimento criterioso para instalação da moderna aparelhagem, a notícia destaca ainda o “bom gosto” empregado nas acomodações do estúdio, localizado na Rua Olegário Maciel, próximo à Praça da República:

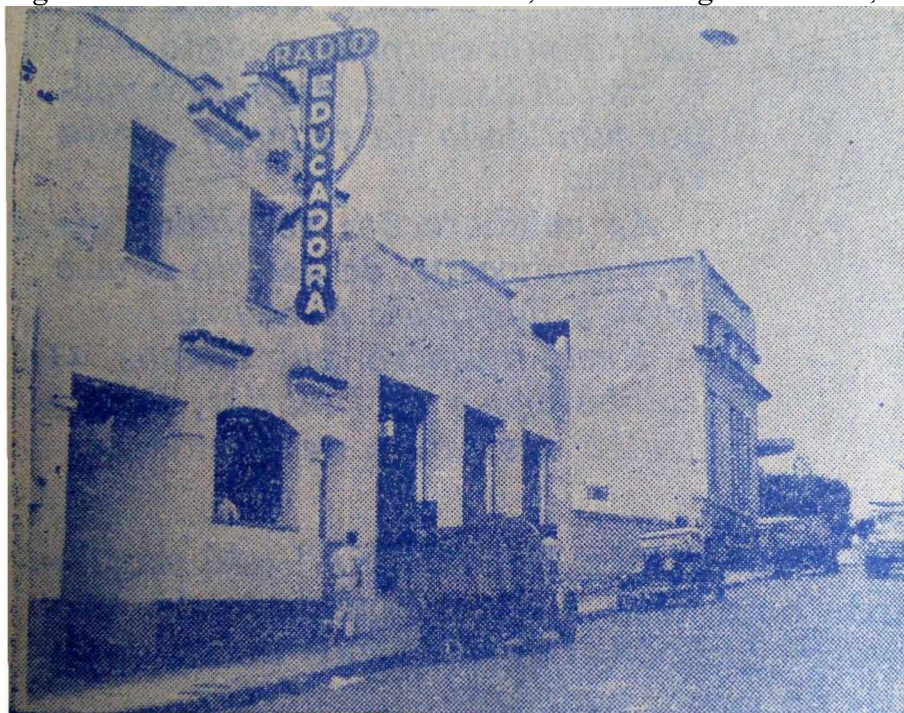
Um auditório amplo, bem arejado, em espaçosa sala contendo 150 confortáveis poltronas; um palco para as apresentações, estavam recebendo as últimas de mão, dando já agradável impressão. Diversos microfones serão instalados de forma a que todos os sons sejam captados de todos os ângulos necessários a uma boa irradiação. Pelo que vimos e pelas informações que nos foram dadas, Uberlândia está de parabéns com sua nova rádio emissora, cuja onda levará, de verdade, o nome da nossa querida cidade a longas distâncias.⁸⁹

⁸⁷ CORREIO DE UBERLÂNDIA. Nova emissora em Uberlândia. Ano XV, n. 3.444, 05/07/1952.

⁸⁸ CORREIO DE UBERLÂNDIA. A nova rádio emissora de Uberlândia. 23/12/1952.

⁸⁹ Idem.

Imagem 4 – Prédio da Rádio Educadora, na Rua Olegário Maciel, 323.



Fonte: Revista Uberlândia Ilustrada, nº 16, junho/1953, p.26.

A imagem acima mostra a fachada do local onde funcionou o primeiro estúdio da Rádio Educadora. Este foi o único registro encontrado, em baixa resolução, publicado na revista *Uberlândia Ilustrada*, em 1953. Pelo registro, percebe-se que a primeira sede da emissora ocupou um espaço bem menor que o da concorrente PRC-6. Segundo Ademir Reis, o local era onde residia um dos fundadores da rádio, o senhor Cândido Ribeiro, que se mudou com a família para instalar a emissora.

A notícia reforça ainda que a nova emissora, no preparo de suas instalações, assume o compromisso de investir em recursos que possibilitem uma boa irradiação. A forma como é construída a narrativa, com elogios sobre a condição dos equipamentos e o do estúdio, também parece demonstrar certa insatisfação com a qualidade do som irradiado pela PRC-6.

Mas, afinal, que tensões surgiram em torno da criação da nova emissora? As notícias sugerem que inauguração da Rádio Educadora não foi isenta de conflitos. Ao que parece, a Rádio Difusora fez o possível para atrapalhar seu projeto de instalação. É o que indica a publicação do *Correio de Uberlândia*. A nota menciona que houve uma espécie de “duelo” travado entre a PRC-6 e a Educadora, desde o momento em que a última

pleiteou a concessão. O colunista, sob o pseudônimo de Espião, ainda destaca que apesar da “acirrada batalha”, a Educadora saiu vitoriosa, já que conseguiu a devida permissão.⁹⁰

Com bom humor, o colunista manifestou sua opinião sobre a utilidade de se estabelecer uma concorrência no meio radiofônico, que traria grandes benefícios para a população, já que as emissoras teriam que promover melhorias para garantir uma boa audiência:

Há o brocado: - “A necessidade faz o sapo pular”. E a C-6, situada nessa posição, começou a pular sob a batuta do G. Ladeira. E já que falamos em G. Ladeira, o dinâmico diretor, logo que “a sombra da outra” começou a pousar em seus telhados, provocando forte dose de caloria, o nosso amigo perdeu a sua inércia, tratando logo de melhorar a situação.⁹¹

Ao que parece, a Rádio Difusora estava “acomodada” com seu monopólio na cidade, sem grandes investimentos ou inovações em sua programação há algum tempo. Neste sentido, a chegada da Rádio Educadora teria impulsionado a emissora veterana, fazendo com que a mesma saísse de sua “inércia”, buscando estratégias que corroborassem para manutenção do seu favoritismo junto aos ouvintes.

Nota-se que a disputa entre as duas emissoras foi revestida também por questões políticas. Na época em que representantes locais do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) atuaram em prol da instalação de uma segunda emissora em Uberlândia, Geraldo Ladeira era filiado ao PSD (Partido Social Democrático), pelo qual foi eleito vereador em 1953. Em que pese à coligação em nível nacional destes partidos, no período entre 1945 e 1964, especialmente nas eleições presidenciais, os membros do PTB eram frequentemente acusados por seus opositores de possuírem ligações com o comunismo. As acusações de que a Rádio Educadora serviria a políticos locais com aspirações comunistas, ao que parece, repercutiram nacionalmente, fazendo com que Mário Palmério integrasse a sociedade, na condição de sócio majoritário, como manobra para garantir o funcionamento da emissora.

A “acirrada batalha” também foi narrada pelo Deputado Federal Mário Palmério⁹², no Plenário do Congresso Nacional, em 22 de outubro de 1953, no qual se defende das acusações feitas pelo Almirante Pena Broto de que a Rádio Educadora possuía ligações com o comunismo.

⁹⁰ CORREIO DE UBERLÂNDIA. Coisas da cidade em cinema, rádio e teatro. Autor: Espião. 13/01/1953.

⁹¹ Idem.

⁹² Mário de Ascensão Palmério, educador e político filiado ao PTB, passou a integrar o quadro societário da Rádio Educadora, de forma oficial, em fevereiro de 1953. Cf. Portaria nº 141, de 18 de fevereiro de 1953, publicada no Diário Oficial da União DOU, em 20/02/1953.

Relativamente à afirmação de que a Rádio Educadora de Uberlândia [...] tem provadas ligações com o elemento comunista, desejo historiar rapidamente, também, aos meus ilustres e nobres colegas, a sua fundação:

Em Uberlândia, somente havia uma estação de rádio, da propriedade de um cidadão militante da política daquela cidade, Secretário do Diretório Municipal do PSD local. Alguns amigos meus daquela cidade, vários deles membros do Diretório Municipal do PTB, logo depois das eleições de 3 de outubro, organizaram uma sociedade para pleitear a concessão de uma outra estação, já que a cidade comportava perfeitamente bem mais de uma emissora.

Sabedor, da iniciativa desses meus amigos, movimentou-se o proprietário da outra Rádio. Teceu, esse cidadão, as mais infames intrigas e lançou mão do célebre recurso de tachar de comunistas os organizadores da nova estação. As denúncias vieram ao conhecimento do Serviço Secreto, ficando eu sabedor dessas denúncias, tôdas elas improcedentes.

Eu, que havia solicitado dos poderes competentes a licença para a nossa Rádio e conhecia perfeitamente bem os seus organizadores e de onde partia a injúria que visava prejudicá-los, não tive dúvidas em assumir toda a responsabilidade perante o Governo e, inclusive, adotar nova organização para a sociedade, passando a figurar como o maior cotista da sociedade mantenedora daquele novo serviço de rádio-difusão.

Evidentemente, como não sou comunista e a minha vida e as minhas convicções políticas são sobejamente conhecidas na região onde sempre vivi e exerci minhas atividades de magistério, as calúnias tiveram de cessar e a Rádio Educadora, de Uberlândia, veio para o ar, para desespero daqueles que não a desejavam e também — hoje tenho razão para supor — para S. Ex^a o Sr. Almirante Pena Boto, que parece ser sócio de rádio em Uberlândia, tal a solidariedade que empresta ao processo caluniador adotado pelos seus proprietários.⁹³

Superados os conflitos em torno de sua instalação, a inauguração da Educadora produziu efeitos imediatos na concorrente. A veterana PRC-6 criou novos programas⁹⁴ e melhorou o salário dos funcionários. Sem dúvida, houve grande receio do dirigente Geraldo Ladeira em perder sua equipe, especialmente os locutores que contavam com grande admiração popular, como Eloy Costa, que atuava na emissora há mais de oito anos. Naturalmente, a concorrente buscava talentos locais com experiência em radiofonia, muitos funcionários da Rádio Difusora. As notícias indicam que, para manter Eloy Costa nos quadros da emissora, Ladeira o promoveu ao cargo de locutor-chefe.

⁹³ PALMÉRIO, Mário de Ascensão. **Discursos Parlamentares**. Disponível em <http://www.uniube.br/mariopalmerio/politica/discursos.php>. Acesso em 03/10/2016.

⁹⁴ O programa de calouros da PRC-6, “Astros e Estrelas do Amanhã”, foi uma das criações do período. Nas entrevistas, este foi o programa mais lembrado. Segundo Josué Borges de Santana, era um programa de auditório voltado para a apresentação de calouros infantis e dirigido pelo locutor Remi França.

Imagem 5 – O locutor da PRC-6, Eloy Costa.



Fonte: Revista Elite Magazine, ano 1, nº 5, abril/1958, p. 40.

Em janeiro de 1953, a ZYV-38, que até então funcionava em caráter experimental, passa a funcionar de oito da manhã até dez da noite, tendo à frente da programação os locutores Adib Chueiri e Omar Barbosa⁹⁵. A “caçulinha”, a partir de então, passou a disputar a preferência dos ouvintes com a popular “veterana” que lançava mão de diversas estratégias para manter seu público.

Sob o olhar vigilante da elite intelectual uberlandense, que esperava da nova emissora uma programação “à altura da sociedade”, a Rádio Educadora lançou o programa *Liro Musical*, dirigido pelo locutor José Fagundes da Costa. A estreia estampou a primeira página do *Correio de Uberlândia* e o programa foi considerado um verdadeiro “espetáculo de arte”. O recital, apresentado no auditório da emissora, contou com a participação artistas locais, que apresentaram uma programação clássica, com a execução de diversas áreas de ópera, como *La Bohème*, de Puccini, interpretada por Arita Balieiro, acompanhada ao piano por Cora Pavan Capparelli.

Os elogios à iniciativa da Educadora são outra vez acompanhados das expectativas alimentadas pelos intelectuais da cidade:

Dizendo da boa impressão que nos deixou a iniciativa da Rádio Educadora de Uberlândia, esperemos que ela venha a ser em arte o que foi a Rádio Educadora do Brasil, a PRA-2, hoje Rádio Ministério da Educação. A primeira estação

⁹⁵ CORREIO DE UBERLÂNDIA. Comentando coisas da cidade: rádio, cinema e teatro. Autor: Espião. 21/01/1953.

instalada em nosso país, sob a direção do grande Roquette-Pinto, o introdutor do rádio no Brasil, em 1924.⁹⁶

O modelo de radiofonia criado por Roquette-Pinto é novamente exaltado pela elite local, que espera da nova emissora uma programação que possa “educar” o ouvinte uberlandense. A proposta, ao que parece, é retomar o formato como se deram as primeiras transmissões radiofônicas no país.⁹⁷

O anseio da elite intelectual uberlandense em possuir uma emissora inspirada no modelo proposto por Roquette-Pinto, na década de 1950, não pareceu prosperar. A Rádio Educadora de Uberlândia, uma empresa privada com fins lucrativos, não poderia abandonar o viés comercial, essencial para seu funcionamento. Neste sentido, as fontes pesquisadas indicam que a “caçulinha”, durante as décadas de 1950 e 1960, mesclava sua programação, ora agradando as elites com uma programação “mais fina”⁹⁸, marcada pelas audições de músicas eruditas e recitais de poesia, ora aproximando-se dos populares, a exemplo dos programas de auditório e de sua importante atuação frente ao carnaval de rua.

Fazendo jus ao nome, a Educadora também investiu em uma série de programas educativos, oferecendo aos ouvintes uma gama de palestras sobre artes, história, geografia e língua estrangeira. Tais iniciativas, sempre bem vistas aos olhos da imprensa, recebiam destaque, uma vez consideradas como “verdadeiro objetivo da radiodifusão”:

Temos acompanhado com prazer as atividades da Rádio Educadora de Uberlândia, ZYV-38, desde o início de seu funcionamento, que ocorreu em janeiro do ano próximo findo. Vem mantendo sua programação, cultural, educacional e artística, dentro das possibilidades de uma organização nova, fadada ao êxito. Agora estamos informados que será lançado brevemente o Inglês pelo Rádio, com o concurso do conhecido professor George Gillitlie,

⁹⁶ CORREIO DE UBERLÂNDIA. Um espetáculo de arte da Rádio Educadora. 18/03/1953.

⁹⁷ A rigor, partiu de Roquette-Pinto a definição do papel social desempenhado pelo rádio educativo na sociedade brasileira, sob o ideal de transição para a superação do atraso nacional, herança de nossa tradição colonial. Nas palavras do antropólogo: “O rádio representa o papel preponderante de guia diretor, de grande fundador de almas, porque espalha a cultura, as informações, o ensino prático elementar, o civismo, abre campo para o progresso preparando os tabaréus, despertando em cada qual o desejo de aprender. Muita gente acredita que o papel educacional do radiofônico é simplesmente um conceito poético, coisa desejável mais difícil ou irrealizável. Quem pensa desse modo, não conhece o que se faz no Brasil.” ROQUETTE-PINTO, Edgar, *apud*, RANGEL, Jorge Antônio. **Edgard Roquette-Pinto**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, p. 101.

⁹⁸ Neste sentido, a nota publicada no Correio de Uberlândia é bastante exemplificativa: “HOJE, ÀS 20:30 HORAS, AUDIÇÃO DO PROF. REMY COUTO. Hoje, sob o patrocínio de Vasconcelos Alfaiate, a Educadora irradiará a audição semanal do prof. Remi Couto, o mago do violão, em números de **música popular e música fina** [...] **Um programa de classe, a altura do mais exigente ouvinte.**” [grifos nossos]. Cf. CORREIO DE UBERLÂNDIA. Educadora no ar. 27/05/1953, p. 3.

curso esse que tem a finalidade de auxiliar a pronúncia correta da língua inglesa e ainda para principiantes.⁹⁹

Na nota é possível identificar o entusiasmo da imprensa com as atividades da nova rádio e até mesmo certa “compreensão” em relação às possíveis falhas em sua irradiação, por se tratar de uma “organização nova”, ainda em fase de ajustes. O sucesso futuro da emissora estaria ligado ao fato de manter em seu quadro uma programação cultural, educacional e artística, muito bem vista pela elite intelectual da cidade.

A mudança no quadro societário da emissora¹⁰⁰, ocorrida oficialmente em 1955, trouxe alterações significativas para a Rádio Educadora. Os novos proprietários, empresários e fazendeiros influentes na sociedade uberlandense, em sua maioria políticos filiados à União Democrática Nacional – UDN, investiram suntuosos recursos para promover o crescimento da emissora. O empresário Nicomedes Alves dos Santos, proprietário da empresa Diversões Triângulo Mineiro¹⁰¹, assumiu o controle acionário da Rádio Educadora, delegando sua administração a Moacyr Lopes de Carvalho¹⁰², cuja atuação ocupa um lugar de destaque na memória dos entrevistados:

Então este pessoal tornou-se dono da Educadora e entregou a direção da rádio a um cidadão que chamava-se Moacyr Lopes de Carvalho... que ficou 11 anos no seminário ...só não tinha uma voz bonita o que sempre foi o pesar da vida dele. E este homem fez um rádio moderníssimo aqui [...] este homem conseguiu uma liderança e a rádio Educadora tornou-se a queridinha da cidade.

103

Para os profissionais do rádio que vivenciaram este período, o dirigente da Rádio Educadora exerceu papel fundamental para o crescimento da radiodifusão na cidade.

A gente tem que fazer uma referência muito grande, muito larga mesmo, para o diretor da Rádio Educadora, Moacyr Lopes de Carvalho. O seu Moacyr ele

⁹⁹ CORREIO DE UBERLÂNDIA. Rádio Educadora ZYV-38. Ano VII, n. 4004, 09/09/1954.

¹⁰⁰ Conforme Portaria nº 759, de 05 de setembro de 1955, foi autorizada a elevação do capital social da Rádio Educadora de Cr\$500.000 para Cr\$1.000.000, ficando o quadro societário assim constituído: Nicomedes Alves dos Santos (495 cotas), João Naves de Ávila (100 cotas), João Rodrigues de Castro (100 cotas), Rodrigo Rodrigues da Cunha (100 cotas), Eduardo Veloso Sampaio Viana (100 cotas), Boulanger Fonseca e Silva (50 cotas), André Fonseca Ferreira (50 cotas) e Iraci Pereira (5 cotas).

¹⁰¹ A empresa Diversões Triângulo Mineiro S/A era proprietária do Cine Teatro Uberlândia e Cine Éden.

¹⁰² Natural de Barbacena-MG, o bancário mudou-se para Uberlândia em 1936, permanecendo na cidade até seu falecimento, em 1969, aos 55 anos. O autor dos hinos de Uberlândia e do time de futebol da cidade, o Uberlândia Esporte Clube (UEC) foi proprietário da Pensão Guanabara e do Hotel Rex antes de assumir a administração da Rádio Educadora. ALMANAQUE. **Uberlândia de ontem e sempre**. Uberlândia: Nós Projetos de Comunicação. Ano 4, nº 6, fev. 2014, p. 52 e 53.

¹⁰³ MARTINELLI, Sérgio Henrique, *apud* PACHECO, Fábio Piva. **Mídia e poder: representações simbólicas do autoritarismo na política. Uberlândia – 1960/1990**. Dissertação de Mestrado. Uberlândia: UFU, 2001, p. 29.

não tinha, não tinha limite não. O elemento era bom, tinha voz bonita, boa dicção, 'onde que está', 'está em tal lugar', ele ia lá e trazia para trabalhar aqui em Uberlândia. E nisso o rádio cresceu muito.¹⁰⁴

Assim como Geraldo Ladeira, dirigente da Rádio Difusora, Moacyr Lopes de Carvalho também utilizava a emissora que dirigia para fins políticos. Filiado ao Partido de Representação Popular – PRP¹⁰⁵, Moacyr candidatou-se vereador nas eleições de 1954, conseguindo votos apenas para eleger-se como suplente. Apesar de não possuir uma cadeira efetiva na Câmara, acompanhava os trabalhos legislativos, utilizando o programa diário *Política Municipal* como ferramenta para fazer comentários gerais e, principalmente, tecer críticas a seus opositores políticos.

Em Ata da 3ª Reunião Extraordinária da Câmara Municipal de Uberlândia, de 16/07/1956, o vereador do PSD, Pedro Schwindt Filho, criticou duramente o programa *Política Municipal*. Segundo o vereador “o que se irradia ali com relação à Câmara Municipal são as opiniões e palavras do diretor da emissora, senhor Moacyr Lopes de Carvalho”. Ele ainda menciona que o dirigente da Rádio Educadora tem interesse “embora o negue sempre, em fazer comentários que atingem o bom nome dessa Câmara, escolhendo algumas vezes as pessoas de determinados vereadores”.¹⁰⁶

Imagem 6 – Propaganda eleitoral de Moacyr Lopes de Carvalho.



Fonte: Correio de Uberlândia, 29/07/1958.

¹⁰⁴ Josué Borges de Santana, 73 anos, ex-radialista. Entrevista realizada em sua residência, no dia 30/10/2015. Duração: 1h5m23s.

¹⁰⁵ O PRP, fundado pelo ex-líder integralista, Plínio Salgado, permaneceu ativo de 1945 a 1965. Após esse período, a maioria de seus integrantes se agrupou no partido que deu sustentação política ao governo militar, ARENA (Aliança Renovadora Nacional). Nas eleições municipais, o PRP coligava-se com a UDN e o PRT (Partido Republicano Trabalhista), formando uma frente de oposição ao PSD.

¹⁰⁶ *O Repórter*, 25/07/1956.

Mesmo sem “uma voz bonita” para falar ao microfone, tal como fazia Ladeira na emissora concorrente, o fato de assumir a direção da Rádio Educadora, ao que parece, contribuiu significativamente para que Moacyr Lopes de Carvalho fosse, finalmente, eleito vereador nas eleições municipais de 1958. Na imagem acima, nota-se que a propaganda eleitoral de Carvalho está vinculada ao nome da emissora, uma vez que os eleitores deveriam se dirigir à Rádio Educadora para retirar as cédulas de votação.

Paralelamente às campanhas eleitorais, a Rádio Educadora de Uberlândia inaugurou, em 25 de junho de 1958, sua nova sede. A mudança das instalações para o primeiro andar do edifício Banco Mercantil do Brasil, na Avenida Afonso Pena, foi destaque na imprensa local. De modo semelhante ao ocorrido na inauguração do Cine Regente e da nova sede do Uberlândia Clube, o novo prédio da emissora foi “batizado” pela imprensa como um “Palácio do Rádio”, a “mais luxuosa, a mais completa e bem aparelhada [emissora] de todo o Triângulo Mineiro e também do Brasil-Central”.¹⁰⁷

A fotografia a seguir foi um dos registros feitos durante a inauguração da nova sede. Como parte das celebrações, é fixado no auditório da emissora o retrato de seu dirigente, Moacyr Lopes de Carvalho.

Imagem 7 – Inauguração da Rádio Educadora no prédio do Banco Mercantil.



Fonte: Arquivo Público Municipal. 1958.

¹⁰⁷ REVISTA SEREIA, ano 3, nº 33, out. 1958. Edição homenagem ao “Palácio do Rádio”, p.6.

A programação das festividades inaugurais foi publicada na primeira página do *O Repórter*, com duração de dois dias. A sessão solene de inauguração contou com a presença de representantes da imprensa, autoridades políticas e outras “figuras de destaque na sociedade uberlandense”, que após um coquetel apreciaram um “atraente programa” de músicas selecionadas, executadas pela pianista Cora Pavan Capparelli e o maestro Michelle Virno.

O “ponto alto” da festividade, segundo o *Correio de Uberlândia*, foi a apresentação de Anísio Silva, famoso cantor da Rádio Nacional, que segundo a publicação, “foi escolhido por uma enquete realizada num dos populares programas da emissora para brilhar na festa inaugural da nova e elegantíssima Rádio Educadora”.¹⁰⁸ Nota-se a relação estabelecida entre a emissora e seu público. Os ouvintes participam na escolha do artista que deveria se apresentar na inauguração da rádio, o que descarta a tese que o ouvinte é mero um receptor, agente passivo em sua relação com a mídia.

O forte discurso progressista, em torno da cidade e de sua população, também se fez presente na inauguração da nova estação:

Em Uberlândia, tudo é assim. Têm uma ânsia de crescer ciclopicamente. Nada nesta cidade abençoada pode estagnar sob pena de fenecer. Cidade-Jardim que se faz à própria custa, que, graças à visão de seus filhos, se projeta dia a dia no cenário das maiores cidades brasileiras. Uberlândia também tem sua emissora. Uma estação que orgulharia a mais cosmopolita capital. Uberlândia está de parabéns. Porque agora possui uma radioemissora que a enche de orgulho, fazendo-a ganhar um autêntico e colorido palácio: O Palácio do Rádio.¹⁰⁹

Observa-se, novamente, a importância dada pela elite às suntuosas construções arquitetônicas, que “embelezam” a paisagem citadina. A mudança da Rádio Educadora para um espaço mais “luxuoso”, na principal avenida comercial da cidade, é vista como uma espécie de “caminho natural de evolução”, já que a cidade cresce tal como um “ciclope”. Os proprietários da emissora, representados pelo dirigente Moacyr Lopes de Carvalho, integrariam o rol de “filhos visionários”, empenhados em contribuir para o desenvolvimento da cidade jardim.

Entretanto, a permanência do discurso modernizante não é o único ponto que merece atenção. Pela análise das fontes impressas, especialmente as publicações diárias do *Correio de Uberlândia*, constatamos que ao longo dos anos, a Rádio Difusora foi

¹⁰⁸ PEVI. Vitrine. *Correio de Uberlândia*, 26/06/1958.

¹⁰⁹ REVISTA SEREIA, ano 3, nº 33, out. 1958. Edição homenagem ao “Palácio do Rádio”, p. 10.

perdendo seu espaço nas páginas do jornal, cedendo lugar à “queridinha”, Rádio Educadora. Após a inauguração do *Palácio do Rádio*, a PRC-6 é relegada, citada apenas esporadicamente em alguma coluna radiofônica, na maioria das vezes recebendo críticas sobre sua programação.

A proximidade entre a Rádio Educadora e o *Correio de Uberlândia* justifica-se, primeiramente, pelo fato de que as duas empresas possuíam em seu quadro societário figuras em comum, como João Naves de Ávila e Nicomedes Alves dos Santos, ligados à UDN. Neste período, o dirigente da Rádio Difusora, Geraldo Ladeira, já era um grande opositor político, ligado primeiramente ao PSD e, posteriormente, ao PR.

Além de possuírem proprietários em comum, alguns profissionais do jornal também trabalhavam na ZYV-38, como Marçal Costa, responsável pela coluna social *Vitrine do Pevi*. Comandando alguns programas na rádio, não raro o jornalista aproveitava o espaço que possuía na imprensa escrita para “fazer propaganda” de seu programa, convidando os ouvintes para sintonizar a emissora.

O mesmo aconteceu com a revista *Sereia*, que publicou, em 1958, uma edição especial sobre a inauguração do Palácio do Rádio. Uma breve análise da página editorial é suficiente para notar os nomes de Marçal Costa e do próprio dirigente da emissora, Moacyr Lopes de Carvalho, como redatores da revista.

A publicação de algumas colunas específicas sobre a Rádio Educadora no jornal *Correio de Uberlândia* também sugerem investimento publicitário da emissora, talvez porque o impresso, de publicação diária, possuía grande circulação da época. Assim, além de reportagens especiais que destacavam algum evento ou ação específica, era comum surgirem pequenas notas específicas sobre a programação geral da rádio, como “*Educadora no ar*”, “*O que vai pela Educadora*” ou “*Educadora em Revista.*”.¹¹⁰

As notícias veiculadas pelos impressos demonstram, todavia, uma grande contradição. Se, por um lado, existe a tentativa de elevar o *status* da Rádio Educadora, considerando suas novas instalações como um verdadeiro “palácio” à altura da “fina” sociedade uberlandense, por outro, traz elementos que permitem observar a constante aproximação da emissora como as classes populares, seja na promoção dos carnavais de ruas ou no patrocínio de eventos bastante populares, como a corrida de bicicletas.

Assim, semelhante ao ocorrido com a PRC-6, ano após ano, a Rádio Educadora estreitava sua relação com os mais pobres, investindo na contratação de artistas já

¹¹⁰ Tais estratégias se acentuam com a chegada de outras emissoras de rádio na cidade, especialmente a Rádio Cultura, inaugurada em 1959.

consagrados popularmente, na produção de programas de calouros, distribuindo prêmios aos ouvintes que frequentavam seus auditórios, explorando programas e canções sertanejos, além de incluir em seu *casting* os profissionais que tinham forte apelo popular. Ao mesmo tempo, as crônicas narradas ao microfone da ZYV-38 revelam a contribuição da emissora para manutenção de um discurso progressista e moralizante, há tempos propagado pela elite local.

CAPÍTULO 2 -REVIRANDO ARQUIVOS E MEMÓRIAS: HOMENS E MULHERES DO BROADCASTING

Durante os primeiros passos desta pesquisa parecia impossível resgatar os personagens que fizeram parte da radiofonia na cidade de Uberlândia. Com exceção dos dirigentes das emissoras e de alguns radialistas, os recortes de jornais e revistas diziam pouco sobre os artistas de rádio locais. A imprensa escrita, em geral, fazia menções aos “melhores locutores”, destacava a contratação de algum “novo valor”, falava sobre a mudança dos profissionais para outras emissoras e comentava algumas curiosidades sobre o cotidiano dos bastidores. Neste último caso, as “fofocas” radiofônicas faziam pouco sentido no tempo presente, pois os colunistas sociais tratavam de assuntos e acontecimentos utilizando recursos linguísticos que só faziam sentido às pessoas que vivenciavam tais experiências.¹¹¹

Mesmo com dificuldades, um exame inicial das fontes escritas revelou um número significativo de pessoas que atuaram na Rádio Educadora durante as décadas de 1950/1960. Um levantamento quantitativo nos jornais e revistas analisados revela mais de uma centena de indivíduos, profissionais e amadores, que em algum momento integraram os quadros da emissora nas décadas de 1950/60. Destes, quase um terço eram mulheres que atuavam principalmente como cantoras, locutoras e radio atrizes.

A fotografia a seguir é um dos poucos registros do *casting* da emissora. Realizado durante a inauguração dos novos estúdios no prédio do Banco Mercantil, traz algumas das principais vozes da Educadora na década de 1950, como o locutor José Divino, o animador Maximiliano Carneiro, a locutora Nelva Ribeiro e o jornalista Marçal Costa. Ao fundo, o conjunto musical e as cantoras que mantinham contrato fixo com a emissora.

A imagem revela a participação significativa de mulheres, bem como presença de negros no grupo. Outro aspecto relevante refere-se à falta de identificação de parte do elenco, especialmente do conjunto musical. Essa “ausência” de nomes pode ser tanto um reflexo da falta de contato direto do público com estes artistas, uma vez que a interação era maior com os locutores, como um sinal de rotatividade dos músicos, que frequentemente abandonavam a carreira diante das dificuldades de se manterem no meio artístico.

¹¹¹ As curiosidades ou “fofocas” sobre os artistas de rádio aparecem principalmente em colunas especializadas sobre o tema. No Correio de Uberlândia, por exemplo, temos os “Respingos Radiofônicos”, “Coisas da cidade em cinema, rádio e teatro”, “Rádio”, “Coluna Radiofônica” e também a coluna social “Vitrine do Peví”.

Imagem 8 – Casting da Rádio Educadora de Uberlândia. Década de 1950.



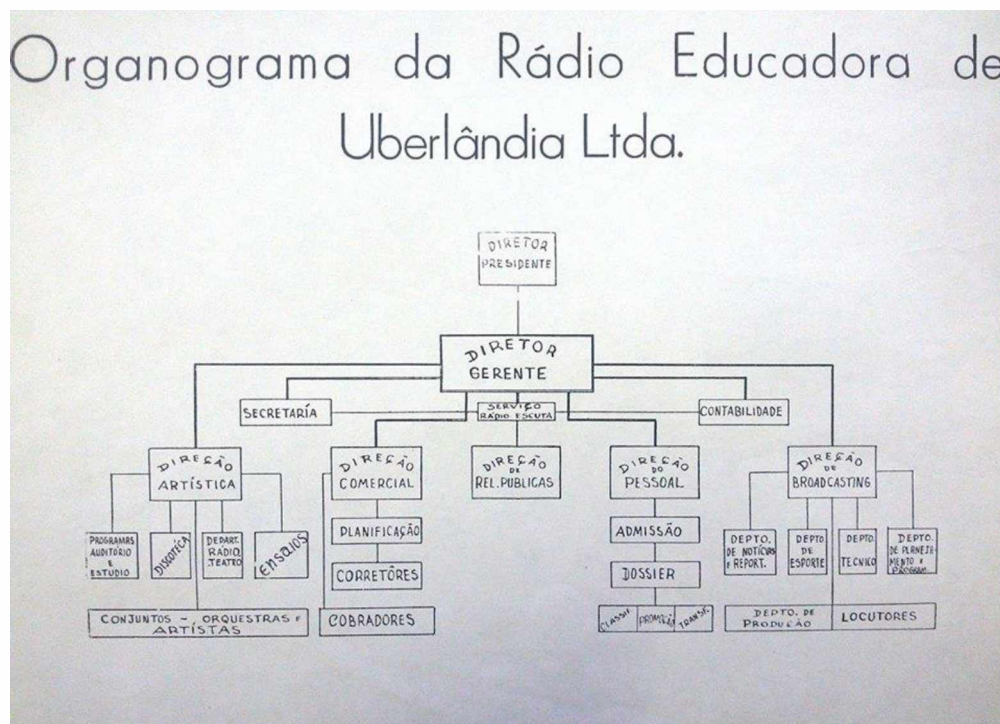
Da esquerda para a direita (sentados): José Divino, José Arantes, Ligia, Antônio Araújo, Nelva Ribeiro, Castor Sobrinho, Maximiliano Carneiro (Hipopóta), Agenor Simão, Marçal Costa. Em pé: Antônio Humberto,....., Salin,....., Joana Silva, Magali. Fonte: Arquivo Público Municipal.

Nos anos iniciais, a “caçulinha” contava basicamente com artistas locais, alguns iniciantes, outros com alguma experiência advinda da atuação na emissora concorrente. Aos “pioneiros” cabia a transmissão do conhecimento e técnicas adquiridas para lidar com o microfone e, principalmente, com a aparelhagem de som. Posteriormente, radialistas renomados foram contratados para integrar o *casting* da emissora que, após a mudança dos seus estúdios para o prédio do Banco Mercantil, chegou a ser comparada com as grandes emissoras de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Mais que um “palácio”, a emissora tinha “ares” de uma grande empresa, com funcionários que atuavam diariamente para levar sua programação ao ar. O organograma a seguir, publicado na revista *Sereia*, demonstra o nível de organização e gestão administrativa da Rádio Educadora que, segundo Dângelo, adotou “práticas de racionalização e controle instaurados pelo taylorismo, cumprindo uma perspectiva de aproximação com o broadcasting norte-americano”. Para o historiador, o organograma torna visível a profissionalização, a racionalidade e o controle de horários, associando o diretor à imagem de um ser onipresente, “trazendo para o interior da estação a prática da

vigilância e controle de gestos de funcionários, artistas e, sobretudo de seus frequentadores”.¹¹²

Imagem 9 – Organograma da emissora.



Fonte: Revista *Sereia*, Ano 3, nº 33, outubro de 1958.

A distância temporal existente entre o momento da pesquisa e nosso objeto também trouxe outras dificuldades, afinal, os tempos áureos da radiofonia foram vivenciados pelos uberlandenses há cerca de cinquenta anos. Em virtude disso, vários protagonistas da radiofonia local já faleceram, outros não foram encontrados no decorrer da pesquisa e alguns se recusaram a conceder entrevistas, principalmente em decorrência da idade avançada e saúde bastante fragilizada.

Difícilmente seria possível elaborar uma narrativa sobre as experiências dos profissionais que trabalharam na Rádio Educadora sem ouvir seus relatos. Felizmente, alguns personagens compartilharam suas lembranças, uns com bastante dificuldade, outros com uma narrativa envolvente que, aos ouvidos desta entrevistadora, soavam quase como uma narrativa exata dos fatos ocorridos. De qualquer forma, ao longo das entrevistas e, posteriormente, das transcrições e análise do material, tivemos a compreensão de que a memória é uma instância criativa, uma forma de produção

¹¹² DÂNGELO, Newton. Vozes da cidade [...], op. cit., p.135.

simbólica, dimensão fundamental que institui identidades individuais e coletivas. Conforme ensina Barros:

A memória não deve ser associada a um “espaço inerte” no qual se depositam lembranças, mas compreendida como “território”, como espaço vivo, político e simbólico no qual se lida de maneira dinâmica e criativa com as lembranças e com os esquecimentos que reinstituem o indivíduo em suas relações a cada instante.¹¹³

Consequentemente, também entendemos que os relatos orais, em regra, são feitos *a posteriori*, o que significa dizer que os nossos entrevistados, ao falarem sobre suas experiências radiofônicas, não se desvincularam do tempo presente. Os relatos de um indivíduo, ainda que espontâneos ou produzidos a partir de uma entrevista, não falam “senão do presente, com as palavras de hoje, com a sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre esse passado que ele pretende recuperar”.¹¹⁴

No mesmo sentido, Ortiz nos alerta que a lembrança, quando contada, se atualiza sempre a partir do presente, que age como um filtro e seleciona pedaços de lembranças. O sociólogo alerta que os testemunhos de atores sociais das esferas culturais descrevem um passado muitas vezes romantizado, carregado de uma nostalgia e de uma valorização da individualidade do narrador. Assim, os testemunhos não são utilizados como meios de atestar a veracidade de fatos ocorridos no passado, mas como “descrições que retratam um ambiente que encerra nele mesmo, elementos reveladores da sociedade”.¹¹⁵

As experiências narradas revelaram, dentre outros aspectos, a trajetória inicial dos entrevistados no “mundo” radiofônico; as técnicas, os improvisos e os “modos de fazer”¹¹⁶ a programação; a ascensão na carreira; as relações de amizade e afeto estabelecidas nos bastidores da emissora e; as dificuldades e frustrações vivenciadas enquanto artistas do rádio.

O primeiro contato com o rádio local se deu, em muitos casos, ainda na infância. Ademir Reis relembra que frequentava os estúdios da Rádio Educadora quando criança: “Eu tinha um vizinho, o Sr. Moacyr Lopes de Carvalho, ele era o gerente da Rádio

¹¹³. BARROS, José D’ Assunção. História e memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço. In: **MOUSEION**, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009, p. 37.

¹¹⁴ ROUSSO, Henri, *op. cit.*, p. 98.

¹¹⁵ ORTIZ, Renato, *op. cit.*, p. 79.

¹¹⁶ Neste viés, nos aproximamos dos ensinamentos de Certeau quando compreendemos que os profissionais e artistas de rádio não são passivos frente à produção radiofônica. Assim, o cotidiano é entendido como espaço criativo, marcado por conflitos, apropriações, jogos e táticas individuais. CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1 – artes de fazer**. 9ªed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

Educadora e eu, com oito anos, vivia dentro do rádio. O seu Moacyr me levava. Eu ia pra rádio e ficava lá na rádio, sentado, olhado, achava uma maravilha”.¹¹⁷

De forma semelhante, Josué Borges de Santana lembra que a primeira experiência no microfone ocorreu ainda nos “tempos de menino”, em um programa de calouros da Rádio Difusora:

Perto da minha casa tinha o centro espírita Joana D’arc, e lá tinha teatros, assim né. Tinha uma irmã que declamava lá e eu achava muito bonito ela declamar e aí eu decorei a poesia dela e comecei a declamar num programa infantil de rádio. Esse programa era da rádio Difusora. O nome do programa era até meio sugestivo, era Astros e Estrelas de Amanhã.¹¹⁸

Os programas infantis das emissoras locais eram a diversão das crianças e o acesso aos estúdios, segundo Josué, não era difícil. Nas apresentações as crianças cantavam ou declamavam poemas, concorrendo ao trono de Rei/Rainha.

O programa também ocupa um lugar na memória da dona Fátima Zuquete e de seus familiares. A ouvinte lembra que os ensaios eram feitos aos sábados, com o maestro Mosquitinho, e as apresentações ocorriam nas manhãs de domingo:

Certo dia minha filha Simone estava no trono prestes a ganhar o prêmio. E lá veio a Adaísa [sobrinha] com sua apresentação, e mais uma vez acabou levando pra casa o corte de pano que era pra ser dela, um tecido lindinho vermelho com bolinhas brancas. Essa lembrança está sempre comigo.¹¹⁹

As primeiras experiências como profissionais do rádio, muitas vezes, são creditadas ao acaso e ao improviso. O “sonho da infância”, de se tornar locutor de rádio, foi realizado por Odival Ferreira a partir de um contato comercial estabelecido com experiente radialista Agenor Simão, que na época conseguiu vender um anúncio para a Alfaiataria Central:

Nesta ocasião eu era alfaiate. Meu pai me botou numa alfaiataria aos doze anos para aprender a profissão. Com quatorze anos eu já era oficial e fiquei na alfaiataria até dezessete anos, passando pra dezoito, quando eu comecei a me dividir com o rádio. Então o Agenor, Capitão Charqueada, pegou o anúncio da alfaiataria pra fazer. [...] Um dia eu brinquei com ele que ia lá ler o texto da Alfaiataria Central. Brinquei. No dia seguinte, ele chegou e falou: - “Mas você não apareceu lá”; - “Apareci onde, Agenor?”; - “Lá na rádio, ué. Você falou que ia lá.”; - “Não rapaz, eu estava brincando”; - “Não, mas pode ir!”. Ele não

¹¹⁷ Ademir Torido Reis, radialista aposentado, 66 anos, entrevista concedida no dia 27/04/2016, em seu escritório na Câmara, com duração de 2h04m16s.

¹¹⁸ Josué Borges de Santana, radialista aposentado, 73 anos, entrevista concedida em sua residência, no dia 30/10/2015, com duração de 1h5m23s.

¹¹⁹ Fátima Zuquete Silva, ouvinte de rádio, 72 anos, entrevista concedida em sua residência, em 14/07/2016, com duração de 1h15m16s.

sabia que eu guardava o sonho de moleque, desde os doze anos, o sonho de ser locutor de rádio. Foi aí que eu comecei, assim por acaso.¹²⁰

Para o radialista, as pessoas começavam suas carreiras como locutores por acaso ou por “descoberta” de alguém que trabalhava no meio. Os programas de calouros, em geral, revelavam as cantoras e cantores, que posteriormente poderiam ser aproveitados na emissora. Nestes programas não havia revelação de locutores. O mais comum era que alguém da emissora, em alguma conversa cotidiana, descobrisse o novo talento, observando a qualidade da voz e dicção do indivíduo. De acordo com Odival, em função do “sonho” de trabalhar com rádio, algumas pessoas pediam para fazer testes na emissora, mas raramente eram aproveitados.

Segundo Ortiz, a ideia de acidentalidade, de acaso, presente nos depoimentos daqueles que integraram o rádio e a televisão nos anos 40 e 50 são características dos relatos centrados no individual. Mas, ao deslocarmos para o coletivo, percebemos seu enfraquecimento, pois os testes eram uma forma efetiva de recrutamento de pessoal.¹²¹

A descoberta, muitas vezes, também era revestida por uma espécie de apadrinhamento. Neste caso, os indivíduos com potencial para a radiofonia chegavam ao rádio pela amizade que tinham com alguém da emissora:

Comecei na Rádio Educadora, ainda moleque, fui levado por um amigo, chamado Alírio Marra, era um dos maiores repórteres que tinha aqui em Uberlândia. Me levou pra Educadora para fazer, para aprender a técnica de som, sonoplastia, na época chamava-se técnica de som.¹²²

Na perspectiva de Ortiz, a prática do apadrinhamento como recrutamento de novos valores para o meio radiofônico não era apenas aceita, ou tolerada, mas inclusive estimulada, e dela se beneficiavam padrinho e apadrinhado. Enquanto o padrinho reforçava publicamente que lançou a carreira de fulano, o apadrinhado tinha interesse em ter seu nome ligado a um profissional de prestígio. Nesta relação, portanto, todos se beneficiavam.¹²³

A técnica de som, ou sonoplastia, aparece nas narrativas como elemento central que caracteriza a produção radiofônica do período. Diferente da radiodifusão digital, em que o locutor consegue narrar e comandar todos os efeitos sonoros irradiados, nos tempos

¹²⁰ Odival Antônio Ferreira, radialista aposentado, 68 anos, entrevista concedida em sua residência, no dia 04/11/2015, com duração de 57m53s.

¹²¹ ORTIZ, Renato, op. cit., p. 81.

¹²² Maurílio Pereira de Oliveira, mais conhecido no meio radiofônico como Maurílio Catito, radialista aposentado, 69 anos, entrevista concedida em sua residência no dia 20/11/2015, com duração de 1h48m36s.

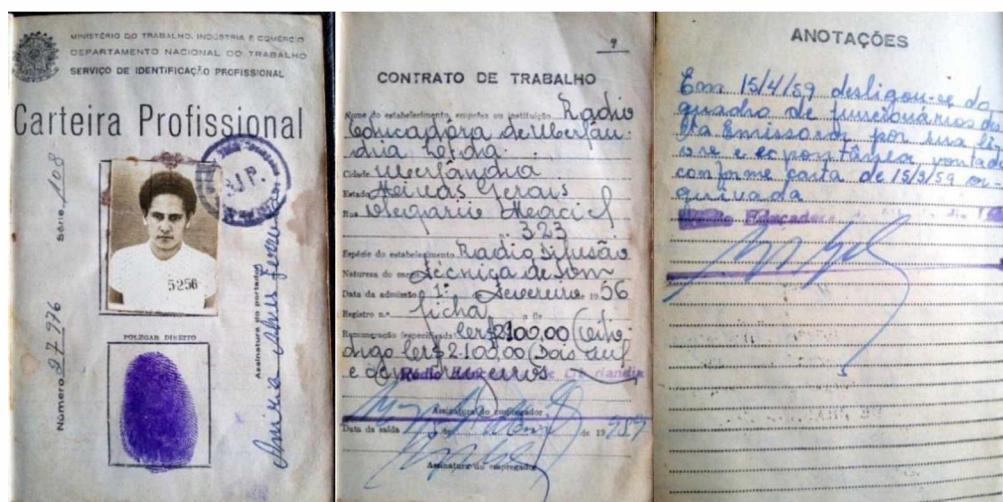
¹²³ ORTIZ, Renato, op. cit., p. 81.

áureos do rádio os profissionais tinham papéis bem definidos para colocar um programa no ar. Ao técnico de som cabia o controle dos discos com músicas e anúncios gravados, além dos efeitos especiais, frequentes nos programas e radionovelas. Tudo em perfeita sintonia com o trabalho dos locutores. Um trabalho técnico, mas também artístico:

O operador é a alma do programa. Não teria como ter um programa sem um operador pra ligar o microfone, colocar as músicas, colocar o fundo musical quando o locutor quer. Ele [o sonoplasta] fazia todo o intercâmbio, essa roupagem do programa, deixava o programa mais bonito.¹²⁴

Foi na mesa de som que Aníria Alves Ferreira tornou-se uma profissional de referência no meio radiofônico. Enfrentando a resistência da mãe, a jovem foi trabalhar na Rádio Educadora em 1956, aprendendo a técnica e realizando programas considerados difíceis, como o “Nossa Fazenda”, na época sob o comando do irreverente Maximiliano Carneiro, popularmente conhecido como Coronel Hipopóta.

Imagem 10– Carteira Profissional de Aníria Simão.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Luciene Simão.

A imagem anterior mostra o registro de admissão de Dona Aníria nos quadros da emissora, em 01/02/1956. A filha de Aníria, Maria Luciene Simão, conta que a avó só permitiu que a mãe trabalhasse na rádio no período diurno e, ainda, com a vigilância do irmão mais novo, que “ia pra rádio com ela todo dia, e ficava lá sentado enquanto ela trabalhava. Ele ia pra vigiar”.¹²⁵

¹²⁴ Gregório José Lourenço Simão, 51 anos, radialista e jornalista, filho dos radialistas Agenor e Aníria Simão. Entrevista concedida nos bastidores da BAND TV, no dia 02/11/2015, com 20m23s de duração.

¹²⁵ Maria Luciene Simão, 50 anos, filha dos radialistas Aníria e Agenor Simão. Entrevista concedida em sua residência, no dia 28/04/2016, com duração de 01h17m44s.

Nos bastidores da emissora, Aníria conheceu Agenor Simão¹²⁶, radialista baiano que chegara à cidade em meados de 1954, após um convite realizado pelo dirigente da Rádio Educadora, Moacir Lopes de Carvalho. Logo começou o namoro, mesmo a contragosto da mãe de Aníria, resistente com a escolha da filha de namorar um radialista. O casamento ocorreu em 1958 e, poucos meses depois, Aníria deixa o trabalho de técnica de som “por livre e espontânea vontade”, conforme consta nas anotações de sua carteira profissional.

A resistência de dona Alvina estava alinhada ao preconceito vivido pelos profissionais do rádio neste período. Além de mal remunerados, a profissão de radialista não era benquista por vários setores da sociedade, principalmente por estar ligada ao meio artístico, sendo facilmente associada à boemia e à vulgaridade:

Quando minha mãe foi trabalhar em rádio, minha avó não queria deixar, porque achava que todas as mulheres que trabalhavam em rádio virariam prostitutas. E minha mãe estava cansada de trabalhar como babá, como doméstica. Quando surgiu a chance dela ir pra rádio, ela falou – “Eu vou trabalhar na rádio”. E foi. Quanto aos homens, tinha aquele dogma mesmo, do radialista ser muito paquerador, ser um garanhão.¹²⁷

Aníria Simão integra um grupo significativo de mulheres que atuaram na Rádio Educadora nas décadas de 1950 e 60, principalmente se nós considerarmos que neste período poucas trabalhavam e ocupavam espaços definidos social e culturalmente como masculinos. Segundo Mustafá, as mulheres que trabalhavam nas rádios eram vistas como pessoas com um comportamento fora das normas sociais e, em geral, eram rotuladas de “mulheres da vida”.¹²⁸

Em Uberlândia, assim como em outras cidades do país, ainda perdurava na mentalidade social um “ideal” de mulher voltada para o casamento e a maternidade, reflexo de doçura e subserviência, onde o homem ainda era a autoridade máxima nos espaços público e privado.

¹²⁶ Agenor Simão de Santana, nascido em 04/08/1932, em Santa Cruz de Cabrália – BA. Trabalhou com o sistema de alto-falantes, aos doze anos, na cidade de Rubim – MG. Em São Paulo, trabalhou nas Emissoras Reunidas. Veio para Uberlândia na década de 1950, a convite do dirigente da Rádio Educadora, Moacir Lopes de Carvalho. Como radialista, atuou em todas as emissoras de rádio AM na cidade. Na Rádio Cultura alcançou enorme popularidade com seu modo irreverente de fazer jornalismo policial, tornando-se conhecido entre os ouvintes como o “Capitão Charqueada”. Faleceu durante a realização deste trabalho, em 19/09/2015, aos 83 anos.

¹²⁷ Gregório José, op. cit.

¹²⁸ MUSTAFA, Izani. As mulheres na Rádio Difusora AM de Joinville (1941-1961). In: Luciano Klöckner e Nair Prata. (Org.). **Mídia Sonora em 4 Dimensões**. Porto Alegre: Edipucrs - Editora Universitária da PUCRS, 2011, p. 215.

É claro que a industrialização e o crescimento dos centros urbanos, ainda que vivenciados em menor escala nas cidades interioranas, refletiram na forma como as mulheres se relacionavam e como se comportavam socialmente, conforme aponta Carla Bassanezi.

Diferentemente de suas avós, as garotas dos anos 50 viviam num tempo de maior proximidade entre pais e filhos e de crescente atenção aos gostos, opiniões e capacidades de consumo da juventude. As manifestações públicas de carinho de jovens namorados, ainda que discretas, tornaram-se mais comuns no cenário das cidades. Os filmes norte-americanos seduziam os brasileiros e atraíam especialmente os jovens, com o *american way of life* e a crença no futuro e na modernidade. E não poucas garotas aprenderam a beijar, manifestar afeto e comportar-se mais informalmente vendo filmes americanos.¹²⁹

Entretanto, apesar das significativas alterações econômicas e sociais e de uma maior participação das mulheres no mercado de trabalho e de consumo, a concepção da moral de das obrigações feminina não foram profundamente alteradas.

Diante de uma sociedade uberlandense tão conservadora e moralista, muitas jovens desafiaram os padrões sociais para atuar nas rádios como técnicas de som, locutoras, cantoras e radio atrizes, além de ocuparem postos administrativos nos bastidores das emissoras, como secretárias e mesmo cargos de direção, como no caso de Magda Santos, que integrou o quadro direcional da Rádio Educadora no início da década de 1960, como diretora artística.

Geracina Magdalena dos Santos era natural de Itumbiara – GO. Nascida em 10 de julho de 1936, atuou na Rádio Difusora local e teve passagens pelas emissoras de rádio do Rio de Janeiro e Ribeirão Preto, voltando à cidade para atuar na Rádio Educadora em 1961. Neste período trabalhou principalmente como locutora, radio atriz e produtora artística, integrando a equipe do Coronel Hipopóta nos programas sertanejos. Foi a convite do amigo que se mudou para Goiás, pouco tempo depois, para trabalhar na TV Anhanguera, onde comandou um programa infantil bastante conhecido entre os goianos, chamado “O mundo é das crianças”.

¹²⁹ BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados In: **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.p. 621.

Imagem 11 – Magda Santos no programa infantil “O mundo é das crianças”. TV Anhanguera de Goiânia-GO.



Fonte: Jornal online O popular, coluna Magazine, 24/10¹2013.

Magda Santos alcançou sucesso como artista de rádio e, posteriormente, de televisão. Todavia, esta trajetória não foi seguida pela maioria das mulheres que emprestaram suas vozes e seu talento aos microfones da Rádio Educadora, mas permaneceram no anonimato.¹³⁰

Durante as entrevistas realizadas, apesar das fontes escritas indicarem sua participação efetiva no meio radiofônico, poucas mulheres foram lembradas. A carreira, muitas vezes de curta duração, somada a presença maior de profissionais do gênero masculino são possíveis justificativas para a invisibilidade destas profissionais. Entretanto, é sabido que elas participaram ativamente da cultura radiofônica local.

Essas mulheres, ao mesmo tempo em que desafiavam os padrões morais impostos socialmente ocupando espaços considerados desviantes e desqualificadores, encontravam inúmeras barreiras para que se mantivessem nestes mesmos espaços, principalmente em função do casamento e dos filhos. Deixar o trabalho no rádio era visto como um estágio

¹³⁰ Mulheres como as locutoras Nelva Ribeiro e Luzia Donato; as cantoras Maria Martins, Magalli Bernardes, Haidê Maria, Maria Macedo, Edy Santos, Terezinha Barbosa, Vilma Giovani, Maria de Fátima, Neusa Maria e Shirley Farah; as radio atrizes Zilah Rezende, Maria Aparecida Coelho e Sônia Mendonça; e tantas outras, citadas nos jornais e revistas da época.

natural da vida feminina. – “Parei porque casei”, – “Parei para cuidar dos meus filhos” estão entre as justificativas mais comuns para a interrupção da carreira radiofônica.

Foi assim com Luzia Donato¹³¹, que na década de 1960 conduzia “Os brotos comandam”, um programa voltado ao público jovem, com seleção de músicas do gênero *Rock’n’Roll*, especialmente canções de Elvis Presley, que permanece como seu grande ídolo¹³².

Foi trabalhando na Rádio Educadora que a locutora conheceu o marido, de forma bastante inusitada. Em meados de 1972, Nils Olsen, um sueco DX-ista¹³³, conseguiu captar as ondas da Rádio Educadora e enviou uma carta à emissora. Como Luzia Donato era fluente em língua inglesa, respondeu a carta do longínquo ouvinte. A troca de cartas culminou na vinda de Nils para Uberlândia e, logo em seguida, o matrimônio se realizou. A partir de então, Luzia deixou a profissão de radialista e passou a trabalhar ao lado do marido, em uma loja de discos de vinil, na região central da cidade, comércio que ainda resiste ao tempo e aos avanços tecnológicos do mercado fonográfico.

O mesmo ocorreu com Aníria Simão. Mesmo se casando com alguém do meio radiofônico, a sonoplasta pediu demissão na emissora após o matrimônio. Segundo Luciene, filha mais nova do casal, Agenor Simão era “aventureiro e boêmio”, mas cultivava muitos costumes conservadores e machistas existentes na sociedade da época. Por esse motivo, não permitiu que Aníria continuasse a trabalhar na rádio. Para manter a esposa em casa, Agenor se desdobrava, trabalhando em três ou quatro empregos, dada a má remuneração dos profissionais de comunicação na cidade.

No final da década de 1950, muitos casamentos foram realizados entre colegas da emissora. Pelas contas de Ademir Reis, foram onze no total. Dentre eles: Agenor e Aníria; José Lopes e Maria Martins; Abílio Segadães e Maria Aparecida Pereira (Bitú) e; Willian de Oliveira e Maria Macedo. A quantidade significativa de relacionamentos amorosos ocorridos nos bastidores da emissora, de acordo com nosso entendimento, também reflete

¹³¹ Luzia Donato Olsen, 72 anos, ex-locutora da Rádio Educadora e proprietária de loja de discos. Entrevista concedida no seu estabelecimento, em 21/11/2015, com duração de 30 minutos.

¹³² O interior da loja de discos é repleto de pôsteres do cantor Elvis Presley. Luzia conta que tem toda a coleção do artista, incluindo discos e filmes. Sobre a influência exercida por este estilo musical e da Jovem Guarda na cultura e comportamento da juventude local nas décadas de 1950/60, ver: SILVA, Elmiro Lopes da. **Música, juventude e comportamento: nos embalos do Rock’n’Roll e da Jovem Guarda (Uberlândia, 1955-1968)**. Dissertação (Mestrado em História). Uberlândia, 2007.

¹³³ O termo DX-ista refere-se ao grupo de pessoas que têm interesse pela técnica da radiodifusão, especialmente recepção, funcionamento do receptor, propagação, construção de antenas. Este grupo busca por emissoras de longa distância e/ou de baixa potência e habitualmente escrevem a estas estações com o intuito de receber uma confirmação de escuta. São os chamados “caçadores de estações”. A história de Luzia e Nils foi publicada na coluna Panorama, do jornal **Folha de São Paulo**, em 08/12/1972.

o preconceito social com a classe. Diante do estigma sofrido pelos artistas e radialistas, era comum a aproximação entre seus pares.

Muitas estratégias também eram adotadas por essas profissionais, como forma de reafirmar seus valores morais e éticos diante do conservadorismo social. O comportamento nas apresentações, a forma de se vestir e mesmo a interpretação das canções parecia influenciar na própria aceitação da artista na sociedade.

A simpática e apreciada Rádio Educadora está promovendo um interessante concurso para seleção de valores, o qual vem despertando real interesse do ouvinte. Há, até agora, uma boa lista de votados, no qual se vê, liderando, a cantora Maria Macedo, sem dúvida alguma um valor novo de acentuada capacidade, porque possuidora de linda voz e **dona de estilo que foge do vulgar**. Por isso mesmo já se transformou num dos atrativos artísticos da Rádio Educadora, sendo os seus programas motivo para grande afluência de público no auditório. [Grifo nosso]¹³⁴

Nota-se que a preferência do público pela cantora, segundo o jornal, não estaria vinculada somente a sua qualidade artística, mas ao seu comportamento nas apresentações, o que justificaria a quantidade de ouvintes presentes no auditório, bem como o expressivo número de votos, “mais de 600 sufrágios” conquistados.

Mas a tarefa de “provar seu valor” perante a sociedade não era exclusiva das mulheres do rádio. Os homens do broadcasting também tinham que lidar constantemente com a contradição existente na forma como eram vistos socialmente. Ao mesmo tempo em que eram admirados pelo seu talento artístico, também sofriam com a discriminação de alguns setores da sociedade, o que tornava difícil, por exemplo, iniciar um namoro com alguma jovem “de boa família”.

Se as mulheres que trabalhavam no rádio eram vistas como “meretrizes”, os homens eram considerados “beberrões” e “mulherengos”:

Tinha muito preconceito, da seguinte maneira: o rapaz que trabalhava no rádio normalmente, normalmente ele era alijado da sociedade, por exemplo, uma moça de classe média não podia namorar um rapaz que trabalhava no rádio. Porque era mal visto, porque era isso, aquilo, aquilo outro, mas não tinha nada a ver uma coisa com a outra.¹³⁵

Em virtude do caráter artístico de sua profissão, eram vinculados à boemia, uma vez que muitos possuíam uma vida noturna agitada, como no caso de Arlindo de Oliveira

¹³⁴ “Maria Macedo liderando o concurso da Rádio Educadora. ” **O Repórter**, n. 2496, ano XXIII, 2205/1956.

¹³⁵ Josué Borges de Santana, op. cit.

Filho, o Lotinho, primeiro cantor negro da cidade a se apresentar no Uberlândia Clube, ainda na década de 1950.

Cantor local bastante famoso, Lotinho se apresentava nos principais clubes da cidade e tinha um programa semanal na Rádio Educadora, levado ao ar todas as quintas-feiras, às 20 horas. Considerado um dos protagonistas da vida artística uberlandense, teve sua trajetória marcada pela presença nos clubes, bares e cabarés da cidade em momentos que mesclavam trabalho e lazer.¹³⁶

Para grande parte da população, a noite serviria como tempo de descanso para o pai de família, que trabalhou o dia todo em busca do sustento da casa. A vida noturna, portanto, não era condizente com as normas sociais impostas pela sociedade, que buscava disciplinar a população através do trabalho. Neste sentido,

Ser boêmio, numa determinada visão corrente, significa principalmente que se está ‘desamarrado’ dos vínculos fundantes da sociedade: família, casamento, trabalho, obrigações sociais. Nessa construção idealizada, ser artista boêmio significa viver diferentemente, estabelecer as regras do dia-a-dia de um modo diferente, ter uma vida de aventuras que escape à monotonia dos dias que seguem, daquilo que é previsível do comum dos mortais.¹³⁷

Muitos artistas, especialmente os cantores, também abandonavam suas carreiras após o casamento. Foi o que aconteceu com Aníbal Olímpio Martins¹³⁸, cantor de música caipira que aos poucos foi deixando a vida boêmia, as apresentações nos bailes e nas emissoras locais para se adequar aos padrões sociais e às exigências da esposa, dona Maria Rosa Martins, que só aceitou o pedido de casamento depois que ele prometeu parar de cantar.¹³⁹

Essa visão estereotipada da boemia, todavia, desconsidera o fato de que muitos artistas de rádio se dedicavam a outras atividades profissionais como meio de complementar a renda mensal, uma vez que o mercado artístico era extremamente desvalorizado. Mesmo aqueles que se dedicavam exclusivamente à carreira artística tinham que trabalhar muito para conseguirem sobreviver ao mercado, sempre desvalorizado e bastante instável. Nas palavras de Alcir Lenharo:

¹³⁶ Sobre a trajetória boêmia de Lotinho, bem como de outros protagonistas da vida noturna local, ver: OLIVEIRA, Júlio César de, op. cit.

¹³⁷ LENHARO, Alcir. **Cantores do Rádio – A trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995, p. 25.

¹³⁸ Em meados da década de 1960, Aníbal era o Maranhão, da dupla sertaneja “Maranhão e Maranhense”. Muito popular, a dupla teve programa exclusivo nas rádios Difusora e Educadora, sendo requisitados nos bailes promovidos pelos grandes fazendeiros da região.

¹³⁹ Informações fornecidas pelo filho do casal, Alencar Olímpio Martins. Entrevista concedida em sua residência, em 04/10/2016, com duração de 30 minutos.

Os artistas trabalham muito, não podem se descuidar da carreira, tem que aproveitar as conjunturas favoráveis, precisam assegurar o lugar conquistado, precisam lutar contra o tempo, contra as variações no gosto do público e da opinião pública. Desgastam-se física e emocionalmente para chegar à condição de artista de renome e a sobrecarga continua para se manterem enquanto tal.

140

A instabilidade vivenciada pelos profissionais das emissoras de rádio é percebida pela análise das notas existentes em jornais e revistas locais, que indicam a mudança constante no *casting* da emissora. Homens e mulheres transitavam entre as emissoras locais e, não raro, buscavam novas oportunidades se deslocando para outras cidades, como Ribeirão Preto, Belo Horizonte e Goiânia. É o caso, por exemplo, da cantora Haydée Maria, que alcançou destaque no casting da Rádio Educadora em meados de 1956.

Imagem 12– Matéria especial sobre a cantora Haydée Maria.



Fonte: *Correio de Uberlândia*, em 12/04/1956.

¹⁴⁰ LENHARO, Alcir, 1995, p. 28.

Considerada “um grande cartaz” da Rádio Educadora, Haydée Maria alcançou popularidade pela semelhança vocal com a cantora Ângela Maria. Em 1958, outra nota no Correio de Uberlândia relata que a artista partiu para Ribeirão Preto, tornando-se “o maior cartaz feminino na excelente Rádio Clube PRA-7, tendo conquistado também o título de La Princesa do Rádio Ribeiropretano.”¹⁴¹ Porém, no início da década de 1960, Haydée retorna para o casting da Rádio Educadora local, com um programa semanal exclusivo.¹⁴²

Diferentemente de Haydée, vários profissionais saíram da cidade para trabalhar em outras emissoras do país e, diante do sucesso, não retornaram. É o caso do locutor e produtor Moraes César, que deixou a cidade em meados de 1955, transferindo-se para a Rádio Brasil Central, em Goiânia.¹⁴³

Na Rádio Educadora, Moraes César foi responsável pela criação de diversos programas, como “Boa tarde pra você”, “Ciranda da vida”, “Saudade e Poesia”, “Hipopotadas”, “Homenagem ao cantor” e “Nossa Fazenda”. Este último foi mantido na programação, sob o comando do Coronel Hipopóta, um dos maiores personagens da radiofonia uberlandense.

Nascido em 03 de junho de 1916, Maximiliano Carneiro era natural de Araguari-MG e começou a trabalhar na Rádio Educadora de Uberlândia em 1955, acumulando as funções de diretor comercial e apresentador de programas sertanejos. Este acúmulo de funções era frequente no rádio. Sobre o tema, Ortiz analisa que esta “mobilidade interna e externa corresponde na realidade a uma incipiência de especialidades. As funções são diferenciadas, mas são acumuladas pelos mesmos indivíduos, o que mostra que as profissões não estão ainda cristalizadas enquanto capacidades específicas vinculadas a uma única pessoa.”¹⁴⁴

A maioria dos eventos promovidos pela emissora também eram animados pelo irreverente locutor, lembrado com bastante carinho por todos os entrevistados:

Com a saída da Aníria, o Coronel preferiu que eu continuasse e a partir daí nós formamos uma dupla, sabe, **como pai e filho**, porque eu adorava aquele

¹⁴¹ Vitrine do PEVI (Marçal Costa). CORREIO DE UBERLÂNDIA, 02/03/1958.

¹⁴² Apesar de todas as referências encontradas nos jornais locais, nenhum dos entrevistados se recordou da cantora e não foram obtidas mais informações sobre sua trajetória.

¹⁴³ Ricardi Batista de Moraes, uberlandense popularmente conhecido como Moraes César, começou sua carreira radiofônica em 1944, em um serviço de alto-falantes na cidade de Santos-SP. Trabalhou com locutor e ator em emissoras de diversos estados, inclusive Rio de Janeiro.

¹⁴⁴ ORTIZ, Renato, op. cit., p. 89

homem, ele me ajudou muito, me orientou muito, adolescente né, então, na época ele começou a me ajudar muito, me dando orientações. **[grifo nosso]**¹⁴⁵

Bem-humorado, Hipopóta vestia-se de Rei Momo nos carnavais, contracenando com o fotógrafo uberlandense Oswaldo Naghettini, seu “par romântico” na folia. Nas comemorações natalinas, se vestia de Papai Noel. Gostava de atuar, sempre com irreverência. Nos bastidores da emissora, criava laços de amizade e companheirismo com todos. Por este motivo, é tido como referência pelos colegas, que nutrem profunda gratidão e saudade dos tempos de convivência e das experiências trocadas no cotidiano.

Imagem 13 - Maximiliano Carneiro (no centro) com Agenor e Aníria Simão. Rádio Educadora. Década de 1950.



¹⁴⁵ Maurílio Catito, op. cit.

Considerado um comunicador experiente e de boa índole social, tornou-se “protetor” da jovem Aníria Simão, na medida em que afastava qualquer moço “desrespeitoso”. Nas memórias dos entrevistados, é representado de modo semelhante a uma figura paterna, que acolhia e ensinava os mais jovens nos seus primeiros passos da radiofonia. Criativo para apelidos, ele fez de Aníria a “Nini Boiadeira” e do jovem Maurílio, “El Cachito”:

[o apelido surgiu] do Coronel Hipopóta. Quando eu entrei lá eu era pequeno, gordinho, sabe, e estava no auge o Nate King Cole, com aquela música, “Cachito, cachito”. Então, o que quer dizer Catito... é pequeno, um garoto pequeno, um menino pequeno, tal, uma pessoa querida, pequena. Então ele me pôs, ele olhava assim, **tudo que ele olhava e punha apelido pegava**, o meu foi de cara, assim, pegou na hora. Ele me chamava de ‘El Cachito’, mas aí ficou Catito, depois ficou Maurílio Catito, no rádio. ¹⁴⁶ [grifo nosso]

Após quase uma década comandando diversos programas no “Palácio do Rádio”, Hipopóta deixou Uberlândia rumo à Goiânia, trabalhando na emissora de rádio e televisão Anhanguera.

Era considerado o **Chacrinha Goiano**, apesar de ter nascido na vizinha Araguari. Na década de 1970, a capital goiana parava para assistir na TV ao seu programa de auditório “República Livre do Cerrado”, apresentado ao vivo, com farta distribuição de mandiocas, laranjas e bananas. **Para os mais humildes que iam até o auditório, ele dava notas de dinheiro e moedas.** [grifo nosso]¹⁴⁷

Enquanto diversos artistas de rádio saíam da cidade em busca da fama, outros chegavam à Uberlândia, especialmente a partir dos esforços de Moacyr Lopes de Carvalho, para renovar o *casting* de sua emissora.

As novas contratações recebiam destaque na imprensa local, que contribuía para divulgar os “novos valores” da emissora, aproveitando para associá-las ao progresso uberlandense. Locutores e artistas traziam na bagagem a experiência de atuarem em diversas emissoras do país, principalmente do Rio e de São Paulo. Para a mídia, a vinda

¹⁴⁶ Maurílio Catito, op. cit.

¹⁴⁷ ALMANAQUE. **Uberlândia de ontem e sempre**, op. cit., p. 9. Maximiliano levou para a TV Anhanguera um programa de auditório com o mesmo formato desenvolvido na Rádio Educadora. Com o objetivo de explicarem como era o perfil do locutor, os entrevistados comparam Hipopóta à figura de José Abelardo Barbosa de Medeiros, comunicador de rádio e TV, conhecido nacionalmente como Chacrinha, e também ao apresentador e empresário Senhor Abravanel (Sílvio Santos).

destes artistas de rádio, somada à mudança dos estúdios para o sofisticado prédio do Banco Mercantil, aproximava a Cidade-Jardim dos grandes centros urbanos e, com isso, a Rádio Educadora ganhava “ares” das grandes emissoras cariocas aqui sintonizadas, como a Rádio Nacional e a Mayrink Veiga.¹⁴⁸

Depois a Rádio Educadora passou para a Avenida Afonso Pena, Edifício Mercantil, onde é o banco. Então foi uma festa muito grande, sabe. Nessa época eu não estava no rádio ainda não, mas eu já acompanhava. Eu me lembro, era novo, mas gostava de ouvir, chamavam de “Palácio do Rádio”, e era bonito mesmo, sabe, e eles fizeram no estilo assim do auditório, lógico em proporções menores né, do auditório da Rádio Nacional.¹⁴⁹

Dentre os profissionais contratados, destacam-se alguns personagens, dentre eles Aloysio Silva Araújo. O radialista, ator e humorista começou sua carreira na Rádio Educadora do Rio de Janeiro, passando por diversas emissoras do país, criando vários personagens de sucesso, dentre eles o Papanatas, um barbeiro que comentava a situação do país com seus clientes, que recebia sempre com o bordão “Entra, não demora”. O sucesso do personagem levou à composição de uma marchinha carnavalesca, em 1945, de autoria de Aloysio Silva Araújo e Zé Trindade, interpretada por Aracy de Almeida. O destaque de Aloísio no cenário nacional fez com que seu programa humorístico recebesse destaque nas páginas da *Revista do Rádio*¹⁵⁰, periódico especializado em notícias sobre as emissoras de rádio e seus artistas, que circulou praticamente em todo o território nacional:

Há programas que, dado o grande índice de audiência que conseguem, projetam o nome de certos artistas, tornando-os popularíssimos. Assim aconteceu com “Cadeira de Barbeiro”, audição em que Aloísio Silva Araújo figura entre os maiores humoristas da nossa radiofonia.¹⁵¹

O personagem “Recruta 23” veio em seguida. Criado em 1947, alcançou tanta popularidade que Aloysio começou a interpretar seu personagem usando uniforme em pleno auditório da Rádio Mayrink Veiga. O “soldado que já nasceu fora de forma”

¹⁴⁸ Sobre a popularidade das emissoras cariocas e paulistas, Josué lembra que as emissoras mais sintonizadas eram as primeiras: “As Rádios do Rio de Janeiro: Rádio nacional, Rádio Tupi Rádio Mayrink Veiga. São as emissoras que comandavam a audiência no interior do país. Tinha posteriormente a Rádio Record de São Paulo, mas ela não entrava muito no sertão do Goiás, do Mato Grosso não entrava muito não, eram mais essas rádios do Rio de Janeiro. Tanto é que a predominância do futebol carioca aqui nessa região é fantástica. Você pode ver que todo mundo aqui é torcedor do Vasco, do Flamengo, Fluminense”. Josué Borges de Santana, op. cit.

¹⁴⁹ Maurílio Catito, op. cit.

¹⁵⁰ O acervo da Revista do Rádio está disponível para pesquisa na Biblioteca Nacional Digital.

¹⁵¹ REVISTA DO RÁDIO. “Entra, não demora!” – Papanatas e a sua cadeira de barbeiro. 1949, p. 8.

também ganhou uma marchinha no carnaval de 1952, interpretada por Linda Rodrigues, uma composição de Zé Trindade e Aloysio Silva Araújo: “Eu sou o recruta/O recruta 23 /Mamãe é italiana/Papai é português/Nasci fora de forma/E não saio do xadrez”.

Imagem 14 – O personagem Papanatas nas páginas da Revista do Rádio



“ENTRA, NÃO DEMORA!”

PAPANATAS E A SUA CADEIRA DE BARBEIRO

ALOISIO SILVA ARAUJO, MATINHOS E OTAVIO FRANÇA

Há programas que, dado o grande índice de audiência que conseguem, projetam o nome de certos artistas, tornando-os popularíssimos. Assim aconteceu com “Cadeira de Barbeiro”, audição em que Aloísio Silva Araújo figura entre os maiores humoristas da nossa radiofonia.

Por isso, nossa primeira preocupação ao defrontarmo-nos com o impagável “Papanatas”, que é dono de extraordinário espírito comunicativo e gênio folgazão, tendo sempre uma “boa” para contar ou uma crítica ferina aos fatos e figuras da atualidade, foi saber como havia nascido a idéia da criação daquele popular “broadcast”.

— Em 1938, como se sabe — disse ele — não se podia, pelos diversos meios de difusão, tecer a mais leve crítica ou comentário nos acontecimentos e figuras da nossa política. Naquêle ano, após matutar bastante, cheguei à conclusão de que o único local onde se podia conversar livremente, era no salão de barbeiro. Assim, eu, que desejava glosar tudo o que observava sem ser admoestado, resolvi lançar a “Cadeira de Barbeiro”. O povo, camarada como sempre, compreendeu o significado daquele lançamento, aplaudiu a minha idéia e a “cadeira” foi ficando...

— Como e quando você ingressou no rádio?

— Há tanto tempo! Entrei para o rádio em 1931. No princípio, fui uma espécie de “faz tudo”.

Vai sair muito breve esta sensação :

ALBUM DO RÁDIO

UMA EDIÇÃO CONTENDO FOTOGRAFIAS E BIOGRAFIAS
DOS ARTISTAS DO RÁDIO BRASILEIRO!
LINDO VOLUME! AGUARDEM!

ALBUM DO RÁDIO

EDIÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA “REVISTA DO RÁDIO”

8

REVISTA DO RADIO

Fonte: Revista do Rádio. 1949.

A projeção e visibilidade nacional do artista trouxeram consequências. Seus principais personagens foram censurados na época, fazendo com que Aloysio adotasse o slogan de “Artista mais proibido do rádio”.¹⁵²

O renomado artista chega à cidade em meados de 1957, contratado para trabalhar como diretor artístico da Educadora e “sacudir o sem-fio citadino do marasmo em que se encontrava no ramerrão cotidiano de rádio de caixa de fósforos”.¹⁵³

O entusiasmo da mídia impressa em torno da contratação de Aloysio Silva evidencia uma mudança no discurso sobre o papel da emissora na cidade. Nota-se que a “caçulinha” começa a investir em atrações e quadros populares, em detrimento de programas considerados eruditos. Curiosamente, essa mudança na programação não produz efeitos negativos para a imagem da emissora, mas divulgada como uma grande iniciativa que visava criar “um rádio espetacular, como nunca uma cidade do interior do Brasil viu igual”.

No início da década de 1960, a direção da Rádio Educadora contratou novos personagens para “revolucionar” seu casting, impulsionados principalmente pelo aumento da concorrência, com a chegada da Rádio Cultura no fim dos anos 1950. Dentre os novos nomes, destaca-se a figura de Dantas Ruas¹⁵⁴.

Relembrado pelos amigos como o responsável por trazer o gênero da radionovela para a Rádio Educadora, Dantas Ruas ficou famoso entre os ouvintes através de suas crônicas sobre o cotidiano, especialmente “Eu destaco você”, “Crônicas da Cidade”, “Crônicas da Tarde” e “Boa tarde, minha ouvinte”.

Ali n'aonde que eu estou te dizendo ali em frente o Itaú da Afonso Pena, punha-se uma corneta, corneta essa de som, de carro de rua, punha-se em cima da marquise do banco e todos os dias tinha a Ave-Maria, feita pelo Dantas Ruas, ele fazia todo dia a Ave-Maria e tinha uma crônica também chamada Eu Destaco Você, que o Dantas fazia também lá na Rádio Educadora.¹⁵⁵

Diferentemente de outros radialistas “paraquedistas”¹⁵⁶, que tiveram curtas passagens pelas emissoras locais, Dantas Ruas foi bem acolhido pela população

¹⁵² “O artista mais proibido do rádio”. Revista **A Cena Muda**, nº 39, 26/09/1952, p. 64

¹⁵³ CORREIO DE UBERLÂNDIA. Projeta-se a Rádio Educadora no cenário artístico do Brasil Central. 22/06/1957.

¹⁵⁴ Nascido em Pedra Azul – BA, Altamirando Dantas Ruas ingressou no jornalismo aos 17 anos, como repórter policial. Chegou a Uberlândia por volta de 1961, após uma breve estadia em Araguari. Guardou uma grande quantidade de material radiofônico e televisivo ao longo de sua trajetória profissional. Todo o material guardado foi doado pela família ao Arquivo Público Municipal após seu falecimento, em 1999.

¹⁵⁵ Josué Borges de Santana, op. cit.

¹⁵⁶ Maurílio Catito explica que o termo “paraquedista” era utilizado pelos radialistas locais como referência aos profissionais de outras regiões que chegavam à cidade, mas sem caráter pejorativo. Em outra perspectiva, Josué Borges conta que naquele tempo havia “muito cara meio bandido no rádio, aqueles que

uberlandense, tornando-se uma figura importante para a radiofonia e televisão local, participando também da política municipal, eleito vereador na década de 1960.

Diversos profissionais do rádio, assim como Dantas Ruas, contribuíram para que os estereótipos e preconceitos fossem aos poucos modificados, na medida em que adquiriam *status* e reconhecimento social. Os laços de afetividade criados com o público e seu comportamento “condizente com a moral e os bons costumes” contribuíam para a formação de uma imagem “mais positiva” em torno destes profissionais, principalmente junto à elite local, detentora de um discurso fortemente moralista e conservador.

Estes profissionais, somados a tantos outros artistas, inovaram a produção radiofônica uberlandense, experimentando novas técnicas, aproveitando e remodelando programas existentes na concorrência e, assim, contribuindo diretamente para aumentar a popularidade da emissora junto aos ouvintes.

vinham, por exemplo, de São Paulo pra cá, de Goiânia, de Recife, morava numa pensão e não pagava, saía sem pagar”.

CAPÍTULO 3 -“O QUE VAI PELA EDUCADORA”: UMA ANÁLISE DOS PROGRAMAS RADIOFÔNICOS

3.1 O “Palácio” é popular: os programas de auditório e a figura do caipira na programação da emissora

Se nos primeiros anos de existência da Rádio Educadora identificamos uma pressão exercida pela elite que, fazendo uso da mídia impressa, manifestava seu desejo em possuir uma emissora com uma programação educativa e clássica, durante a análise dos documentos escritos – jornais, revistas e scripts de programas – percebemos que no decorrer das décadas de 1950 e 1960 a emissora se aproximou cada vez mais do popular, mantendo poucos programas considerados “eruditos”.

O levantamento realizado durante a pesquisa aponta um número bastante reduzido deste tipo de programa. No material acessado, temos apenas o Programa do Conservatório, dirigido pela professora Cora Pavan Capparelli, irradiado às quartas-feiras, entre 21 e 22 horas. Segundo a pianista, o programa foi criado com o intuito de divulgar o trabalho realizado no Conservatório Musical de Uberlândia, fundado por ela em julho de 1957, e permaneceu por mais de nove anos na emissora.

A tentativa de “educar” a população para consumir uma arte considerada de “bom gosto”, aparentemente, não surtiu muitos efeitos. Ao contrário, era a elite quem se aproximava cada vez mais dos ritmos populares. Para Odival Ferreira, a elite uberlandense consumia muita música considerada popular, como os sambas e o sertanejo-raiz.

Também nessa época, segundo Odival, o *rock* e as *baladas* norte-americanas já eram preferência do povo uberlandense, que ouvia artistas como Frank Sinatra, Nate King Cole, Elvis Presley e artistas nacionais com influência americana, como a Jovem Guarda e Celi Campello.¹⁵⁷ Todos estes artistas “se apresentavam” na famosa Boate do Tonico Pão:

E depois vinha o máximo da fantasia, fechando a noite. Era A BOATE DO TONICO PÃO. Tonico era um bancário-radialista ou um radialista-bancário, não sei bem, que ali se dizia o dono de uma boate onde recebia um punhado de amigos. Era a forma que ele havia criado para homenagear a turma, citando os

¹⁵⁷ Quando nos referimos à influência exercida pelos estilos musicais estrangeiros, não significa que a Jovem Guarda seja uma mera “importação” da música produzida nos EUA e Inglaterra. Assim como Silva, consideramos o movimento como fator constituinte da cultura brasileira. SILVA, Elmiro Lopes, op. cit., p. 118.

nomes dos seus ouvintes, como se esses estivessem presentes em sua casa de espetáculos. E ainda pedia ao garçom que servisse isso ou aquilo, nessa ou naquela mesa onde se achavam. Para completar a fantasia, agia como se o cantor ou a orquestra também estivesse presente. E Tonico Pão anunciava, com a devida pompa e até citando o número do palco giratório em que ia se apresentar, gente como Ray Conniff, Frank Sinatra, Nélson Gonçalves, Cauby Peixoto, Maísa, Ângela Maria e até Roberto Carlos em início de carreira.¹⁵⁸

“Telefone para a boate do Tonico Pão” era um programa diário da Rádio Educadora, irradiado das 22 às 23 horas. É interessante observar as estratégias utilizadas pelo locutor para envolver os ouvintes. Segundo Maurílio Catito, ao ouvir o programa o público tinha a sensação de que tudo aquilo era real, porque a equipe do programa simulava sons e ruídos de uma boate e o locutor fingia uma interação com os artistas e demais pessoas “que estavam presentes” na casa noturna. Percebemos a dimensão da magia presente do rádio, que através dos sons, da oralidade, consegue criar um vínculo com o ouvinte, que “se transporta” para o programa, aproximando toda a fantasia da criação radiofônica ao mundo real, do cidadão comum que trabalha o dia todo e, ao fim da noite, exercitando sua imaginação, pode se divertir em uma boate sofisticada, ouvindo grandes artistas internacionais.

O consumo desta cultura massificada era, sem dúvida, impulsionado pelas emissoras locais. Todavia, a programação da Rádio Educadora revela uma boa quantidade de programas que divertiam a população uberlandense com elementos bastante regionais, como os famosos programas de auditório e seus usos da *linguagem caipira*¹⁵⁹, bem como as apresentações artísticas frequentes dos cantores locais, especialmente as duplas caipiras, que muitas vezes assinavam um contrato de exclusividade, garantindo um programa semanal na emissora. Segundo Dângelo:

Mesmo a Educadora, [...] se a princípio contou com alguns programas eruditos e crônicas, teve de render-se ao estilo popularizado da PRC-6. O popular “invadiu” seus auditórios, orientou seus programas sertanejos com cartas e recados de ouvintes, desfilou sob seu patrocínio nos carnavais de rua de 1958 e participou da “Cavallhada”, uma tradicional festa popular da região, levada ao ar pelos seus microfones.¹⁶⁰

¹⁵⁸ Odival Ferreira. Crônica “O meu rádio”, 2013. Arquivo pessoal do radialista.

¹⁵⁹ “O falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de S. Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior deste Estado se podem distinguir sem grande esforço zonas de diferente matiz dialetal – o Litoral, o chamado ‘Norte, o Sul, a parte confinante com o Triângulo Mineiro’”. AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 4ª ed. São Paulo:HUCITEC; Brasília: INL, 1981, p. 43.

¹⁶⁰ DÂNGELO, Newton. **Vozes da Cidade: progresso, consumo e lazer ao som do rádio Uberlândia – 1939/1970**. 2001. 319f. Tese (Doutorado em História) - PUC/ SP, São Paulo, 2001, p.208.

Com muito humor, Coronel Hipopóta comandava programas como *Nossa Fazenda* e *Entardecer no Sertão*, este último ao lado de outros personagens que caíram nas graças do público, como a Maria Gamela (Magda Santos), Zé do Bode e Juca 38:

Tinha muita gente boa no rádio e eu gastaria muito tempo se fosse falar de cada um. Mas não posso deixar de ressaltar Coronel Hipopóta, que depois foi para Goiânia e levou Magda Santos (Maria Gamela), que aqui se destacava ao lado de Zé do Bode, Juca 38 e outros personagens. Eles faziam parte de uma fantasia que se dava dentro e ao redor da sede de uma fazenda. Hipopóta dizia que estava na Casa Grande da Nossa Fazenda, ao apresentar o ENTARDECER NO SERTÃO, lá na Educadora.¹⁶¹

Maximiliano Carneiro também liderava os carnavais em Uberlândia. No início dos anos 1950, o Rei Momo (Hipopóta) tornou-se grande incentivador das festividades carnavalescas na cidade e, juntamente com Oswaldo Naghettine (Rainha Naghetina) e Amadeu Zardo (Príncipe Dedeu), recebiam do prefeito local as chaves da urbe, “governando” através de decretos e avisos que circulavam na mídia impressa:

Para conhecimento geral dos foliões desta Cidade-Jardim, transcrevo nesta coluna a Doutrina Imperial, firmada pelos membros da família real que tomará posse de Uberlândia durante os quatro dias de Carnaval. É o seguinte texto: “Por ordem da Família Imperial, S. M. Rei Momo Hipopot Première et Unic, decreta: - Os prêmios para o Carnaval de 1957 devem ser os seguintes: Prêmios em dinheiro: 1º Prêmio – Escola de Samba – “Afrânio Rodrigues da Cunha” – 7.000,00; 2º Prêmio – Escola de Samba – “Jornalista Moacyr Lopes de Carvalho” – 3.000,00 [...] Para a Escola de Samba campeã de 1957 uma riquíssima taça, oferecida pela grande animadora do Carnaval uberlandense, a Rádio Educadora.”¹⁶²

No recorte acima é possível verificar a atuação direta da emissora frente ao carnaval de rua uberlandense, oficializado somente nas comemorações de 1957. Na premiação, observamos a contribuição do dirigente da Educadora, Moacyr Lopes de Carvalho, além do oferecimento da taça de campeã naquele que foi o primeiro concurso oficial¹⁶³ das escolas de samba locais, no qual saiu vitoriosa a “Tabajara”, fundada por Lotinho e seus amigos do bairro Patrimônio, frequentadores do Clube José do Patrocínio (Caba-Roupa). Enquanto os populares se divertiam nas ruas centrais da cidade, a elite

¹⁶¹ Odival Ferreira. Crônica “O meu rádio”, 2013. Arquivo pessoal do radialista.

¹⁶² CORREIO DE UBERLÂNDIA. Carnaval. 1902/1957.

¹⁶³ Em 1956, por iniciativa da Rádio Educadora, foi realizado o 1º Concurso de Escolas de Samba de Uberlândia, no qual saiu vitoriosa a Tabajara. No ano seguinte, houve o reconhecimento do concurso pelas autoridades locais, na figura do então prefeito, Afrânio Rodrigues da Cunha.

local permanecia festejando o carnaval nos requintados Praia Clube e Uberlândia Clube.

164

Nos auditórios da emissora, vários artistas locais se apresentavam. Os programas de calouros, especialmente o “Sábado Milionário” e o “Programa Infantil”, ambos irradiados diretamente do Éden Cinema, formaram o que foi noticiado pela mídia como uma “arrojada iniciativa” destinada a “procurar astros e estrelas no cenário artístico musical de Cidade-Jardim”. O projeto de Moacyr Lopes de Carvalho foi denominado *Telescópio*, uma espécie de escola de rádio para “lapidar” crianças e adultos que possuíam algum talento artístico.¹⁶⁵

O programa Sábado Milionário permaneceu por muitos anos na emissora e mesclava as apresentações dos calouros com uma espécie de teatro humorístico, marcado pela atuação de diversos artistas do casting da emissora, como Odorico Sintra, Jota Júnior Fraga Filho, Juca 38, Dantas Ruas, Ivon Goulart e Magda Santos, que inclusive escreveu alguns dos scripts do programa quando trabalhava na Rádio Educadora. A linguagem caipira era marcante nos diálogos:

Dantas - Ouvintes, boa noite. Este é o programa Sábado Milionário, esta é a Rádio Educadora, que com satisfação passa a movimentar seus cantores, músicos e comediantes, para mais uns momentos de diversão! Ouvintes, eu queria....

Odorico – Eu também queria...

Dantas - Queria o que?

Odorico – Contá meu causo.

Dantas – Então conta.

Odorico - Tá bãozinho heim? Mas quando eu começo, o senhora vem me atrapaia.

Dantas – Ah, eu é que atrapalho, não?

Odorico – Que vê? Era uma vez um burro que era cumpade de um porco...intão, o porco ia sê levado para a matança....o burro vendo que ia se separa do cumpade, cumeçô a chorá...(IMITA)

Dantas – Conta logo, meu amigo!

Odorico – Deixa o burro chorá primeiro...num tô falano que mal abro a boca e o senhora me atrapaia? Mas aí intão, veno que o porco ia pra matança, o burro cumeçô a chorá... (IMITA)

Dantas – Dá o fora daqui... Já começou bem... Hoje não quero ficar nervoso.¹⁶⁶

¹⁶⁴ Até meados da década de 1930, dada a ausência dos clubes privados, a elite local fazia sua festa carnavalesca nas ruas centrais da cidade. A inauguração do Uberlândia Clube e a crescente participação da população negra nas festividades fizeram com que a elite “abandonasse” os carnavais de rua. Na década de 1940 o carnaval de rua é suspenso na cidade, em função da crescente campanha de moralização dos costumes. Sobre o tema, ver: SILVA, Antônio Pereira da. **História do Carnaval de Uberlândia**. Uberlândia: Secretaria Municipal de Cultura, 2007.

¹⁶⁵ CORREIO DE UBERLÂNDIA. 05/07/1955.

¹⁶⁶ Acervo Dantas Ruas. Série: Programas de rádio. Scripts para programas. 22/07/1961.

Enquanto Dantas Ruas mantinha uma linguagem formal, os demais personagens interagiam com o apresentador, “atrapaiando” o anúncio das apresentações, sempre com a desculpa de contar algum “causo”. Há no humorístico, portanto, a representação de dois grupos bem distintos: de um lado, um apresentador que se expressa na forma culta, que deseja anunciar as atrações do programa; de outro, os personagens caipiras, com uma linguagem coloquial bastante marcada pela cultura local, contando histórias cômicas sobre o cotidiano, seja ele urbano ou rural.

Na imagem abaixo temos uma das apresentações ocorridas no palco da emissora, na década de 1950. Infelizmente não conseguimos identificar as pessoas que aparecem na fotografia, mas é possível notar, pelas vestimentas que se trata de uma dupla caipira humorística. Ao fundo, o conjunto musical parece rir da apresentação. O gesto de levantar o chapéu indica que a dupla está em programa de auditório.

**Imagem 15 – Programa de Auditório da Rádio Educadora de Uberlândia.
Década de 1950**



Fonte: Arquivo Público Municipal.

A presença do caipira nos programas da emissora, todavia, não se revela apenas como mera estratégia de humorismo, mas sim como elemento que expõe as tensões e articulações entre urbano e rural existentes na cidade:

Distinguindo-se basicamente do habitante das cidades pelo modo peculiar de vestir-se, de falar — aí incluídos sotaque e vocabulário —, pela postura, por características tradicionalmente associadas a ele como personagem — inocência, lirismo, pureza de intenções —, o caipira trazido ao rádio, por si só, constituía uma crítica ao modo de vida urbano, marcado pela oposição ao modo de vida rural e identificado a artificialismo, objetividade, interesses escusos como direcionadores de condutas etc. A visibilidade do caipira na cena urbana deixava à mostra articulações explícitas com a vida social brasileira, evidenciando, ao mesmo tempo, a presença e a diferença dele nesse espaço.¹⁶⁷

Das apresentações nos programas de calouros surgiam diversos nomes que buscavam alcançar a fama, dentre eles, algumas duplas caipiras. A música caipira¹⁶⁸ ou sertanejo-raiz agradava os ouvintes, especialmente aqueles que, em algum momento de sua trajetória, experimentaram a vida no campo.

Mesmo com todo o desenvolvimento urbano observado nas décadas de 1950 e 1960, grande parte da população ainda preservava costumes e práticas comuns à vida no campo. Neste sentido, era comum a apresentação das duplas caipiras locais nos bailes e festas realizados nas fazendas da região.

Na zona boêmia da cidade, estes artistas faziam suas apresentações, cantando músicas de duplas sertanejas consagradas na época, como Tonico e Tinoco, Vieira e Vieirinha, Zé Fortuna e Pitangueira, Zico e Zeca, entre outras que se destacavam nas emissoras de rádio do Rio de Janeiro e, principalmente, de São Paulo. Acompanhados de seus violões, enquanto se apresentavam nos bailes e auditórios das emissoras locais, nutriam o sonho de “fazer carreira” nas capitais, conseguir contrato com uma gravadora e alcançar o estrelato.

Foi alimentando esse sonho que Antônio Lino e Alfredo Paniago, na época funcionários da Companhia Mogiana, formaram uma dupla. Antônio recorda que gostava de cantar, mas não sabia tocar um instrumento. Foi o “compadre” Alfredo quem ensinou a tocar violão. O gosto pela música fez com que começassem a cantar publicamente,

¹⁶⁷ DUARTE, Geni Rosa. Risos de muitos sotaques: o humorismo no rádio paulistano (1930-50). In: **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 181-193, jul.-dez. 2007, p. 183.

¹⁶⁸ A música caipira tem como marco inaugural na indústria fonográfica a iniciativa do empresário Cornélio Pires, em 1929, de lançar uma coleção de discos em 78rpm com gravações feitas por trabalhadores rurais do interior do estado de São Paulo. Todavia, esse gênero musical não deve ser considerado autêntico e homogêneo. Várias duplas sem origem rural foram formadas, além de sofrerem, a partir dos anos 1960, a influência de outras correntes, como a música mexicana. De qualquer forma, quando nos referimos à dupla sertaneja, dado o nosso recorte espaço-temporal, fazemos alusão ao sertanejo-raiz como uma expressão da cultura rural, ainda que sua difusão tenha adentrado na cidade. Sobre a distinção entre caipira e sertanejo, ver: BRITO, Diogo de Souza. **Negociações de um sedutor: a trajetória de Goiá no meio artístico sertanejo (1954-1981)**. Dissertação de Mestrado em História. Uberlândia: UFU, 2009, p. 43-64. Ainda sobre o mundo caipira, ver: NEPOMUCENO, Rosa. **Música caipira: da roça ao rodeio**. São Paulo: Editora34, 1999.

primeiro fazendo shows para ajudar a igreja Nossa Senhora de Fátima, até que chegaram à Rádio Educadora, no início da década de 1950, onde ficaram por muito tempo.

Imagem 16– Antônio Lino e Alfredo Paniago: “Os Baluartes da Música Sertaneja”. Década de 1950.



Fonte: Acervo Pessoal de Antônio Lino Alves.

A dupla alcançou notório sucesso local. Com apresentações frequentes e um programa semanal ao vivo na ZYV-38, tudo conspirava para o sucesso dos cantores. A grande oportunidade de se tornarem cantores profissionais chegou, mas não foi concretizada: “Nós tivemos convite pra ir pra São Paulo, aí o compadre Alfredo não quis ir. O ‘Zico e Zeca’ convidou nós pra ir pra São Paulo tomar conta do programa deles lá. Mas ele [Alfredo] queria casar com a comadre Benedita, aí nós ‘acabou’ não indo”.¹⁶⁹

Juntos, Antônio e Alfredo chegaram a compor algumas canções, mas nunca gravaram. Das letras que compunham, a maioria se perdeu no tempo, restando na memória de Antônio os versos de “Recordações”:

Eu tenho uma viola de pinho / e trago bem afinada / com bom encordoamento
/ da boca bem machetada / e do tampo amarelinho e as costas roxeada / foi
presente de uma cabocla / eu tenho ela guardada.

Quando pego no meu pinho me vem a recordação / daqueles tempos passados
/ daquela nossa ilusão / tudo isso se acabou e eu vivo na solidão / morena por
teu respeito eu sofro grande paixão.

¹⁶⁹ Antônio Lino Alves, 89 anos, aposentado. Entrevista concedida em sua residência no dia 01/09/2016, com 1h18m de duração.

Quando chego numa festa eles me dão o violão / manda cantar uma moda e eu entro lá pro salão / prá cantar moda de sala eu mudo de afinação / já dou meu pontiado bem firme na posição.

Eu canto uma moda nova que é da nossa criação / as moças ficam contentes já me oferecem a mão / e o povo de alegria já pede repetição / faz lembrar a cabocla que roubou meu coração.

O dia vem amanhecendo atrás do espigão / ouvi o cantar dos galos cantando no boqueirão / eu dei minha despedida e montei no alazão / deixei coração maguado e levei recordação.¹⁷⁰

A letra é, sem dúvida, uma representação¹⁷¹ do cotidiano vivido pelos artistas, descrevendo com riqueza de detalhes a fiel companheira das duplas caipiras, a viola, além de retratar as festas e bailes que animavam, nos salões ou em espaços mais reservados. A “cabocla”, o “espigão”, o cantar dos galos, o “alazão”, são figuras que aparecem com bastante frequência nas modas de viola, uma vez que as composições caipiras privilegiam as narrativas sobre experiências no campo, muitas vezes em uma perspectiva saudosista, visto que os artistas migram do campo para a cidade em busca do sucesso.

Nas apresentações, “Toinzinho e Alfredinho” agradavam os ouvintes com a música “Galopando”, uma catira¹⁷² de Vieira e Vieirinha, que segundo Antônio, fez muito sucesso na época:

Galopando eu chego mais ligeiro / Buscar boiada no triângulo mineiro / Levo peão e bastante companheiro / Na comitiva também vai o meu cargueiro / Eu vou atrás tocando os animais / Em meio de poeira que a boiada faz / Ai, ai, ai, ai / O meu lenço com a ponta pra trás / Vermeio de poeira que a boiada faz / Oulei, oulilurei, / oulilurei, ei, ei, ei, oulei / E quando eu chego no triângulo mineiro / As moça grita, lá invem o boiadeiro / Eu sou cowboy, sou um valente vaqueiro / E no meu bolso carrego o meu dinheiro / E o que eu faço outro vaqueiro não faz / Montar em burro até de cara pra trás / Ai, ai, ai, ai / O meu lenço com a ponta pra trás / Vermeio de poeira que a boiada faz / Oulei, oulilurei, oulilurei, ei, ei, ei, oulei.¹⁷³

¹⁷⁰ Recordações. Compositores: Antônio Lino e Alfredo Paniago. Documento sem data. Acervo pessoal de Antônio Lino Alves.

¹⁷¹ Conforme ensina Pesavento, o conceito de representação é uma chave para os historiadores analisarem este os sinais e símbolos que se colocam no lugar da realidade. Para ela, “os homens elaboram ideias sobre o real, que se traduzem em imagens, discursos e práticas sociais que não só qualificam o mundo como orientam o olhar e a percepção sobre esta realidade.” PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e representações, uma trajetória. In: **Anos 90**, PPGH/UFRGS, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006, p. 49.

¹⁷² “O catira está inserido no contexto da cultura popular brasileira associado ao mundo rural como representação do coletivo de suas sociabilidades comportam-se num gênero musical que se expressa num conjunto de práticas culturais, visto que nele encontramos três aspectos distintos: a dança, a música e a poesia [...] A música é executada por dois violeiros em dueto [...] Poesias de catira são as letras, das modas de viola e do recortado, que expressam experiências vividas pelo compositor e poeta catireiro.” RÉDUA, Wagner Cesar. **Catira: música, dança e poesia no mundo rural (Uberaba século XX)**. Dissertação (Mestrado em História). Uberlândia, UFU, 2010, p. 15 e 16.

¹⁷³ Vieira e Vieirinha. Galopando. Gravação em disco de 78rpm, Continental (1956). Compositores: Arlindo Pinto e Isaías Vieira.

A popularidade na Rádio Educadora era tão grande que eles recebiam inúmeras cartas de ouvintes, principalmente do estado de Mato Grosso. Para Antônio, que fazia a “primeira-voz”, a carreira da dupla só não deslanchou porque o parceiro “mudou os planos” e resolveu se casar. Com a decisão do amigo e sem perspectiva de investir na carreira artística, Antônio Lino acabou desistindo da dupla e Alfredo Rodrigues Paniago, pouco depois, tornou-se locutor de programa sertanejo na Rádio Educadora, conhecido no meio radiofônico como “Alfredinho, o Deputado do Sertão” devido ao grande número de cartas que recebia nos tempos áureos do rádio.¹⁷⁴

Não foi possível mensurar a quantidade de duplas caipiras locais que surgiram neste período, mas Antônio Lino afirma que existiam muitas, apesar de não se recordar dos nomes. Tal colocação faz sentido se considerarmos que as emissoras locais reservavam um espaço considerável para programas sertanejos, normalmente irradiados no início da manhã e final da tarde, horários compatíveis com o início e fim de uma jornada de oito horas de trabalho, comum à maioria dos ouvintes.

Também com programa exclusivo, a dupla “Maranhão e Maranhense” teve passagens pelas rádios Educadora e Difusora locais, chegando a gravar um disco de 78rpm pela gravadora Odeon. O disco infelizmente se perdeu, mas a família de Aníbal Olímpio Martins (Maranhão) ainda conserva uma pequena fotografia, bem como um folheto de divulgação patrocinado pela Oficina Rolex. De acordo com os filhos¹⁷⁵ de Aníbal, o pai fazia sucesso na cidade e se apresentava em muitos bailes. Foi o casamento com a mãe, Maria Rosa, que contribuiu para o fim precoce da carreira. No início da década de 1970, a conversão religiosa para uma igreja evangélica afastou Aníbal definitivamente dos palcos.

¹⁷⁴ RODRIGUES, Alfredo. Entrevista exibida no Programa Close, veiculada originalmente em 27 de junho de 1993. Disponível no sítio eletrônico: <http://close.com.br/museu/alfredinho-o-deputado-do-sertao/>. Acesso em 03/10/2016. Locutor bastante popular na cidade de Uberlândia, Alfredinho foi eleito vereador na década de 1960.

¹⁷⁵ Alan Kardec Olímpio Martins e Alencar Olímpio Martins, filhos de Aníbal e Maria Rosa. Entrevista concedida na casa de Alencar, em 04/10/2016, com duração de 30 minutos.

Imagem 17 – Maranhão e Maranhense. Década de 1960



Fonte: Acervo Pessoal da família de Aníbal Olímpio Martins (Maranhão).

**Imagem 18 – Folheto de divulgação da dupla “Maranhão e Maranhense”.
Patrocínio da Oficina Rolex.**



Fonte: Acervo Pessoal da família de Aníbal Olímpio Martins (Maranhão).

As fotografias de divulgação das duplas sertanejas seguiam, aparentemente, um padrão. Nota-se, por exemplo, que os cantores estão sempre segurando suas violas, com lenços amarrados no pescoço. Os parceiros vestem trajes idênticos e a posição dos artistas para o registro fotográfico é bastante semelhante. Nos instrumentos musicais também é possível identificar as siglas ou o nome artístico de cada um dos músicos, uma espécie de marca registrada das duplas.

Para as emissoras de rádio desse período era interessante contratar cantores locais para seu *casting*, e ao promover esses personagens ela consolidava sua imagem junto à população. Com as apresentações desses cantores nos programas radiofônicos, a emissora atraía mais ouvintes, bem como os comerciantes locais, sempre interessados em anunciar seus produtos e ampliar seus lucros.¹⁷⁶

Talvez a maior expressão da música caipira local tenha sido a dupla Pena Branca e Xavantinho, lançada na Rádio Educadora em um programa apresentado pelo Coronel Hipopóta:

Em 1961, Pena Branca e Xavantinho começaram a sonhar alto apresentando-se, pela primeira vez, nesse meio de comunicação, na rádio Educadora de Uberlândia, com o nome José e Ranulfo. O apresentador, conhecido como Coronel Hipopota, achando estranho aquele nome, sugeriu-lhes que adotassem outro. Assim, nasceu o nome “Peroba e Jatobá”, que, mais tarde, passou a ser “Barcelo e Barcelinho”, “Zé Miranda e Beira Mar”. E não parou por aí. Pouco depois, mudaram novamente para “Xavante e Xavantinho”, fazendo uma homenagem ao índio brasileiro.¹⁷⁷

Conciliando o trabalho braçal e as apresentações artísticas na cidade de Uberlândia e região, José Ranulfo Sobrinho (Pena Branca) e Ranulfo Ramiro da Silva (Xavantinho), moradores do bairro Patrimônio¹⁷⁸, conseguiram grande aceitação popular. No final da década de 1960 foram para São Paulo, onde aos poucos se inseriram no mercado radiofônico e fonográfico, alcançando popularidade nacional.

Os shows de calouros, as apresentações musicais das duplas caipiras e a promoção dos carnavais de rua na cidade – somados aos programas de estúdio, que irradiavam vários

¹⁷⁶ MACHADO, Maria Clara Tomás; REIS, Marcos Vinícius de Freitas. As toadas do sertão: vida e obra da dupla Pena Branca e Xavantinho. In: **Reforma Agrária: balanço crítico e perspectivas**, 2006.

¹⁷⁷ PAULA, Andréa Cristina. **A religiosidade na voz de Pena Branca e Xavantinho**. Dissertação (Mestrado em Letras). Uberlândia, UFU, 2012, p. 25.

¹⁷⁸ Segundo Antônio Pereira, o bairro Patrimônio sempre foi desprezado pela Administração Pública, sendo o último a receber os benefícios da modernidade, como iluminação, pavimentação e redes de água e esgoto. O bairro, habitado em sua maioria por negros, é considerado como centro de referência da cultura popular na cidade, “com seus congados, reisados, procissões, benzeções, festas típicas [...]”. SILVA, Antônio Pereira. **As Histórias de Uberlândia**. Vol. I. Uberlândia: 2002, p.38.

gêneros musicais, como tangos, boleros e música rancheira mexicana – são sinais de que a Rádio Educadora tentava, de fato, abarcar diferentes gostos.

Nos auditórios do “Palácio”, os populares participavam da programação, interagindo com os artistas locais e, muitas vezes, se apresentando como calouros, seja na tentativa de se tornar um artista, ou simplesmente por diversão. Nos palcos e no auditório, especialmente aos fins de semana, negros e brancos, homens, mulheres e crianças de todas as idades, compartilhavam o mesmo espaço, suas experiências, seu tempo de lazer.

Todavia, o fato de reservar grande parte de sua programação aos programas que agradavam a massa não significou o abandono aos anseios da elite. Diariamente a emissora inseria, entre um e outro programa popular, crônicas sobre a cidade e sua população, demonstrando que a ZYV-38 não abandonara seu papel interventivo, em prol da formação de um modelo ideal de cidadão uberlandense. Como veremos a seguir, a Rádio Educadora ainda buscava “ensinar” a população através de suas ondas.

3.2 Progresso e civilidade nas crônicas radiofônicas de Dantas Ruas

Durante a entrevista realizada com Dona Fátima, ouvinte da Rádio Educadora, uma grata surpresa. Ela sai da sala, vai até o quarto em que guarda seus inúmeros discos e retorna com um específico em mãos: *“De mim para você”*, uma seleção de crônicas gravadas pelo famoso locutor da ZYV-38, Altamirando Dantas Ruas.

Gravado na década de 1970 nos estúdios da PUBLISOL, em São Paulo, o disco pode ser considerado um indício da popularidade alcançada pelo locutor na década anterior, dadas as limitações existentes na época para que um artista conseguisse o “feito” da gravação de um disco próprio. No canto esquerdo inferior da capa, temos a seguinte apresentação:

Dantas Ruas é um homem do povo.

A extraordinária sensibilidade que emana de suas crônicas alcança em cheio o coração que busca carinho e compreensão. E cobre com extrema felicidade essa necessidade que caracteriza o homem de nossa época, avido de quem lhe desperte sentimentos, muitas vezes adormecidos, mas nunca falecidos.

Nesse seu primeiro disco, Dantas lança com a espontaneidade comum que norteia às crianças em seus primeiros passos, essa alma de poeta e cronista que Deus lhe deu, e que ele transpõe para essas belas páginas, generosamente oferecidas à você.

À você, que no anonimato do cotidiano, representa o mundo maior à que Dantas Ruas se dedica: o maravilhoso mundo da comunicação, onde felizmente os sentimentos não foram substituídos por máquinas e onde, até hoje, os homens são tratados como gente.

Imagem 19– Capa do disco “De mim para você”, do locutor Dantas Ruas.



Fonte: Acervo Pessoal de Fátima Zuquete Silva.

A caracterização de Dantas Ruas como “homem do povo”, além de remeter à sua popularidade artística e sua atuação política, traz à tona uma representação do locutor como poeta sensível, capaz de trazer à tona sentimentos que os ouvintes só conseguem alcançar através de sua narrativa. A crítica ao “homem de nossa época”, menos sensível a determinados temas cotidianos, vem acompanhada da importância conferida às crônicas, “generosamente oferecidas” ao público, como uma estratégia de despertar emoções em um período marcado por mudanças tecnológicas e, consequentemente, transformações nas relações cotidianas e de trabalho, com a crescente substituição da mão-de-obra humana por máquinas.

A reação de Dona Fátima ao ouvir novamente a voz grave do locutor em seu aparelho de som, hoje pouco utilizado por ela, reforça o discurso de apresentação registrado na capa do disco. O entusiasmo em passar por cada uma das faixas, expressado por breves interlocuções, como “olha que maravilha”, “escute como a voz dele é linda”, “essa é minha crônica favorita”, sugere que Dantas Ruas e suas crônicas têm espaço na memória daqueles que ouviram suas narrativas no passado.

Porém, mais que despertar emoções, as crônicas do locutor foram marcadas por conteúdos fortemente moralizantes. Ao tratar de questões cotidianas, Dantas Ruas frequentemente utilizava o microfone da Rádio Educadora para “orientar” a população, ora criticando comportamentos considerados impróprios, ora elogiando atitudes consideradas dignas e condizentes com uma cidade “da cultura e do progresso de Uberlândia”. Neste sentido, os temas mais comuns abordados nas crônicas dizem respeito às ações de caridade promovidas por determinados grupos, bem como o crescimento “vertiginoso” da cidade, constantemente relacionado ao perfil do povo uberlandense:

Uberlândia é um imenso coração onde a bondade de seus filhos mantém permanentemente acesa a lâmpada votiva dos ensinamentos de Cristo. Um povo que age assim planta diariamente sua grandeza futura, além de legar aos seus descendentes, páginas de ouro de uma vida digna e dignificante.¹⁷⁹

A solidariedade dos moradores de Uberlândia é uma constante nas narrativas, que frequentemente eram utilizadas em prol de algum necessitado ou de uma entidade beneficente. A representação do uberlandense como um povo “caridoso”, “solidário” e “cristão”, por sua vez, era associada ao desenvolvimento da cidade, este último considerado fruto da generosidade de seu povo.

No mesmo sentido, as crônicas radiofônicas também serviam como “espaço” para divulgação de eventos beneficentes promovidos pela elite uberlandense, como uma espécie de contribuição dada pela emissora, que frequentemente “convocava” seus moradores a participar da boa ação:

Não é desconhecido de ninguém o alto espírito da gente uberlandense quando se trata de ir em socorro dos menos favorecidos da fortuna. Desconhecemos mesmo que alguma campanha lançada neste sentido tenha deixado de dar seus frutos, ou viesse a morrer no nascedouro. Hoje mais uma vez os sentimentos altruístas dos que aqui residem serão postos à prova. Às 20 horas, no salão de festas do Uberlândia Clube será criado o “Samburá Benéfico”, cujo fim único, é de levar uma ajuda substancial às instituições de caridade. E Uberlândia, mais uma vez, estará presente a mais esta convocação. Assim tem sido sempre através dos anos, porque a centelha divina veio habitar com mais intensidade no coração de nosso povo. Terra privilegiada, aqui se constrói algo de diferente, onde as ambições não medram senão no sentido das coisas eternas. **De que nos serviria deter em mãos um índice assustador de progresso se também não o tivéssemos conquistado no terreno espiritual? Felizmente Uberlândia marcha consciente para um destino grandioso, cimentado de fato no progresso, mas regado com as lágrimas de bondade e amor ao próximo. [grifo nosso]**¹⁸⁰

¹⁷⁹ RUAS, Altamirando Dantas. Crônica da Tarde. 09/05/1962. Acervo Dantas Ruas. Arquivo Público Municipal.

¹⁸⁰ Idem, 05/02/1963.

Nos intervalos entre um e outro programa popular, as crônicas sobre a cidade também ressaltavam o papel de intervenção exercido pela Rádio Educadora em outras esferas das relações sociais, como por exemplo, nas celebrações religiosas:

Somente hoje poderemos falar da última semana, vivida pela nossa cidade, quando das comemorações da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Uberlândia cristã esteve presente em todos os atos da liturgia católica, e aqueles que por circunstâncias alheias às suas vontades deixaram de comparecer, receberam a palavra de fé através das transmissões da Rádio Educadora. Acreditamos ao empreender serviço de tal envergura, têr atendido a quasi totalidade de nossa gente, que por formação e origem, sente a sombra da cruz pairando sobre suas cabeças. Quando falamos aqui que a cidade já possui um rádio adulto, o afirmamos com convicção. Tudo aquilo que se realiza nos grandes centros, também podemos fazer, pela homogeneidade de nosso conjunto e pelo senso de responsabilidade dos que o compõem. Os nossos olhos estão sempre voltados para o alto, naquela busca incessante de levar aos nossos amigos o melhor, dentro do mais sadio e mais equilibrado. Seria cômodo, para nós, colocarmos a rodar discos apenas, interrompidos de vez em quando pela voz do locutor enviando uma mensagem comercial. Mas se assim o fizéssemos estaríamos traindo a confiança dos que nos honram com sua sintonia.¹⁸¹

A crônica demonstra como a emissora ocupava outros espaços na cidade, para além daqueles destinados ao lazer e entretenimento da população. Quando a emissora irradia a tradição religiosa católica, que celebra a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, entende que presta um serviço público aos cristãos uberlandenses, que são “quase a totalidade da população”.

Nota-se como o cronista reforça a responsabilidade social da rádio, que segundo ele é composta por uma equipe homogênea, consciente e com grande senso de responsabilidade social, motivo pelo qual não poderiam se limitar a irradiar uma programação meramente musical e comercial. Neste sentido, a valorização da fé católica é fator que contribui para a propagação da moral e bons costumes fundados na doutrina religiosa.

Assim, a emissora contribui para divulgar, através de suas ondas curtas, a imagem de uma cidade cristã e solidária, uma terra privilegiada, onde os “homens têm noção do seu dever para com a família e a Pátria, porque vive em comunhão com Cristo”. A alta sociedade, como boa cristã, vive em comunhão com os menos abastados, o que torna a Cidade-Jardim uma terra diferenciada e boa para se viver:

O que pensarão de nós outros, patricios nossos, que vivem nas regiões onde o dinheiro está na mão de meia dúzia, que o guarda avaramente, ao tomar

¹⁸¹ Idem, 24/04/1962.

conhecimento de que aqui, vive uma civilização diferente, onde os homens que se enriqueceram com o trabalho, mas principalmente pela terra dadivosa e boa, retribuem o que ganharam devolvendo parte dessas benesses em benefício para o seu povo? Sentirão desejos de viver em comunhão, onde a moeda não aviltou o homem, pelo contrário, o dignificou. A percentagem de uberlandenses que colocam o coração acima do estômago é tão grande, que não se chega a notar a existência de poucos, cuja preocupação é amealhar sempre mais, jamais participando de um movimento de amor e solidariedade. Estes são pingos d'água no oceano imenso de bondade que é a família uberlandense.¹⁸²

A Rádio Educadora, representada pela mídia impressa como “palácio”, “queridinha”, “rádio da elite” assume, na ótica das elites locais, o papel de porta-voz da identidade e progresso uberlandense, dando sequência ao trabalho realizado pela Rádio Difusora – PRC-6, nos tempos em que esta última era a única emissora na cidade.

As crônicas lidas por Dantas Ruas ao microfone da Educadora também revelam as estratégias da emissora de aproximação com a elite local, especialmente na série intitulada “Eu destaco você”, em que as autoridades políticas, empresários e grandes fazendeiros são constantemente homenageados, sempre de forma a ressaltar as ações de pioneirismo e empreendedorismo de tais figuras, consideradas peças-chave para o desenvolvimento da cidade.¹⁸³

Outras produções de Dantas Ruas seguiram o mesmo formato, como no caso da série *Eles plantaram para nós*, “um programa de exaltação àqueles que no desempenho de um trabalho laborioso vêm plantando a árvore do progresso no seio de nossa coletividade, aponto seus nomes e dando o seu apoio à todas as iniciativas que visam o engrandecimento de Uberlândia”.¹⁸⁴

Mas as crônicas não traziam apenas elogios dirigidos às conhecidas figuras políticas da cidade. Parte dos registros encontrados no acervo do cronista demonstra que, diversas vezes, os textos radiofônicos teceram fortes críticas à administração considerada “de oposição”, como no caso do prefeito Geraldo Ladeira:

O executivo que tanto se ufana de ter feito isto ou aquilo em benefício da coletividade, o que diga-se de passagem, temos nossas dúvidas, porque ainda não resolveu problema de tão magna importância já que de sua solução depende a saúde da população? Lixo hoje é fonte de renda para as

¹⁸² Idem, 25/09/1962.

¹⁸³ Analisando as crônicas de Dantas Ruas, Newton Dângelo observa que o jornalista adaptava e rerepresentava diversas crônicas, por vezes apenas atualizando o nome da cidade e de seus espaços, mas sempre com a intenção de manter o eixo moralizante dos textos. “Assim, em lugar da praia de Vitória do Espírito Santos, o autor insere a praça Tubal Vilela, enquanto a expressão “estendida nas areias brancas das praias” transformava-se em “estendido na cama”. Dângelo, Newton, 2012, op. cit., p. 101.

¹⁸⁴ Acervo Dantas Ruas. Scripts de Programas. *Eles plantaram pra nós*. 03/11/1962 Nesta série, a Rádio Educadora destaca a figura das grandes autoridades empenhadas na construção do Hospital de Clínicas da cidade.

municipalidades civilizadas. Sua industrialização é feita na maioria das cidades bem administradas. Seu aproveitamento, sim, seria medida de mais alto alcance econômico e sanitário, que talvez não tivesse repercussão eleitoral, mas de reais benefícios para a gente uberlandense.¹⁸⁵

Acusado de realizar apenas obras “eleitoreiras”, as quais supostamente não trouxeram nenhum benefício para a cidade e sua população, Ladeira foi duramente criticado por Dantas Ruas ao microfone da Rádio Educadora. Entendemos que tais críticas, mais que representar a opinião do locutor, representam o julgamento da emissora e de seu dirigente, Moacyr Lopes de Carvalho.

A reprovação à gestão municipal de Geraldo Ladeira rendeu, inclusive, uma crônica da série “Eu destaco você!”. Comumente utilizada para tecer elogios às figuras da sociedade uberlandense, a crônica escrita por Dantas Ruas não poupou a imagem do prefeito:

Eu destaco você, Geraldo Ladeira, prefeito municipal de Uberlândia, pelo mal que você vem causando à cidade, com uma administração desplanificada e personalista. Em tudo que você toca a mão, a coisa fica pior do que anteriormente, pela maneira desordenada com que são executadas as obras da Prefeitura. Você, Geraldo Ladeira, é um autêntico seminário de como se governar mal, de como se tumultuar o serviço público, de como se esfacular uma máquina que deveria ser azeitada em benefício da coletividade. Nunca em tão pouco tempo se destruiu o que tantos lutaram para construir, a grandeza de uma cidade.¹⁸⁶

O locutor narra com tanta propriedade sobre as mazelas da administração municipal que nos remete à ideia de que ele teria vivenciado, como cidadão uberlandense indignado, as falhas administrativas cometidas pelo prefeito, bem como suas promessas de campanha que, de acordo com o cronista, não foram realizadas:

Onde estão as obras que apregoou quando candidato? Onde está a assistência aos menos favorecidos? Onde estão os serviços de água, esgotos e calçamentos prometidos aos bairros onde ia buscar votos? Tudo desapareceu no roldão, das promessas falhas e demagógicas. Estamos quase no apagar das luzes de sua gestão e o que você irá apresentar quando deixar o cargo que teve em suas mãos o sabor de sinecura? Nada. Um rosário de feitos negativos, e o que é mais doloroso, em uma cidade que cada dia mais se positiva com afirmação de desenvolvimento e progresso.¹⁸⁷

O discurso “inflamado” do locutor, entretanto, não representa suas experiências como morador da cidade, uma vez que a crônica foi escrita e lida ao microfone da Rádio Educadora no dia 14/09/1961, cerca de três meses após a chegada de Dantas à Uberlândia.

¹⁸⁵ Ruas, Altamirando Dantas. Crônicas da Tarde. 13/03/1962.

¹⁸⁶ _____. Eu destaco você. 14/09/1961.

¹⁸⁷ Idem, Ibidem.

Tal informação corrobora com a nossa tese de que suas crônicas não representavam apenas sua opinião sobre fatos e pessoas da urbe, mas sim às aspirações de um determinado grupo, nitidamente composto pelas elites locais, opositores políticos de Ladeira.

A oposição política fica ainda mais clara nas crônicas relativas à gestão seguinte. Quando um udenista assume o executivo da cidade, as críticas assumem um formato quase em tom de sugestão, sem qualquer acidez ou ofensa:

Sabemos de antemão que o Sr. Raul Pereira de Rezende, levará em consideração esta nossa censura à empresa de ônibus. Cioso de suas responsabilidades, seu desejo maior é o bem estar do município. Portanto, achamos de bom alvitre que o Sr. Prefeito, nosso amigo Raul Pereira de Rezende, chame por intermédio de seu auxiliar a quem está afeto o serviço de concessões, às falas, os dirigentes da empresa de transporte coletivo que nos serve. É questão de um toquezinho e pronto. Com a palavra, portanto, o Sr. Prefeito, que temos certeza se fará presente em mais esse probleminha, que uma vez solucionado trará enormes benefícios para todos.¹⁸⁸

Aparentemente os ouvintes, acostumados com as críticas realizadas pelo locutor, passaram a enviar diversas reclamações para a emissora, sobre os problemas vivenciados pelos moradores. Porta-voz das “necessidades do povo,” Dantas pedia paciência aos ouvintes, garantindo que o “amigo prefeito” resolveria os problemas da cidade: “É preciso ter um pouco de paciência. São casos que não podem ser resolvidos de afogadilho. Temos certeza que o Sr. Raul Pereira de Rezende trará solução para o problema, colocando o carro nos eixos”.¹⁸⁹

Quando as crônicas narradas ao microfone não eram homenagens dirigidas aos “figurões” da alta sociedade uberlandense, seu conteúdo era voltado para campanhas de moralização dos costumes, principalmente nos espaços públicos, como no caso dos “frequentadores educados de nossos cinemas”, uma nítida orientação sobre o tipo de comportamento adequado às moças e rapazes de “boa família” e, ao mesmo tempo, uma crítica ao comportamento inapropriado de uma “minoria” mal-educada.

Os “desvios de comportamento” de parcela da juventude são duramente combatidos pelo cronista, utilizando termos como “indigno”, “escoria social”, “órgão canceroso” e “membro gangrenoso” para caracterizar aqueles que fogem aos padrões de comportamento considerado aceito e digno da coletividade:

¹⁸⁸ RUAS, Altamirando Dantas. Crônica da Tarde. 07/03/1963.

¹⁸⁹ Idem. 11/03/1963.

Eu destaco você, frequentador educado de nossos cinemas, pela maneira civilizada com que você se porta quando em uma sala de exibições. Descentemente trajado, você conduz consigo os ensinamentos recebidos no lar, sendo em público o espelho da sua casa, e não entende como os mal-educados, que o preço de um ingresso lhe dá direito de penetrar em um salão de projeções, **indignamente vestido**, ou de praticar nele atos que atentam contra as boas normas de vida ou se constituam em afronta a nossa sociedade. Você, frequentador educado dos nossos cinemas, tem o sentido de família e sabe que a jovem que senta ao seu lado é digna de todo o respeito, ou que a senhora que é sua vizinha de cadeira poderia ser sua irmã, mãe ou sua esposa, e se sentiria mal, se tivesse que suportar a presença do outro que não você, o seu inverso, que se serve de um local público para dar vazão aos seus instintos primários de **sub-produto de uma escoria social**. Você, frequentador educado de nossos cinemas, felizmente se constitui em uma maioria esmagadora, o que torna fácil a tarefa de identificar os **desclassificados** que as vezes se infiltram em seu meio no desejo de contaminá-lo com sua formação moral deturpada. Numa terra progressista como Uberlândia, esses indivíduos representam apenas um **órgão canceroso**, devendo ser extirpado para que as gerações que estão chegando possam se livrar de sua influencia. [...] Você, frequentador educado de nossos cinemas, é um exemplo que deveria florescer, porque representa exatamente a evolução de Uberlândia. [...] Eu destaco você...¹⁹⁰

A forma como os jovens se comportavam no cinema, alvo da crônica de Dantas Ruas, já era uma preocupação recorrente da elite intelectual uberlandense, interessada em preservar a boa imagem da cidade e de seus habitantes. O “problema” foi alvo do *Correio de Uberlândia* alguns anos antes:

A polícia, que tem a seu cargo a vigilância da ordem pública e da tranquilidade social deveria agir com mais rigor nos nossos cinemas. Aqueles que vão ao cinema, aproveitar-se no escuro para a permuta de carícias, as vezes impróprias e bem percebidas pelos vizinhos. Ou para falar sem parar, com esta fala idiota e aborrecida de namorados, de voz áspera ou fininha, numa conversa mole e chata, que só eles mesmos aguentam. Tais coisas não se vê em cidade civilizada. Nunca nos lembramos de nos sentir chateados ou de nos termos mudado de lugar nos bons cinemas das capitais.¹⁹¹

O comportamento “desviante” e as preferências “ultramodernas” da juventude eram constantemente combatidos pela mídia local. Este “patrulhamento” da parcela de jovens uberlandenses que se afastavam do modelo ideal de conduta era frequente. Neste período, existia uma nítida tentativa de dominar os gostos e atitudes dos jovens, especialmente aqueles influenciados pela chegada e popularização do *Rock’n’Roll* e da Jovem Guarda na cidade.

Neste sentido, é bastante exemplificativa a crônica em que Dantas Ruas destacava o Twist como “uma melodia ordinária, que alguns snobs [sic] importaram para azucrinar

¹⁹⁰ RUAS, Altamirando Dantas. Eu destaco você. 12/06/1961. Acervo Dantas Ruas. Arquivo Público Municipal.

¹⁹¹ CORREIO DE UBERLÂNDIA. Moços e moças não respeitam a lei perturbando a ordem nos cinemas. 27/07/1954.

a paciência da gente”. Para o radialista, o gênero querido por parte da juventude teria um curto reinado, “como tem acontecido com tantas outras aberrações criadas por cérebros maus ou menos sem inspiração e que, por isto mesmo não resistem a ação destruidora do tempo, que prefere a sobriedade e o classicismo”.¹⁹²

Outro aspecto interessante é a forma como a mídia tentava moldar o comportamento da população uberlandense utilizando frequentemente o argumento de que nas “grandes cidades” não havia esses “desvios”, quando na verdade a conduta da juventude era, em muito, influenciada pelas práticas e sociabilidades vivenciadas nos principais centros urbanos.

Mas se a Rádio Educadora, por um lado, irradiava crônicas com efeito moral na tentativa de exercer influência sobre o comportamento e preferências da juventude¹⁹³, por outro, investia na programação voltada para o público jovem, como nos programas comandados por Luzia Donato.

Desta forma, as fontes revelam que as aspirações iniciais da elite não foram completamente abandonadas pela emissora, mas incorporadas em sua programação, bastante diversificada, que ora se aproximava do popular e o massivo, ora dedicava suas ondas à cultura letrada, optando por um modelo de radiofonia que buscava contemplar os diferentes segmentos sociais.

¹⁹² Silva, Elmiro Lopes, op. cit., p.76 et. seq. Entendendo os jovens como sujeitos históricos, Silva analisa o Rock’and’Roll e a Jovem Guarda como movimentos musicais que sintonizam os anseios de uma faixa etária que ainda não tinha como parâmetro o “mundo adulto”, mas impôs um novo comportamento social na cidade.

¹⁹³RUAS, Altamirando Dantas. Série de crônicas “Eu destaco você”. 04/03/1963. Acervo Dantas Ruas. Arquivo Público Municipal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro contato com as fontes pesquisadas foi, ao mesmo tempo, prazeroso e intimidador. No primeiro caso, as leituras dos jornais e revistas da época, as fotografias, os scripts de programas, as entrevistas, enfim, todo o material pesquisado, remetia a um passado extremamente instigante sobre a radiofonia local, a Rádio Educadora, seus personagens, a cidade e seus espaços público e privado. Todo este material trouxe a certeza de que era possível “historiar”, ou seja, construir uma narrativa sobre a trajetória da emissora em sua época áurea.

Por outro lado, diante de tantos documentos, outras tantas possibilidades surgiram para a escrita deste trabalho, tornando difícil a tarefa de definir os temas e problemas a serem abordados. Por este motivo, optou-se por direcionar a análise aos primeiros anos de atuação da Rádio Educadora, às tensões em torno de sua criação, ao modelo de radiofonia proposto pelos seus dirigentes, seus profissionais e sua programação.

Sobre a criação da Rádio Educadora, a pesquisa apontou para uma crescente insatisfação da elite em torno da veterana Rádio Difusora, o que impulsionou o surgimento de uma concorrente. Constatou-se que chegada da nova emissora e o fim do monopólio da PRC-6 trouxeram mudanças significativas na radiofonia local, com a contratação de novos profissionais, aumento de salários e mudanças na programação das rádios, ampliando as possibilidades de lazer e divertimento dos ouvintes. Por outro lado, as fontes indicam que as tensões não foram meramente em virtude da concorrência de mercado, mas revestidas de interesses políticos que acentuavam a rivalidade entre as emissoras.

As entrevistas realizadas revelaram os bastidores de uma emissora empreendedora, com um grande número de funcionários, que investia na vinda de profissionais com reconhecimento nacional, fazendo da Rádio Educadora uma verdadeira empresa de comunicação local. Todavia, os depoimentos revelaram que, assim como a veterana, a “caçulinha” também sofria com a falta de profissionais locais e que parte da programação era inspirada nos programas de grandes emissoras do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Os depoimentos também trouxeram à tona as relações de amizade nascidas a partir da profissão, os casamentos e namoros que surgiam entre os colegas de trabalho, além de

refletirem o preconceito sofrido pelos radialistas e as dificuldades das mulheres em se manterem como radialistas, atrizes e cantoras. Mesmo encontrando inúmeras referências a estas personagens nos jornais e revistas da época, elas foram pouco lembradas pelos entrevistados.

Quanto à programação da “caçulinha”, não foram identificadas grandes inovações em relação à PRC-6. Os programas populares, especialmente os de auditório e de calouros, estiveram presentes nas duas emissoras, além das apresentações de duplas sertanejas serem bastante frequentes em ambas. Sabe-se que na Rádio Difusora também eram irradiadas crônicas, todavia, pela ausência de documentos, não foi possível estabelecer uma comparação mais aprofundada sobre os textos narrados nas duas rádios.

Neste sentido, apesar das aspirações da elite intelectual uberlandense, que insistia na existência de uma emissora com caráter educativo, as fontes revelam que a Rádio Educadora também investiu em uma programação popular ao mesmo tempo em que, ao irradiar crônicas de conteúdo moral, buscava “educar” a população e divulgar uma imagem bastante ufanista da cidade, sob o um discurso progressista que valorizava a cidade e sua população, colaborando para uma representação bastante homogênea do povo uberlandense como caridoso, ordeiro, educado e trabalhador.

Pela análise das fontes escritas, verificou-se que havia um grande alinhamento da nova emissora com os principais impressos da cidade. Neste sentido, mesmo os programas populares eram elogiados pela imprensa escrita, diferente do que ocorreu em anos anteriores com PRC-6. A proximidade entre estes veículos de comunicação, sem dúvida, contribuiu para que a Rádio Educadora se consolidasse na cidade.

Por fim, espera-se que este trabalho tenha contribuído para as reflexões sobre a radiofonia local uberlandense e que fomente o interesse de outros pesquisadores em se enveredarem pela temática. Há uma gama de documentos ainda inexplorados. O rádio permanece vivo.

FONTES

Depoimentos Orais

1 – Ademir Torido Reis, radialista aposentado, 66 anos, entrevista concedida no dia 27/04/2016, em seu escritório na Câmara, com duração de 2h04m16s.

2 – Alan Kardec Olímpio Martins, profissional liberal, 54 anos. Filho de Aníbal Olímpio Martins (Maranhão). Entrevista concedida na casa de Alencar, em 04/10/2016, com duração de 30 minutos.

3 – Alencar Olímpio Martins, profissional liberal, 52 anos. Filho de Aníbal Olímpio Martins (Maranhão). Entrevista concedida em sua residência, em 04/10/2016, com duração de 30 minutos.

4 – Antônio Lino Alves, 89 anos, aposentado. Entrevista concedida em sua residência no dia 01/09/2016, com 1h18m de duração.

5 – Antônio Pereira da Silva, jornalista, colunista do jornal Correio de Uberlândia, colecionador e pesquisador da música popular brasileira. Entrevista concedida em sua residência, em 02/11/2015, com duração de 43m52s.

6 – Cora Pavan Caparelli, pianista, fundadora do Conservatório Estadual de Música de Uberlândia, com passagens pela Rádio Educadora. Entrevista concedida em sua residência, em 22/09/2015, com duração de 56m30s.

7 – Fátima Zuquete Silva, ouvinte de rádio, 72 anos, entrevista concedida em sua residência, em 14/07/2016, com duração de 1h15m16s.

8 – Gregório José Lourenço Simão, 51 anos, radialista e jornalista, filho dos radialistas Agenor e Aníria Simão. Entrevista concedida nos bastidores da TV Bandeirantes, no dia 02/11/2015, com 20m23s de duração.

9 – Josué Borges de Santana, radialista aposentado, 73 anos, entrevista concedida em sua residência, no dia 30/10/2015, com duração de 1h5m23s.

10 – Luzia Donato Olsen, 72 anos, ex-locutora da Rádio Educadora e proprietária de loja de discos. Entrevista concedida no seu estabelecimento, em 21/11/2015, com duração de 30 minutos.

11 – Odival Antônio Ferreira, radialista aposentado, 68 anos, entrevista concedida em sua residência, no dia 04/11/2015, com duração de 57m53s.

12 – Maria Luciene Simão, 50 anos, filha dos radialistas Aníria e Agenor Simão. Entrevista concedida em sua residência, no dia 28/04/2016, com duração de 01h17m44s.

13 – Maurílio Pereira de Oliveira, mais conhecido no meio radiofônico como Maurílio Catito, radialista aposentado, 69 anos, entrevista concedida em sua residência no dia 20/11/2015, com duração de 1h48m36s.

14 – Sandoval da Silva, 77 anos, aposentado, entrevista concedida em sua residência, em 14/07/2016, com duração de 1h15m16s.

Créditos das Ilustrações

Acervo Antônio Lino Alves

Acervo Alencar Olímpio Martins

Acervo João Quituba – Centro de Documentação e Pesquisa em História – CDHISUFU

Acervo Osvaldo Naghetini – Arquivo Público Municipal

Acervo Maria Luciene Simão

Jornais

Correio de Uberlândia – 1939 – 1970 (Arquivo Público Municipal)

Folha de São Paulo – 1972 (Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional)

O Repórter – 1956 – 1952 (Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional)

O Estado de Goiaz - 1941 (Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional)

Tribuna de Minas – 1966 (Arquivo Público Municipal)

Revistas

Uberlândia Ilustrada – 1939 – 1961 (Arquivo Público Municipal)

Elite Magazine – 1957 – 1959 (Arquivo Público Municipal)

Sereia – Década de 1950 (Arquivo Público Municipal)

Revista do Rádio – Década de 1950 (Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional)

A cena muda – 1952 (Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional)

Acervo Dantas Ruas (Arquivo Público Municipal)

Material da Coleção:

Crônicas escritas e lidas ao microfone da Rádio Educadora.

Scripts de novelas de rádio e TV, cartas de ouvintes, scripts de programas de estúdios.

Portarias/Leis/Decretos

BRASIL. Portaria nº 141, de 18 de fevereiro de 1953. Diário Oficial Da União.

BRASIL. Portaria nº 1.207, de 15 de dezembro de 1954. Diário Oficial Da União.

BRASIL. Portaria nº 759, de 05 de setembro de 1955. Diário Oficial Da União.

BRASIL. Decreto nº 20.047, de 27 de maio de 1931. Coleção de Leis do Brasil. 31/12/1931. p. 361.

BRASIL. Decreto nº 21.111, de 01 de março de 1932. Coleção de Leis do Brasil. 31/12/1932. p. 285.

BRASIL. Decreto nº 24.655, de 11 de julho de 1934. Coleção de Leis do Brasil. 31/12/1934. p. 754.

BIBLIOGRAFIA

Livros/Teses/Dissertações/Artigos científicos:

Adorno, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado. Ensaaios de teoria da História**. Bauru: Edusc, 2007.

ALMANAQUE. **Uberlândia de ontem e sempre**. Uberlândia: Nós Projetos de Comunicação. Ano 4, nº 6, fev. 2014.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 4ª ed. São Paulo:HUCITEC; Brasília: INL, 1981.

BARROS, José D' Assunção. História e memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço. **MOUSEION**, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados In: **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

BRITO, Diogo de Souza. **Negociações de um sedutor: a trajetória de Goiás no meio artístico sertanejo (1954-1981)**. Dissertação (Mestrado em História). Uberlândia: UFU, 2009.

CALABRE, Lia. A Era do Rádio – Memória e História. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História**. João Pessoa, 2003.

_____. História e rádio: um campo de estudos promissor. In: **Revista do Mestrado de História**, Vol.9, nº10, 2007.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**. São Paulo: Edusp, 1998.

CARBONEL, Dino Giovanni Gozzer. **Do memorial ao Uberlândia Clube – deslocamentos urbanos e temporais**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

CASTRO, Kellen Cristina Marçal. **Cinema: mudanças de hábito e sociabilidade no espaço urbano de Uberlândia – 1980 a 2000**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1 – artes de fazer**. 9ªed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995.

_____. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DÂNGELO, Newton. **Aquele povo feliz, que ainda não sonhava com a invenção do rádio: cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana – Uberlândia – 1900-1940**. Uberlândia: EDUFU, 2005.

_____. **Vozes da cidade: rádio e cultura popular urbana em Uberlândia-MG 1939/1970**. Uberlândia, EDUFU, 2012.

_____. Entre alto-falantes e o amigo de todas as horas. In: Diogo de Souza Brito; Eduardo Moraes Warpechowshi. (Org.) **Uberlândia revisitada: memória, cultura e sociedade**. Uberlândia: EDUFU, 2008, v. 1.

DAVIS, Natalie Zemon. **O retorno de Martin Guerre**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DUARTE, Geni Rosa. Risos de muitos sotaques: o humorismo no rádio paulistano (1930-50). In: **ArtCultura**, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 181-193, jul.-dez. 2007.

GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GUIMARÃES, Eduardo Nunes. **Formação e desenvolvimento econômico do Triângulo Mineiro: integração nacional e consolidação regional**. Uberlândia: EDUFU, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

JAMBEIRO, Othon. (et. al.). **Tempos de Vargas: o rádio e o controle da informação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

LAZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral**. 8ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papirus/UNICAMP, 1986

_____. **Cantores do Rádio – A trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

LIMA, Nilsângela Cardoso Lima. **Invisíveis asas das ondas ZYQ-3: sociabilidade, cultura e cotidiano em Teresina (1948-1962)**. Dissertação (Mestrado em História). Terezina: UFPI, 2007.

MACHADO, Maria Clara Tomás; REIS, Marcos Vinícius de Freitas. As toadas do sertão: vida e obra da dupla Pena Branca e Xavantinho. In: **Reforma Agrária: balanço crítico e perspectivas**, 2006.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. “Há serpentes no paraíso”. In: SOLLER, Maria Angélica & MATOS, Maria Izilda S. (orgs.). **A cidade em debate**. São Paulo: Olhos D’Água, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MELLO, João M. C. de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARZ, L.M. (org) **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 4.

MURCE, Renato. **Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

MUSTAFA, Izani. As mulheres na Rádio Difusora AM de Joinville (1941-1961). In: Luciano Klöckner e Nair Prata. (Org.). **Mídia Sonora em 4 Dimensões**. Porto Alegre: Edipucrs - Editora Universitária da PUCRS, 2011.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música caipira: da roça ao rodeio**. São Paulo: Editora34, 1999.

OLIVEIRA, Júlio César. **Ontem ao luar: o cotidiano boêmio da cidade de Uberlândia (MG) nas décadas de 1940 a 1960**. Uberlândia: EDUFU, 2012.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo: Summus, 1985.

PACHECO, Fábio Piva. **Mídia e poder: representações simbólicas do autoritarismo na política. Uberlândia – 1960/1990.** Dissertação (Mestrado em História). Uberlândia: UFU, 2001.

PAULA, Andréa Cristina. **A religiosidade na voz de Pena Branca e Xavantinho.** Dissertação (Mestrado em Letras). Uberlândia, UFU, 2012.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cultura e representações, uma trajetória. In: **Anos 90**, PPGH/UFRGS, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006, p. 45-58.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Proj. História**, São Paulo, (14), fev. 1997.

RANGEL, Jorge Antônio. **Edgard Roquette-Pinto.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

RÉDUA, Wagner Cesar. **Catira: música, dança e poesia no mundo rural (Uberaba século XX).** Dissertação (Mestrado em História). Uberlândia, UFU, 2010.

ROQUETTE-PINTO, Vera Regina. Roquette-Pinto, o rádio e o cinema educativos. **REVISTA USP**, São Paulo, n.56, p. 10-15, dezembro/fevereiro 2002-2003.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e Abusos da História Oral.** 8ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SANTANA, Eliene Dias de Oliveira. **Cultura Urbana e Protesto Social: o quebra-quebra de 1959 em Uberlândia-MG.** Dissertação (Mestrado em História). Uberlândia: UFU, 2005.

SANTIAGO JÚNIOR, F.C. Fernandes. História e Comunicação: a Rádio Pioneira de Teresina e seu público nos anos 1990. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. JÚNIOR, F.C. Fernandes Santiago (org.). **Rádio: Encruzilhada da história: rádio e memória.** Recife: Bagaço, 2006.

SANTOS, Regma Maria. Política e espetáculo: o papel do rádio nas eleições de Uberlândia em 1958. **OPIS - Revista do NIESC**, Vol. 5, 2005, p. 42-62.

SAROLDI, Luiz Carlos & MOREIRA, Sônia Virgínia. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional de Música/Divisão de Música Popular, 1984.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) **História da Vida Privada no Brasil: República: Da Belle Époque à Era do Rádio**, vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Uberlândia: da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado – imagens e representações no Triângulo Mineiro**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

SILVA, Antônio Pereira. **História do Carnaval de Uberlândia**. Uberlândia: Secretaria Municipal de Cultura, 2007.

_____. **As Histórias de Uberlândia**. Vol. I. Uberlândia: 2002.

Elmiro Lopes da. **Música, juventude e comportamento: nos embalos do Rock’n’Roll e da Jovem Guarda (Uberlândia, 1955-1968)**. Dissertação (Mestrado em História). Uberlândia, 2007.

SILVA, Idalice Ribeiro. **Flores do mal na Cidade Jardim: comunismo e anticomunismo em Uberlândia – 1945-1954**. Dissertação (Mestrado em História). UNICAMP. Campinas, SP, 2000.

SIMIS, Anita. A legislação sobre as concessões na radiodifusão. **UNIrevista** - Vol. 1, nº 3: (julho 2006).

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Cultura e Sociedade: 1980-1950**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

Sítios eletrônicos:

BAÚ DO MAGA. Disponível em: <http://baudomaga.com.br>. Último acesso em 14 de fev. 2017.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Disponível em <http://www.correiodeuberlandia.com.br>. Último acesso em 14 de fev. 2017.

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. Disponível em <http://dicionariompb.com.br/>. Último acesso em 14 de fev. 2017.

GAZETA DO TRIÂNGULO. Disponível em <http://www.gazetadotriangulo.com.br/>. Último acesso em 14 de fev. 2017.

MUSEU VIRTUAL UBERLÂNDIA DE ONTEM E SEMPRE. Disponível em <http://close.com.br>. Último acesso em 14 de fev. 2017.

O POPULAR. Disponível em <http://www.opopular.com.br>. Último acesso em 14 de fev. 2017.

PORTAL MÁRIO PALMÉRIO. Discursos Parlamentares. Disponível em <http://www.uniube.br/mariopalmerio/politica/discursos.php>. Último acesso em 14 de fev. 2017.